



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PosEduc
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO HUMANA E DESENVOLVIMENTO
PROFISSIONAL DOCENTE

FRANCISCO DONIZETE DE SOUZA

**ENTRE O CAMINHO DA ESCOLA E O DO ROÇADO: A CONSTITUIÇÃO DA
LONGEVIDADE ESCOLAR DE FILHOS AGRICULTORES EM FAMÍLIAS DE
BOI SELADO – JUCURUTU/RN**

MOSSORÓ/RN

2017

FRANCISCO DONIZETE DE SOUZA

**ENTRE O CAMINHO DA ESCOLA E O DO ROÇADO: A CONSTITUIÇÃO DA
LONGEVIDADE ESCOLAR DE FILHOS AGRICULTORES EM FAMÍLIAS DE
BOI SELADO – JUCURUTU/RN**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – POSEDUC como requisito básico para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dr^a Maria da Conceição Lima de Andrade

MOSSORÓ/RN

2017

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S729e Souza, Francisco Donizete de
Entre o caminho da escola e o do roçado: A constituição da longevidade escolar de filhos agricultores em famílias de Boi Selado Jucurutu RN. / Francisco Donizete de Souza. - Mossoró-RN, 2017. 131p.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria da Conceição Lima de Andrade.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Família. Escola. Sucesso escolar. Longevidade escolar. Filhos agricultores.. I. Andrade, Maria da Conceição Lima de. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

FRANCISCO DONIZETE DE SOUZA

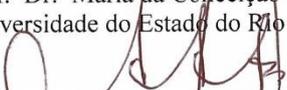
ENTRE O CAMINHO DA ESCOLA E O DO ROÇADO: A CONSTITUIÇÃO DA
LONGEVIDADE ESCOLAR DE FILHOS AGRICULTORES EM FAMÍLIAS DE BOI
SELADO - JUCURUTU/RN

DATA DE APROVAÇÃO: 04/09/2017

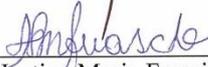
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição Lima de Andrade
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte



Prof. Dr. Alessandro Augusto de Azevedo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Prof.^a Dr.^a Hostina Maria Ferreira do Nascimento
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa, Iranete Suzana que muito contribuiu, sendo compreensiva com a minha ausência em alguns momentos dessa caminhada; aos meus filhos José Douglas, Carlos Vinicius, Bruno Gabriel e Ícaro Emanuel, que embora sendo adolescentes, respeitaram meus horários de estudo; aos meus pais, seu Raimundo e dona Francisca, que ao longo dessa minha caminhada me deram os direcionamentos certos para que minha trajetória escolar se transformasse em mais um caso de sucesso e a todos os filhos agricultores que buscam via escolarização um futuro melhor.

MEUS AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Deus pelo dom da vida e por ter me conduzido todos os dias de minha vida sobre sua divina proteção.

A Dr^a. Maria da Conceição Lima de Andrade pela sua orientação competente e disponibilidade em todas as etapas da pesquisa. Seus ensinamentos estão gravados em minha memória e com certeza mudaram meu jeito de pensar. Obrigado também pela sua paciência para comigo durante os encontros semanais.

Ao Dr. Gilson Ricardo de Medeiros Pereira pela honrosa contribuição dada nos encontros do grupo de pesquisa e durante as aulas das disciplinas por ele ministradas.

A Dr^a. Hostina Maria Ferreira do Nascimento pela valorosa contribuição apresentada durante a qualificação. Obrigado pela amizade e pelos saberes partilhado com esse eterno aprendiz.

Aos pais agricultores e aos filhos destes, que me acolheram em suas residências, permitindo que conhecesse um pouco de suas histórias de vida. Obrigado pela disposição em colaborar com a realização desta pesquisa.

Agradeço aos meus irmãos Aparecida, Francisca, Isabel, Lucia, João, Fátima, Márcia, Selma, Raimundo, Souza Neto, Da Guia e Jorge pela alegria que sentem com minhas conquistas.

À colega do mestrado Ranielli Carvalho por ter compartilhado comigo leituras e anseios.

À Adiza Cristiane Secretaria do Mestrado em Educação, que sempre tão simpática e eficiente sempre colaborou com informações durante o desenvolvimento deste trabalho, e aos demais professores do curso.

Enfim, obrigado a todos os amigos e amigas.

Lembro do que pai dizia
No caminho do roçado:
_ à tarde, vá para a escola,
Mesmo que esteja cansado.
Pois lá, o que aprender,
Fará você entender
Às lutas que tenho travado.

Como herança eu te deixo
Apenas o conhecimento.
As dores que eu me queixo
Não sejam seu sofrimento.
Um futuro melhor que o meu
Usando o que aprendeu
Para ganhar o seu sustento.

(Francisco Donizete de Souza)

RESUMO

No Brasil, existem estudos que abordam a questão das trajetórias escolares bem-sucedidas e alguns desses estudos estão relacionados à ocorrência desses eventos nas famílias das camadas populares, mostrando, sobretudo, que o sucesso escolar como objeto de estudo, nos meios populares da sociedade é um campo fértil à pesquisa. Neste trabalho, apresento os resultados de uma pesquisa que aborda a ocorrência desses eventos nas trajetórias escolares de filhos agricultores. Esta pesquisa tem como objetivo compreender os fatores constituintes que favoreceram o prolongamento das trajetórias escolares de um grupo de filhos de agricultores da comunidade rural de Boi Selado em Jucurutu-RN. Participaram desta pesquisa, como agentes colaboradores, onze filhos de agricultores que permaneceram no sistema escolar de ensino até o Ensino Superior e oito pais agricultores que constituíram, por meio de entrevistas, a base empírica da investigação. A análise dos dados conduz à compreensão de que dentre os fatores presentes na constituição da longevidade escolar dos agentes colaboradores dessa pesquisa estão: o capital social dos pais, o acompanhamento da vida escolar dos filhos, as disposições mobilizadoras dos filhos agricultores e as suas disposições temporais em relação ao futuro. Ressalta-se, ainda que esses fatores se relacionam e podem agir em maior ou em menor grau na trajetória escolar de filhos de um mesmo núcleo familiar.

Palavras-chave: Família. Escola. Sucesso escolar. Longevidade escolar. Filhos agricultores.

ABSTRACT

In Brazil, there are studies that address the issue of educational trajectories successful and some of these studies are related to the occurrence of these events in families of the popular strata, showing mostly, that the school success as an object of study, of society is a fertile field for research. In this paper, I present the results of a survey that addresses the occurrence of these events in the school trajectories of children farmers. This research aims to comprehend the constituent factors that favored the extension of the school trajectories of a group of farmers children in the rural community of Boi Sealedo in Jucurutu-RN. Participated in this survey, collaborating agents, eleven children of farmers who remained in the school system of education to higher education and eight parent's farmers who constituted, through interviews, the empirical basis of the investigation. The analysis of the data leads to the understanding that among the present factors in the constitution of the school longevity of collaborating of this research are: the social capital of parents, the monitoring and investments made in the school life of the children, the mobilizing provisions of the former children and their temporal dispositions regarding the future. It stands out, yet that these factors relate to each other and can act a greater or lesser extent in the school trajectory of the same family nucleus.

Keywords : Family. School. School success. School Longevity. Children farmers.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
1.1 UNIVERSALIZAÇÃO DO ACESSO À ESCOLA NO BRASIL.....	13
1.2 A EFETIVAÇÃO DO SUCESSO ESCOLAR: UM CAMINHO TRILHADO ENTRE O ROÇADO E ESCOLA.....	15
1.3 OS ESTUDOS SOBRE LONGEVIDADE ESCOLAR NO BRASIL.....	18
1.4 A LOCALIZAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL DOS AGENTES COLABORADORES DA PESQUISA.....	21
1.5 METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	23
2.A FAMÍLIA SOUZA: NO MEIO DO CAMINHO DA ESCOLA TINHA UM ROÇADO	26
2.1 RAIMUNDO SOUZA: O AGRICULTOR QUE PLANTOU ESPERANÇA NA VIDA ESCOLAR DE SEUS FILHOS E COLHEU ÓTIMOS FRUTOS.	28
2.2 FRANCISCA FELICIANA: AQUELA QUE REGOU A ESPERANÇA PLANTADA POR RAIMUNDO E SE ALEGRA COM OS FRUTOS COLHIDOS.....	32
2.3 APARECIDA SOUZA: O SUCESSO ESCOLAR DA PRIMOGÊNITA E A LEGITIMAÇÃO DA HERANÇA CULTURAL.....	34
2.4 FRANCISCA SOUZA: BUSCAR ATUALIZAÇÕES PROFISSIONAIS PARA MELHOR ENSINAR.....	42
2.5 ISABEL SOUZA: DISPOSIÇÃO MOBILIZADORA PARA ALÉM DE UMA ESTABILIDADE FINANCEIRA.....	48
2.6 LÚCIA SOUZA: ANDARILHA DO CAMINHO DO SABER BUSCANDO UM FUTURO MELHOR.....	57
2.7 JOÃO SOUZA: EM BUSCA DE UM TRABALHO NA SOMBRA.....	62
2.8 68 DONIZETE SOUZA: DO CAMINHO DO ROÇADO ÀS PEDALADAS DA VIDA, UMA TRAJETÓRIA EM CONSTRUÇÃO	67

2.9 MARCIA SOUZA: NÃO DEIXOU O CAVALO PASSAR SELADO E ENCONTROU UMA PROFISSÃO.....	74
2.10 SELMA SOUZA: A QUE SONHAVA EM SER JORNALISTA E SE TORNOU PROFESSORA.....	77
2.11 SOUZA NETO: INSPIRADO NO SUCESSO ESCOLAR DOS IRMÃOS MAIS VELHOS ELE ACREDITOU QUE ERA POSSÍVEL.....	81
3.ANÁLISE DE ALGUNS FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A LONGEVIDADE ESCOLAR DOS FILHOS DA FAMÍLIA SOUZA.....	84
3.1 FILHOS AGRICULTORES COM DUPLA JORNADA: A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS À LUZ DE LAMPARINA NAS PRIMEIRAS LIÇÕES.....	84
3.2 A ORDEM MORAL DOMÉSTICA UMA FORMA DE CONTROLE NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS	88
3.3 O CAPITAL SOCIAL DOS PAIS E AS AÇÕES DE CONTORNO DAS DIFICULDADES VIVIDAS.....	90
3.4 AS DISPOSIÇÕES MOBILIZADORAS DOS FILHOS AGRICULTORES NA CONSTITUIÇÃO DE SUA LONGEVIDADE ESCOLAR.....	92
3.5 O RECONHECER AS OPORTUNIDADES DISPONÍVEIS.....	94
4.A FAMÍLIA AQUINO: UM EXEMPLO DE LONGEVIDADE ESCOLAR CONSTITUÍDO ENTRE O ROÇADO E A OLARIA.....	96
4.1 JOSÉ TOMAZ DE AQUINO: O OLEIRO QUE AJUDOU A MOLDAR UM SONHO.....	97
4.2 ROSA BEZERRA DE AQUINO: DEVIDO A ESCASSEZ FINANCEIRA, APENAS UM REALIZADO.....	99
4.3 ERINEIDE AQUINO: A QUERIDINHA DO PAPAÍ OU A PRIVILEGIADA COM A ORDEM DE NASCIMENTO?.....	101
4.4 DA INTERRUPÇÃO AO RETORNO DO PERCURSO: UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR CONSTRUÍDA NO TEMPO DO POSSÍVEL.....	102
4.5 A POSIÇÃO INTERMEDIÁRIA OCUPADA NA FRATRIA E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO.....	105

5.A FAMÍLIA VASCONCELOS: A CONSTITUIÇÃO DA LONGEVIDADE ESCOLAR REAPROVEITANDO AS FOLHAS DO CADERNO.....	107
5.1 SEU MANOEL VASCONCELOS: O LAMENTO POR NÃO TER TIDO O PRIVILÉGIO DE ESTUDAR QUANDO ERA CRIANÇA.....	108
5.2 RAIMUNDA AFONSO: UMA MÃE VIGILANTE NO ACOMPANHAMENTO DO DEVER DE CASA.....	110
5.3 FRANCISCA HELENA: O SONHO DE INFÂNCIA REALIZADO SOB OS VENTOS DAS ADVERSIDADES.....	113
5.4 DO REAPROVEITAMENTO DO CADERNO AOS PONTOS DO CROCHÊ: ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS PARA SUPERAR ÀS DIFICULDADES.....	114
5.5 A VIGILÂNCIA NA EXECUÇÃO DO DEVER DE CASA: UMA FORMA DE ACOMPANHAMENTO DA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS, FEITO POR QUEM NÃO SABIA LER.....	116
6.A FAMÍLIA RODRIGUES: A MIGRAÇÃO DOS FILHOS MAIS VELHOS PARA A CIDADE GRANDE E AS IMPOSSIBILIDADES DE SUCESSO ESCOLAR.....	118
6.1 FRANCISCO RODRIGUES SOBRINHO: A INFÂNCIA VIVIDA NO ROÇADO DEVIDO A FALTA DE ESCOLA NO CAMPO.....	118
6.2 MARIA DAS DORES: A PROFESSORA PARTICULAR QUE OS PAIS AGRICULTORES PAGAVAM PAR ELA ALFABETIZAR OS FILHOS.....	120
6.3 VALDENUZIA RODRIGUES: A CAÇULA QUE FOI BENEFICIADA POR NÃO TER MIGRADO PARA A CIDADE GRANDE.....	122
6.4 UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR DE SUCESSO, CONSTITUÍDA MEDIANTE A INTERIORIZAÇÃO DA NECESSIDADE DE ESTUDAR.....	123
6.5 A PRATICIDADE NA ESCOLHA DO CURSO DE GRADUAÇÃO, UMA AÇÃO NAS POSSIBILIDADES DISPONÍVEIS.	124
CONSIDERAÇÕES	
FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS.....	129

1. INTRODUÇÃO

A inquietude sobre os motivos que levam filhos de agricultores a prolongarem suas trajetórias escolares até concluírem cursos de graduação e, até mesmo, de pós graduação, aliada à minha vivência em um ambiente familiar campesino, onde o contato com as adversidades naturais e culturais foram companheiras quase inseparáveis nessa trajetória, fez com que eu buscasse, nesta pesquisa, respostas que permitissem entender a ocorrência desse fenômeno dentro de uma comunidade rural, onde não é raro encontrar entre as famílias, pelo menos um caso de trajetória escolar prolongada. Mas, para compreendermos o significado dos eventos de “sucesso” escolar dos agentes colaboradores desta pesquisa é importante conhecermos a localização da comunidade onde vivem esses agentes.

Localizada na mesorregião do Seridó, no município de Jucurutu, estado do Rio Grande do Norte, Boi Selado é uma comunidade rural como muitas outras comunidades sertanejas com sua economia girando em torno da agricultura familiar de subsistência e da indústria de panificação. Boi Selado é um desses poucos lugares em que seus moradores ainda respiram os ares da paz.

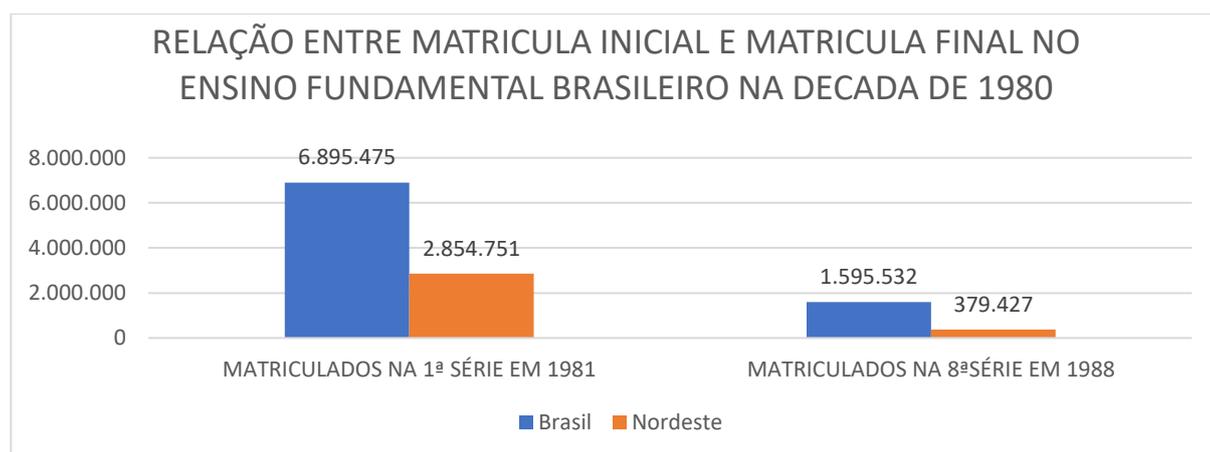
Hoje, com pouco mais de oitocentos habitantes, sua estrutura física pequena e aconchegante não impede que tenhamos acesso aos bens culturais disponíveis no mundo inteiro como: internet, telefonia móvel e uma escola, que oferece do ensino infantil ao 9º ano do ensino fundamental atendendo às demandas de nossas crianças, além de serviço básico de saúde dentre outros. Sua praça que se estende em frente à capela dedicada à Nossa Senhora da Guia, padroeira de nossa comunidade, embeleza o centro (de Boi Selado) e serve de espaço público para os eventos como, a festa da padroeira que acontece no mês de agosto.

Vejo, nessa pesquisa, a importância de apresentar os eventos de “sucesso” escolar ocorridos em famílias agricultoras dessa comunidade, filhos de uma fração da sociedade, que sofrem com os efeitos das adversidades econômicas e sociais tornando ainda mais difícil o prolongamento escolar. Faço uma reflexão sobre as possibilidades de êxito na vida escolar de filhos de famílias agricultoras, pois tenho conhecimento vivencial dessas adversidades, pois sou filho de agricultores, membro de uma família composta por 13 (treze) filhos, dos quais eu e mais 7 (sete) irmãos conseguimos alcançar a longevidade escolar com cursos de graduação e pós-graduação lato sensu. Longevidade escolar aqui entendida segundo o conceito de Viana (1998) como a permanência no sistema de ensino até o acesso ao ensino superior.

Neste texto, apresento os resultados de uma pesquisa em educação, na qual busquei conhecer e compreender as condições que constituíram o prolongamento das trajetórias escolares de filhos de agricultores na comunidade rural de Boi Selado em Jucurutu-RN, atentando para a relação de consonância entre os investimentos feitos por esses agricultores no e para o “sucesso” escolar de seus filhos e as disposições mobilizadoras desses filhos/agricultores/alunos¹ para a consolidação de sua longevidade escolar.

Vale ressaltar que eu e a maioria dos agentes colaboradores dessa pesquisa somos filhos de agricultores que vivemos nossas primeiras experiências no ambiente escolar entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, época em que a reprovação e evasão escolar ajudavam a desenhar um quadro deprimente do fracasso escolar naquele período, sobretudo na região Nordeste do Brasil.

Dados do IBGE revelam que dos mais de 6,8 milhões de alunos brasileiros matriculados na 1ª série do ensino fundamental no ano de 1981, pouco mais de 1,5 milhão, cerca de 23,13% conseguiram chegar à 8ª série do ensino fundamental no ano de 1988, ou seja, conseguiram concluir o ensino fundamental dentro da faixa etária desejável. Quanto aos dados referentes aos alunos do Nordeste brasileiro, esses números apresentam um resultado ainda mais intrigante: dos mais de 2,8 milhões, cerca de 13,29% dos alunos do Nordeste que foram matriculados na 1ª série do ensino fundamental no ano de 1981, pouco mais de 0,3 milhões chegaram à 8ª série do ensino fundamental no ano de 1988.

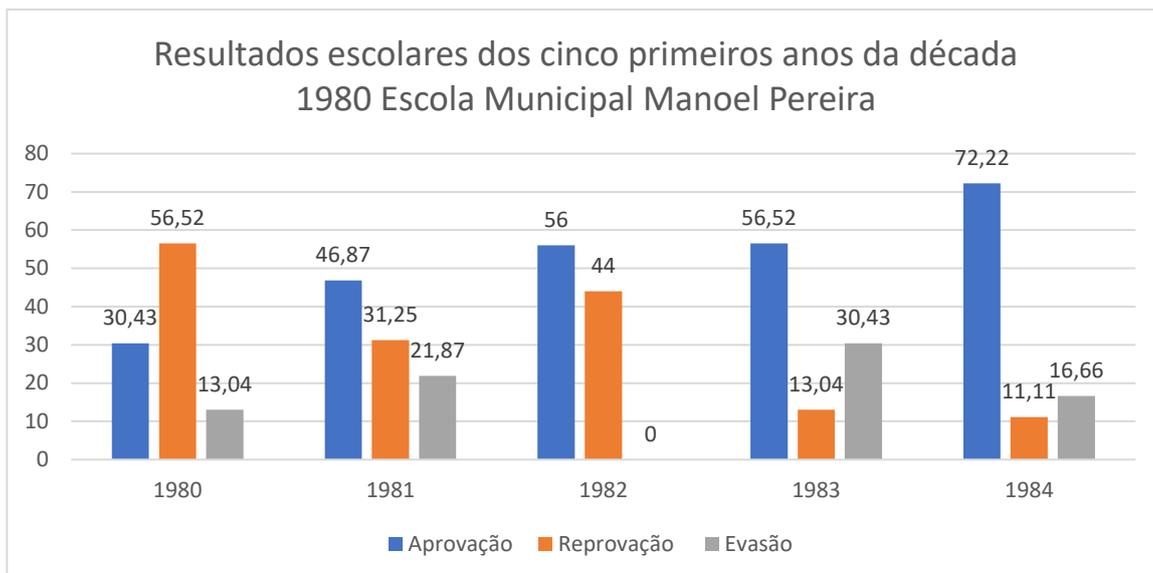


FONTE: Anuário Estatístico do Brasil 1984-1990

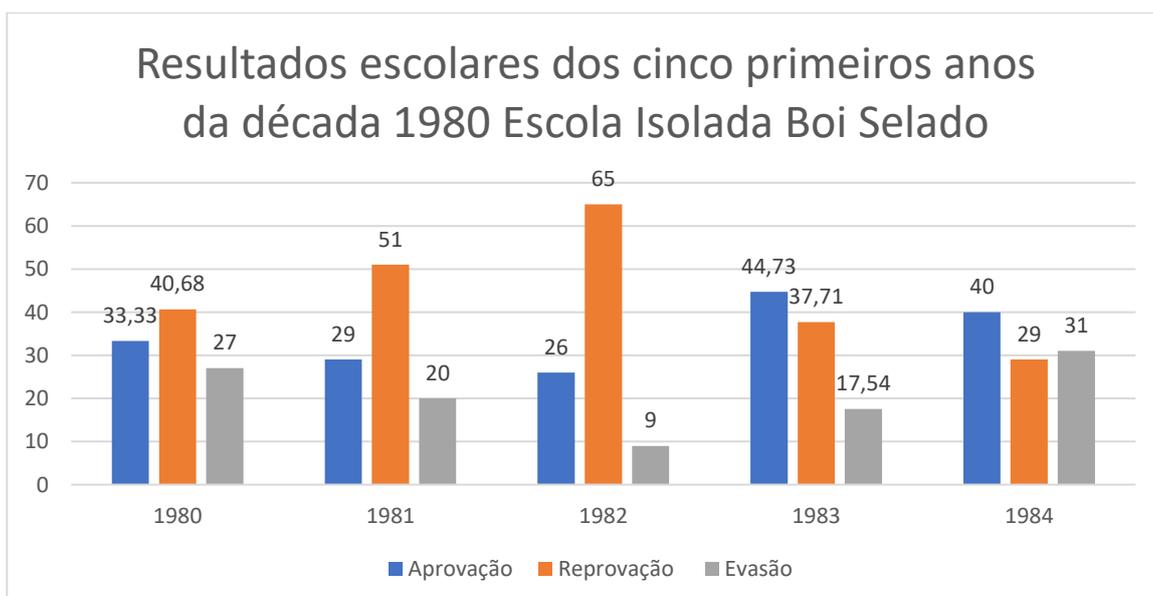
¹ A justaposição dessas palavras deve-se ao fato dos filhos dessas famílias terem trabalhado na agricultura durante parte de seu processo de escolarização.

À luz desses dados e, sendo os agentes colaboradores dessa pesquisa, parte integrante deles, já que a maioria concluiu o ensino fundamental nesse período, talvez não seja nenhum exagero afirmar que somos sobreviventes de uma escola em que os índices de reprovação eram elevados, e que muitos daqueles que iniciaram sua vida escolar conosco, perderam-se no meio do percurso, trilhando o caminho da repetência e, muitos deles, engrossaram os índices da evasão escolar naquele período.

A Escola Municipal Manoel Pereira localizada no Sítio Jangada, município de Jucurutu/RN, onde quase todos os agentes colaboradores desta pesquisa iniciaram suas trajetórias escolares no início da década de 1980, contava com uma turma multisseriada na qual uma professora ensinava da 1ª a 3ª série do ensino fundamental. Entre os anos de 1980 e 1984, foram matriculados nessa escola 122 alunos, uma média de 24 alunos por ano. O índice de reprovação nessa escola no ano de 1980, chegou a mais de 56%, a evasão escolar nesse mesmo ano, correspondeu a pouco mais de 13% e a aprovação, 30,43% do total de alunos matriculados. Nesse mesmo período, a Escola Isolada Boi Selado, localizada na comunidade rural de Boi Selado, município de Jucurutu/RN, escola essa também frequentada por esses agentes, oferecia turmas referentes aos quatro primeiros anos do ensino fundamental. Nesta escola foram matriculados 465 alunos nos cinco primeiros anos da década de 1980, uma média de 93 alunos por ano. Cerca de 40% do total de alunos matriculados nessa escola no ano de 1980, foram reprovados, apenas 33,33% dos alunos, nesse mesmo período, foram aprovados e 27% dos alunos evadiram-se. Os gráficos, a seguir, mostram os resultados escolares dos cinco primeiros anos da década de 1980 da Escola Municipal Manoel Pereira e da Escola Isolada Boi Selado.



FONTE: Livro de atas dos resultados finais disponíveis no arquivo da referida escola.



FONTE: Livro de atas dos resultados finais disponíveis no arquivo da referida escola.

Ora, não é objeto de estudo dessa pesquisa os índices de reprovação, aprovação e evasão escolar, de nenhuma instituição de ensino, porém é pertinente que se faça uma contextualização desses resultados, para assim compreendermos as condições que constituíram o prolongamento escolar dos filhos de agricultores, as estratégias

particulares de cada família investigada, bem como, as singularidades das disposições mobilizadoras dos mesmos para a permanência no sistema de ensino até a conclusão de um curso superior.

1.1 UNIVERSALIZAÇÃO DO ACESSO À ESCOLA NO BRASIL

Segundo Brandão (2014, p. 2), ao longo da primeira metade do século XX, a principal meta e exigência da esfera pública da educação era a ampliação de condições de acesso às escolas por parte da maioria da população brasileira. Não bastava apenas dar condições de acesso à escola, os índices de evasão escolar sempre estiveram entre as maiores preocupações de educadores comprometidos com a melhoria da qualidade do ensino no país. Durante a segunda metade do século XX, foram se constituindo políticas públicas afim de garantir, além do acesso, as condições de permanência das crianças na escola. Essas políticas foram intensificadas nos últimos anos do século XX e início desse século.

Sobre o acesso à escola, Ferrari (apud FERRARO, 2002, p. 216) apresenta um estudo fundamentado nos dados do Censo Demográfico de 1980 e, segundo esse estudo, para a população de nove anos de idade a taxa de não frequência à escola representava, em 1980, 28,4%, sendo a mesma taxa da ordem de 14,3% no meio urbano e de 52,6% no meio rural. Esses dados mostram que a universalização do acesso à escola, no início da década de 1980, não havia sido efetivada, sobretudo, para as populações do meio rural brasileiro onde mais da metade das crianças, em idade escolar, não frequentavam a escola.

Esses dados mostram os resultados escolares no período em que grande parte dos colaboradores dessa pesquisa iniciou sua trajetória escolar. Sendo, pois, filhos de agricultores, a possibilidade de acesso à escola tornava-se mais difícil: ou pela oferta de escola, que ficava distante da localidade em que morava, ou devido a fatores relacionados à força de trabalho, ou ainda, por ambas razões. Naquela época, a agricultura de subsistência e as técnicas de cultivo rudimentares, exigiam a colaboração de todos os membros da família, inclusive das crianças em idade escolar.

Mesmo aqueles que frequentavam a escola, não tinham a garantia de uma trajetória escolar exitosa. Um estudo de Ferraro (1999) nos chama a atenção para um problema que pode estar relacionado ao “fracasso” escolar: a exclusão da escola e a exclusão na escola,

mostrando assim que a democratização do ensino também não foi consolidada. Segundo Ferraro (1999, p. 215)

Por excluídos da escola entendem-se todos aqueles que, devendo frequentar a escola, não o fazem, independentemente de já a haverem ou não frequentado no passado. A categoria dos excluídos na escola compreende todos aqueles que, mesmo estando na escola, por ingresso tardio ou por força de sucessivas reprovações e repetências acusam forte defasagem (de dois ou mais anos) nos estudos.

A exclusão *na escola* pode contribuir no aumento dos índices dos excluídos *da escola*, uma vez que sucessivas reprovações podem levar a um histórico de evasão escolar. Talvez esse quadro tenha uma relação direta com os casos de “fracasso” escolar ocorridos em grande parte dos filhos das famílias colaboradoras dessa pesquisa: as famílias Aquino, Rodrigues e Vasconcelos, onde mesmo tendo uma prole entre 8 e 13 filhos, apenas um filho de cada família prolongou sua trajetória escolar até o ensino superior.

As condições de acesso às escolas para os filhos de agricultores no início dos anos 1980, não tinham as mesmas facilidades vistas em dias atuais, onde programas que facilitam esse acesso, como o *Caminho da escola* que transporta milhares de crianças para a escola, inclusive na zona rural. Para os filhos de agricultores colaboradores desta pesquisa, o caminho da escola era percorrido a pé, muitas vezes, depois de passarem, pelo menos, quatro horas trabalhando no roçado.

1.2 A EFETIVAÇÃO DO “SUCESSO” ESCOLAR: UM CAMINHO TRILHADO ENTRE O ROÇADO E A ESCOLA.

Nesse estudo, investigo onze casos de filhos de agricultores que tiveram suas primeiras experiências escolares no início da década de 1980 e que, apesar das dificuldades encontradas em suas trajetórias escolares, mobilizaram esforços no sentido de permanecer no sistema de ensino e concluíram um curso superior, apresentando, ainda, as formas de investimentos desses pais agricultores na escolarização de seus filhos.

Pesquisa como essa, apresentando casos de “sucesso” escolar no meio popular, desmistifica a ideia de que os resultados desejáveis (sucesso escolar) se devem às aptidões

naturais. A ideia de que os eventos de “sucesso” escolar, sobretudo nas camadas populares devem-se a aptidões naturais, é o que, muitas vezes legitima o engendramento das estruturas sociais. Dar crédito à ideia de que o “sucesso” escolar está sujeito ao “dom” e às “aptidões inatas” é, de algum modo, legitimar a capacidade que a escola tem de contribuir para a conservação das estruturas sociais. Pierre Bourdieu (2015, p. 45) abordando essa capacidade da escola de conservação das estruturas sociais diz:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da ‘escola libertadora’, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.

Nessa “inércia” cultural, onde as estruturas sociais se tornam praticamente inalteráveis, os casos de ascensão social de um grupo de indivíduos não alteram a dinâmica que engendra o mundo social. A busca por essa ascensão social constitui-se, para muitos, uma dolorosa luta travada pelos agentes na busca por melhores ocupações dos espaços sociais.

Partindo do pressuposto que a conservação do engendramento social é, muitas vezes, legitimada pela escola reprodutora das desigualdades sociais, tornam-se compreensíveis algumas razões pelas quais a longevidade escolar nos meios populares é estatisticamente rara dentro dessa lógica social.

Sendo, pois, estatisticamente raro nas camadas populares, busquei compreender as condições que constituíram o prolongamento das trajetórias escolares de filhos de agricultores na comunidade rural de Boi Selado em Jucurutu-RN. O estudo sobre a ocorrência da longevidade escolar de pessoas que vivem num ambiente rural no semiárido nordestino, uma região marcada pelas adversidades naturais e sociais, pode se constituir como um campo fértil para esclarecer questões na área da Sociologia da educação. Nesta pesquisa, também procuro identificar a mobilização pessoal do filho/agricultor/aluno relacionando a capacidade mobilizadora desses filhos com os investimentos feitos por seus pais agricultores na sua escolarização, apesar das dificuldades financeiras presentes na vida cotidiana das famílias em estudo.

No cotidiano dessas famílias agricultoras, as dificuldades são constantes, o que tornava a escolarização dos filhos uma tarefa árdua e, muitas vezes, inviável. O problema torna-se emblemático quando é levado em consideração a composição do núcleo familiar, pois geralmente são famílias com um número elevado de filhos, pais com pouca ou nenhuma escolaridade e baixo poder aquisitivo.

Além disso, a oferta de ensino no meio rural, muitas vezes, apresentava-se insuficiente, já que, geralmente, as escolas só ofereciam até a 4ª série do ensino fundamental e em classes multisseriadas onde um professor sozinho, ensinava todas as séries da primeira etapa do ensino fundamental. Tudo isso somado ao fato de os filhos dessas famílias de agricultores ajudarem aos pais no trabalho do roçado tendo que administrar suas vidas entre o caminho do roçado e o caminho da escola.

Muitas vezes, esse quadro geral não é considerado dentro do ambiente escolar, sendo os pais quase sempre responsabilizados pelos eventuais fracassos escolares de seus filhos. Ao analisar as relações entre famílias populares e escola, Thin (2006, p. 213) diz:

Analisar as relações entre famílias populares e escola nessa perspectiva requer *que se abandone a visão dominante que caracteriza essas famílias pela incoerência, pela negligência, pela “anormalidade”*, e que se considere que as práticas e as maneiras de fazer dos pais não são totalmente incoerentes, que elas têm sua própria lógica, ou melhor, que elas não parecem incoerentes senão quando confrontadas com as normas da escola e, de modo mais amplo, com as normas dominantes da vida social. (Grifo meu)

Regularmente, as estratégias de socialização desenvolvidas pelas famílias das camadas populares divergem da lógica socializadora empregada no ambiente escolar. A criança, ao iniciar sua vida escolar, dá continuidade à sua formação social, pois é na escola que ela amplia os contatos com outros sujeitos do meio social, mas as experiências vividas por essas crianças no ambiente escolar, muitas vezes, divergem do que é vivido no ambiente familiar. Essas divergências passam desde a noção temporal no exercício superficial do aprender, “tempo de aprendizagens e tempo de práticas” (THIN, 2006, p. 217), até a dinâmica de estruturação das normas de conduta.

Numa pesquisa realizada com famílias do meio popular, Thin (2006, p. 218), percebeu que nessas famílias “a autoridade manifesta-se na forma de sanções aplicadas diretamente ao ato” com a finalidade de suspender a ação reprovável. A forma aplicada para essas sanções, às vezes, passa por castigos físicos, algo contraditório à ação educativa,

pois o ato de educar passa pelo diálogo reflexivo sobre o ato reprovável praticado por esses sujeitos.

Sobre as divergências entre as estratégias de socialização nos meios populares, chama a atenção o que acontece na vida cotidiana dessas famílias: como a aprendizagem decorre em consonância com a prática, algo diverso ao modo socializador escolar que prioriza, muitas vezes, a separação entre o tempo de aprender e o tempo da prática, aqui explicitado por Thin (2006, p. 217):

As diferenças entre os dois conjuntos de lógicas socializadoras são percebidas em uma grande variedade de dimensões. Assim, contrariamente ao modo escolar, que tende a separar tempo de aprendizagens e tempo de práticas, a socialização familiar no ambiente popular acontece principalmente através dos atos da vida cotidiana, na convivência de adultos e crianças, sem separação da vida comum da família ou do bairro.

A lógica socializadora do ambiente escolar, portanto, muitas vezes nega as práticas socializadoras dessas famílias, contribuindo dessa forma, para aprofundar o abismo entre estas duas instituições educativas. O resultado negativo desse abismo são os casos de exclusão dentro da escola e que, regularmente, refletem nos índices de repetência e evasão escolar.

1.3. OS ESTUDOS SOBRE LONGEVIDADE ESCOLAR NO BRASIL.

Para a constituição do objeto de estudo dessa pesquisa fez-se necessário a busca na literatura existente no Brasil, na área da Sociologia da Educação, que vem abordando a longevidade escolar nas camadas populares.

Em *Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade*, Maria José Braga Viana (1998) aborda as trajetórias escolares de sete estudantes das camadas populares, sendo cinco estudantes universitários e dois pós-graduandos. Os universitários eram alunos dos seguintes cursos e instituições: Medicina da UFMG; Geografia da UFMG; Economia da PUC-MG; Psicologia da FUNREI e Filosofia da FUNREI. Quanto aos que eram pós-graduandos um, era aluno do curso de Psicopedagogia, em nível de especialização, da UEMG, e outro era aluno de curso de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da UFMG. A pesquisadora buscou compreender o que tornou possível uma escolarização prolongada de indivíduos, cuja

probabilidade de chegar à Universidade é estatisticamente reduzida. O estudo traz algumas condições de possibilidade que permitiram esses jovens provenientes das camadas populares o ingresso no ensino superior, por meio, sobretudo, da pesquisa sobre as práticas familiares de escolarização, investigando além do acesso, também a questão da permanência neste nível de ensino.

Nesse sentido, Viana (1998) identificou sete configurações singulares de longevidade escolar que, segundo ela:

Foram reconstituídas a partir de um trabalho de tessitura de interdependências entre os seguintes traços ou princípios pertinentes de análise, previamente estabelecidos: sentidos atribuídos à escolarização pelas famílias e filhos-alunos e tipos de relações intersubjetivas e intergeracionais que se instalaram, mediados pelo sucesso escolar alcançado; disposições temporais dos sujeitos e suas famílias; modelos socializadores familiares; tipos de mobilização escolar familiar; referências exteriores ao núcleo familiar no sentido estrito (VIANA, 1998, p. 2)

As disposições temporais dos sujeitos estão relacionadas com as aspirações de futuro apresentados pelos sujeitos da pesquisa que, em suas falas demonstraram o desejo que tinham em melhorar sua condição social e econômica via escolarização, bem como, algumas dessas famílias viam na permanência de seus filhos no sistema de ensino a possibilidade de transformação da condição social de seus filhos. Quanto aos modelos socializadores e os tipos de mobilização, a pesquisa mostrou uma acentuada heterogeneidade entre as ações desenvolvidas pelas famílias pesquisadas.

Maria Alice Nogueira (2004) em seu artigo *Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão*, publicado na Revista Brasileira de Educação, fala do desafio de investigar as trajetórias escolares em meios sociais favorecidos. Ela levantou os seguintes questionamentos: que tipo de trajetória escolar realizam os jovens provenientes de lares economicamente privilegiados? Quais são as condições sociais e familiares que tornam possíveis e inteligíveis esses destinos escolares? De que modo os privilégios ligados à família de origem podem constituir-se em trunfos (ou em obstáculos) perante os estudos? A pesquisadora chega a conclusões surpreendentes: as entrevistas com os jovens revelaram uma relação com a escola e com o saber predominantemente instrumental, no sentido em que as finalidades perseguidas são, em sua maior parte, exteriores ao conhecimento em si mesmo e marcadas pelo utilitarismo, como, por exemplo, a obtenção da nota ou do

diploma. O resultado de toda uma lógica de socialização familiar influencia na consciência desses jovens. Não vendo os estudos como um meio propulsor da mobilidade social ascendente, ou seja, as possibilidades dessa mobilidade para esses jovens não passam, necessariamente, pela via da escolarização, uma vez que dispõem do favorecimento econômico que pode consolidar tal ascensão; esses jovens não veem a necessidade para se engajar escolarmente em troca de vantagens sociais, para eles, tão pouco significativas.

A percepção mais geral que fica, segundo Nogueira (2004), é a de que a escola é “pouco” para esses jovens, e isso em sentido múltiplo. É pouco porque toma apenas parte do tempo de sua rotina diária, é pouco porque ocupa lugar secundário em suas preferências pessoais e afetivas e a escola é pouco, ainda, porque desempenha papel secundário em sua preparação profissional, já que, a seu ver, transmite conhecimentos e teorias acadêmicas em grande descompasso com o dia-a-dia empresarial.

Débora Cristina Piotto (2008), em um artigo intitulado *Trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares*, discute a contribuição de estudos recentes para a compreensão das condições que possibilitam trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares, fazendo uma análise dos resultados desses estudos com a trajetória escolar de Marcos, um aluno de um curso superior de alta seletividade proveniente dessas camadas populares. Segundo Piotto, a história de Marcos ilustra aspectos que expõem a necessidade de se investigar a participação da escola na construção de trajetórias escolares prolongadas e de se atentar para outros sentidos além do sofrimento, para o acesso e a permanência do estudante pobre no ensino superior. Se por um lado a trajetória do estudante é marcada por enorme esforço, cansaço e dificuldades, por outro, o seu ingresso na universidade pública traz possibilidades que podem transformar inteiramente a perspectiva de vida desse jovem.

Em um artigo intitulado *Disposições temporais de futuro e longevidade escolar em famílias populares*, Viana (2009), ainda considerando o conjunto dos setes casos investigados em Viana (1998), conclui que as práticas familiares favorecedoras da constituição de disposições temporais de futuro alargado, foram uma marca forte de todos eles que, segundo ela, podiam ser explicadas pela “existência de um horizonte temporal de futuro distendido entre os membros da família, isto é, pela crença de que “melhorar de vida era possível” (VIANA, 2009, p. 205)

Nadir Zago (2013), em um estudo sobre jovens universitários e a definição de horizontes via escolarização, apresenta dados de uma pesquisa feita com dez universitários

de procedência rural de diferentes cursos de uma instituição privada de ensino no oeste catarinense, sendo cinco estudantes do sexo masculino e cinco do sexo feminino, com idade entre 20 e 25 anos. Os cursos frequentados por esses jovens são: Agronomia, Psicologia, Farmácia, Ciências Biológicas e Geografia. Sobre os resultados dessa pesquisa, Zago afirma:

Os resultados evidenciaram ainda que se a condição econômica tem um papel central na compreensão da relação migração campo-cidade e na escolarização, a oferta escolar e os valores relacionados à cultura camponesa podem modular os destinos prováveis dos filhos e filhas. (Zago, 2013, p. 192).

Zago (2013) mostra indícios que favorecem a compreensão de que o fator econômico muitas vezes leva as famílias do campo migrarem para a cidade bem como a relevância da expansão do ensino para que jovens dos meios populares possam permanecer por um maior período no sistema de ensino, mas ela ressalta também que sua pesquisa teve um número de participantes pouco representativo em relação a um universo da população jovem dos meios populares, sendo, pois, necessário verificar em pesquisa mais abrangente os efeitos dessas medidas no aumento do tempo médio de escolarização desses jovens. Ela ainda chama a atenção para a persistência dos problemas de infraestrutura educacional como fatores que dificultam a permanência da população rural no sistema de ensino. Segundo Zago (2013), “os significados de estudar e de ser estudante ganham sentido ampliado, tanto no presente quanto em relação ao futuro” [...] Os investimentos para “além do grau médio de ensino representam uma condição necessária no projeto de ascensão social” (ZAGO, 2013, p. 193).

Iasmini de Souza e Souza (2014) aborda em sua pesquisa as expectativas e estratégias que favorecem a longevidade escolar para as famílias de baixa renda. Seu estudo foi realizado em Santo Amaro da Purificação - BA. Segundo Souza, durante muito tempo, as famílias de baixa renda foram culpabilizadas pelo “fracasso” dos filhos nas instituições escolares. No escopo de sua investigação, Souza (2014) trata o “sucesso” escolar como o processo de escolarização prolongada que possibilita a inserção dos alunos de baixa renda no ensino superior e o conceito de expectativa foi utilizado como sendo um desejo ou um sonho que venha a ser concretizado em futuro próximo. Segundo a pesquisadora, o estudo serviu para quebrar o paradigma social de que as famílias das camadas populares não querem ou não desejam que os seus filhos possuam uma escolarização de sucesso. Souza

(2014) percebeu, por intermédio dos relatos das famílias entrevistadas, que todas desejavam que os seus filhos continuassem com os estudos pós-ensino médio, e ainda que todas utilizavam algum tipo de estratégia para manter os filhos na escola, bem como desejavam que as expectativas de manter os filhos no ensino médio e que eles ingressassem no ensino superior fossem alcançadas.

Partindo do pressuposto de investigar os sentidos atribuídos à consolidação da longevidade escolar em famílias do meio popular, esta pesquisa analisará 12 trajetórias escolares de filhos agricultores, buscando um possível desvelamento desses significados e as relações existentes entre o investimento feito pelos pais na vida escolar de seus filhos e as disposições mobilizadoras desses filhos para a consolidação do alongamento de suas trajetórias escolares.

1.4 A LOCALIZAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL DOS AGENTES COLABORADORES DA PESQUISA

O fato de estar inserido no sistema de ensino regular obrigatório, matriculado numa escola e permanecer por determinado período de sua vida intramuros escolares, não significa dizer que todos os frequentadores desse ambiente tenham as garantias de “sucesso” escolar. Bourdieu (2015, p. 246) destaca que “não basta ter acesso ao ensino secundário para ter êxito nele, ou ter êxito no ensino secundário para ter acesso às profissões sociais que podiam ser alcançadas com os certificados escolares”.

Ter acesso ao sistema de ensino e não ter êxito nele ocorre quando a criança está inserida na escola e lhes é negada a sua subjetividade. É quando essa criança é tratada de forma homogênea como se todos os indivíduos percebessem o universo onde se encontram inseridos de forma semelhante e em tempos homólogos. Por outro lado, dentro da realidade educacional brasileira, o fato de ter êxito numa trajetória escolar até o ensino médio e não ter acesso a um curso superior pode estar relacionado com o processo de seletividade que ainda deixa muitos jovens das camadas populares fora do ensino superior.

Embora existam pesquisas que abordem a questão das trajetórias escolares bem-sucedidas nos meios populares, (VIANA, 1998), (NOGUEIRA, 2004), (PIOTTO, 2007) e (SOUZA, 2014) algumas dessas pesquisas trazendo entre seus sujeitos pesquisados, filhos de agricultores, dentre elas, (ZAGO, 2013), a longevidade escolar de filhos de agricultores ainda se apresenta como um campo fértil à investigação. Portanto, esta pesquisa tem como

pergunta de partida: **O que explica a longevidade escolar de filhos de agricultores na comunidade rural de Boi Selado em Jucurutu/RN?**

Buscando respostas para este questionamento definimos como objetivo geral: **Analisar trajetórias escolares prolongadas de filhos de agricultores da comunidade rural de Boi Selado em Jucurutu-RN, atentando para a relação de consonância entre os investimentos feitos por essas famílias e as disposições mobilizadoras dos filhos/agricultores/alunos para a constituição da longevidade escolar.** Diante desse objetivo, a investigação realizada é fundamental no revelar de alguns fatores singulares que possibilitam o “sucesso” escolar de filhos agricultores. A importância deste estudo reside na expectativa de contribuir para a ampliação dos estudos sobre essa temática.

Definido o tema deste estudo e visando tornar a pesquisa exequível, fez-se necessário buscar os agentes da pesquisa. Num primeiro momento, foram estabelecidos critérios para a escolha desses agentes, quais sejam, ser filhos agricultores, cujas famílias apresentassem características semelhantes tais como: demografia familiar (famílias numerosas), temporalidade de existência e vivência dos filhos na escola (estudaram nas mesmas escolas e em tempos homólogos), baixa escolaridade dos pais, atividade ocupacional voltada para a agricultura familiar e que tivessem pelo menos uma ocorrência de longevidade escolar na família.

Estabelecidos esses critérios e escolhidas as famílias com potencialidade para a pesquisa, foi preciso visitar cada ambiente familiar com o intuito de apresentar a proposta de pesquisa e saber da disponibilidade de cada um em participar e construir conosco esses novos conhecimentos. Quatro de um total de 80 (oitenta) famílias da comunidade investigada se encaixam no perfil definido e concordaram em participar como colaboradores desta pesquisa.

Todas essas famílias são agricultoras que trabalharam no sistema de parceria, onde o proprietário oferecia uma parcela de terra para o plantio e os agricultores, ao final da colheita, pagavam pelo uso dessa terra com 1/3(um terço) da produção colhida. Quanto à extensão demográfica das famílias (número de filhos), todas apresentam um número que varia entre oito a 13 filhos. Outro fator comum a essas famílias é o tempo de existência e vivência escolar dos filhos desses agricultores e de acordo com a faixa etária dos filhos dessas famílias, frequentaram o mesmo ambiente escolar no mesmo período de vida.

Esses critérios adotados para composição da base de dados de nossa pesquisa visam compreender os investimentos feitos por esses agricultores no processo de escolarização

de seus filhos, bem como, os significados das ações mobilizadoras que esses filhos/agricultores/alunos desenvolveram para a consolidação de sua longevidade escolar.

1.5 METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Esta pesquisa traz uma abordagem qualitativa e por se tratar dos significados que as pessoas atribuem a suas práticas é algo que, segundo Godoy (1995), causa “preocupação do investigador”. Por isso o cuidado na produção e na análise dos dados está fundamentada numa base teórica consistente, enfocando a particularidade e as possíveis regularidades, evitando assim afirmações genéricas sobre os fatos observados. Quanto aos nomes dos agentes colaboradores desta pesquisa, todos são nomes reais. Quando apresentei a possibilidade de usar pseudônimos, a ideia foi recusada por todos os agentes. Por se tratar de um estudo que apresenta trajetórias escolares exitosas, esses agentes colaboradores demonstraram uma alegria indescritível em relatar suas histórias, razão pela qual seus nomes aparecem para eles como uma questão de honra, um motivo de orgulho. Durante as entrevistas, não foram raras as vezes que fiquei emocionado e que os agentes colaboradores deixaram a emoção ser traduzida em lágrimas. Quanto aos pais, estes também revelaram um orgulho de suas lutas no enfrentamento das dificuldades vividas para criar sua família e ver hoje parte de seus filhos com suas trajetórias escolares bem-sucedidas.

A dinâmica constituinte desse trabalho investigativo aparece dividida em partes que representam cada momento vivido durante a pesquisa. Na primeira parte, que corresponde à parte introdutória da pesquisa, procuro descrever as concepções sobre o objeto de estudo e faço um breve relato sobre a universalização do acesso à escola no Brasil.

Quanto aos estudos sobre longevidade escolar existentes no Brasil, foi feito um levantamento com a consulta aos bancos de dados da CAPES, SCIELO, ANPED e OSFE (Observatório Sociológico Família-Escola).

Ainda na Introdução, apresento o ambiente onde os dados empíricos foram construídos enfatizando os critérios utilizados na escolha dos agentes colaboradores desse trabalho. Finalizo discutindo a metodologia utilizada para a construção do material empírico e apresentando os fundamentos teórico-metodológicos para a análise desse material, bem como os caminhos trilhados durante a estruturação deste trabalho.

Na segunda parte, cada capítulo representa o perfil sociológico das famílias colaboradoras, sendo um capítulo para cada família, onde apresento os dados construídos com essas famílias e as vivências das trajetórias escolares. Na parte final deste trabalho,

faço as últimas considerações sobre a pesquisa apresentando as conclusões sobre as realidades investigadas.



FOTO 01: ESCOLA MUNICIPAL MANOEL PEREIRA

FONTE: ACERVO DE FAMILIARES DA PRIMEIRA PROFESSORA DESTA ESCOLA



FOTO 02: ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA MARIA DAS GRAÇAS GERMANO
FONTE: ACERVO DA ESCOLA



FOTO 03: PRAÇA EM FRENTE A CAPELA DE NOSSA SENHORA DÁ GUIA EM BOI
SELADO
FONTE: ACERVO DO PESQUISADOR

2 A FAMÍLIA SOUZA: NO MEIO DO CAMINHO DA ESCOLA TINHA UM ROÇADO.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra, no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra.

(Poesia No Meio do Caminho Carlos Drummond de Andrade)



FOTO 04: A FACE DAS TRAJETÓRIAS LONGEVAS DA FAMÍLIA SOUZA
FONTE: ACERVO DO PESQUISADOR

Quando Drummond escreveu uma de suas mais belas e criticadas poesias e deu-lhe o título de “No meio do caminho”, talvez ele tenha descrito, nessa poesia, a importância

que devemos dar à nossa trajetória de vida, reconhecendo que as dificuldades encontradas nesse trajeto devem ser “contornadas”. O poeta, certamente, não parou sua trajetória de vida ao deparar-se com essa “pedra”. Tanto que essa poesia foi publicada em 1928 e nosso grande poeta teve sua trajetória estendida e com muita produtividade literária até o ano de 1987. Drummond não descreveu o tamanho da “pedra” e nem poderia descrever. Talvez se assim o tivesse feito, a poesia tivesse perdido o que há de mais belo: o desvelamento que devemos fazer em nosso imaginário de que “pedra” o escritor falava.

O saber “contornar” a (s) pedra (s) existente (s) em nossas trajetórias é o que, na maioria das vezes, nos credencia ao êxito de nossas ações. No meio do caminho da escola tinha um roçado, inclusive no meu, e no caminho dos outros meus irmãos. Esse roçado talvez não dividisse exatamente ao meio a distância entre a nossa casa e a escola onde estudávamos, mas ele dividia o nosso dia em duas partes: a primeira metade do dia (manhã) era dedicada aos trabalhos do roçado e, no período da tarde, íamos à escola. Assim, era o caminho dos filhos da família Souza, não muito diferente dos caminhos dos filhos da família Rodrigues, da família Aquino e da família Vasconcelos, das quais, tratarei de forma mais específica nos capítulos seguintes.

A família Souza é composta por meu pai, seu Raimundo Nonato de Souza, minha mãe dona Francisca Feliciano de Souza e meus 12 irmãos. Meus pais são agricultores e, apesar das dificuldades vividas no meio rural de uma região do semiárido nordestino, acreditaram que era possível uma mudança para e no nosso destino por meio da educação. Mesmo entre o caminho da escola e o do roçado, pois além de estudar nós ajudávamos no trabalho do roçado, nove dos 13 filhos podem ser considerados longevos escolares, pois por intermédio das estratégias desenvolvidas por nossos pais associadas às disposições mobilizadas por cada um dos filhos, conseguimos ingressar e concluir o ensino superior e até fazer cursos de pós-graduação.

No mês de maio de 2016, foi realizada a entrevista com meus pais, um casal de agricultores que, apesar das adversidades sociais e econômicas, envidaram esforços significativos que nos possibilitaram uma trajetória escolar exitosa. Cheguei à residência de meus pais por volta das 14 horas da tarde de um sábado, para entrevistar os dois.

2.1 RAIMUNDO SOUZA: O AGRICULTOR QUE PLANTOU ESPERANÇA NA VIDA ESCOLAR DE SEUS FILHOS E COLHEU ÓTIMOS FRUTOS.

“ É um orgulho que tenho, até porque eu acho que Deus foi muito bom comigo. Abençoou a minha família porque eu pensava muito na minha vida. Se, naquela época, para criar 13 filhos era difícil, imaginem hoje, sem uma formação, trabalhando na agricultura como eu trabalhei”.

Raimundo Nonato de Souza, aquele que tenho a sorte de ser um de seus filhos, nasceu no dia 22 de outubro de 1945 no sítio Poço Branco em São Paulo do Potengi/RN. Ele é filho do casal de agricultores José Francisco de Souza e Maria da Conceição de Vasconcelos (in memorian). Meu pai concluiu o ensino fundamental por meio do supletivo, com muita força de vontade e dedicação, já que onde morava, na época de sua infância, nos anos 1940 e 1950, não tinha escola. Além disso, segundo ele, seus pais não eram pessoas que demonstravam interesse pela educação escolar dos filhos. Em tom de desabafo relata: *“Meus pais queriam que a gente se criasse apenas trabalhando na agricultura, achavam que se a gente trabalhasse e estudasse, não compensava para o meio de vida em que naquela época vivia. Achavam que o mais importante era trabalhar para sobreviver, do que estudar para viver”.*

Neste sentido, para os meus avós paternos, o observar temporal constituía-se no “tempo presente” o “imediato” o “agora”, o trabalhar para sobreviver. Para eles, não havia “a existência de um horizonte temporal de futuro distendido entre os membros da família, isto é, pela crença de que “melhorar de/a vida” era possível (VIANA, 2008). A inexistência desse horizonte temporal de futuro aliada à falta de escola na comunidade onde morava, pode ter sido um dos motivos que levaram meus avós paternos a não investirem na escolarização de seus dois filhos.

Meu pai, na época com 15 anos de idade, começou a ser alfabetizado por uma prima que todas as noites vinha para a sua residência, para ensinar “a ler o ABC”, a pedido dele, já que era seu grande sonho. Trabalhando durante o dia no roçado, essa prima ensinava a ele durante a noite e assim, ele aprendeu a “assinar o nome”. Só depois que se casou, ele

começou a ler os livros que minha mãe guardava do tempo da escola. Sobre esse processo de leitura, ele relata: *“Eu comecei a ler livros do primeiro ano, segundo ano, do terceiro até do quarto ano eu li. Então, a minha alfabetização foi dessa maneira, eu mesmo sendo o aluno e o professor, tinha o livro como o professor”*.

Quando questionado sobre a procedência desses livros, meu pai respondeu: *“Esses livros eu conseguia através da minha esposa, que ela tinha estudado até a 4ª série. Ela tinha os livros em casa guardados, aí foi que eu comecei a estudar por esses livros. Trabalhava o dia todo, à noite eu sempre procurava estudar aqueles livros, ver como eram mais ou menos as leituras, as histórias; então, foi dessa maneira que eu comecei a ler pelo livro”*.

Aos quarenta anos de idade, seu Raimundo inicia sua primeira experiência dentro de um ambiente escolar como aluno matriculado numa turma de ensino supletivo. Ele lembra que estudou durante 18 meses para terminar o primeiro grau. Descrevendo como fazia para frequentar as aulas, ele diz: *“Então, toda noite eu vinha para a comunidade Boi Selado estudar, começava as aulas às dezenove horas e terminava às vinte e duas horas. Então, eram três horas de aula. Quando terminava a aula, eu voltava para a minha residência, chegava em casa mais ou menos às vinte e três horas da noite”*. Ele ainda informou ter cursado, por correspondência, o supletivo do 2º grau, por intermédio do Instituto Padre Réus, e que não concluiu esse curso, devido ao fato de não ter tido condições financeiras de ir realizar as provas finais, pois tinha que se deslocar para Fortaleza ou Recife, onde eles faziam essas avaliações.

Talvez, por ter tido um processo de escolarização marcado por irregularidades temporais e mobilizações próprias, meu pai sempre investiu na nossa escolarização, sobretudo, no processo de alfabetização. A disposição que ele tinha em nos ajudar, mesmo depois de um dia de trabalho, se não for o suficiente para mostrar quão grande era a importância que ele atribuía a nossa escolarização, mostra pelo menos o significado que sua ação representou para cada um de seus filhos. Hoje, compreendemos que é necessário para os filhos, esse acompanhamento feito pelos pais em seu processo de escolarização. Prova disso é que alguns dos seus netos também apresentam histórico de sucesso escolar em suas trajetórias.

No roçado, ele usava o “tempinho” que tinha na hora do lanche para alfabetizar seus filhos escrevendo no chão com um “pauzinho”, atitude essa que despertava nos filhos a ação de

compartilhar o que aprendia, e quando ia aprendendo, todo mundo já ia ensinando para os outros, dessa mesma maneira. Sobre as formas familiares de investimento pedagógico, Lahire (1997, p. 29) escreve:

Pais que sacrificam o tempo livre para ajudar os filhos nas tarefas escolares, tomando as lições, lendo os mesmos livros que os filhos para poder discutir com eles e verificar se compreenderam bem, pais que aumentam o número de exercícios da lição de casa ou que pedem aos filhos para lhes escreverem algumas histórias ou ler-lhes trechos de livros. A escolaridade pode tornar-se, em alguns casos, uma obsessão familiar e podemos estar diante de um hiperinvestimento escolar ou pedagógico: fazer mais que os outros para estarem seguros do “sucesso” escolar dos filhos. (Grifo no original)

Alguma das ações praticadas por nosso pai como as já descritas, podem ser compreendidos como “fazer mais que os outros para estarem seguros do sucesso escolar dos filhos” (LAHIRE, 1997). Ele parece ter feito algo a mais que os outros pais agricultores que viviam nas mesmas condições socioeconômicas, o que não significa dizer que esses outros pais também não investiram na escolaridade de seus filhos. O levantamento dessa hipótese se inscreve nos exemplos concretos de longevidade escolar entre as famílias pesquisadas, já que 9 dos treze filhos da família Souza alcançaram a longevidade escolar, enquanto que nos demais núcleos familiares que, a grosso modo se assemelham, há apenas 1 exemplo desse evento em cada núcleo.

Também não quero aqui classificar os investimentos econômicos e simbólicos como fator único e determinante na constituição da longevidade escolar. Lahire (1997, p. 29) chama nossa atenção para as interpretações sociológicas dos casos de “sucesso” escolar e/ou social nas camadas populares, onde encontramos um leque de hipóteses. Não podemos compreender os eventos sociais generalizando parâmetros, não há como afirmar que os casos de longevidade escolar dos filhos da família Souza, tiveram como fator único e decisivo, os investimentos feitos pelos pais durante a trajetória escolar, até porque esses investimentos nunca constituem uma realidade igual para todos os filhos. Lahire (1997, p. 207) adverte que “duas crianças que pertencem a uma mesma fratria não nascem e não vivem nunca exatamente na mesma família”. Talvez aí encontramos a razão para tentar compreender as trajetórias escolares dos outros 4 filhos da família Souza que concluíram apenas o ensino médio. Zago (2013, p. 185) lembra que “longe de constituírem realidades homogêneas, pessoas de uma mesma família podem ter orientações diferentes em relação

à escola”. Essa diferença na orientação decorre também em virtude da maneira particular que cada indivíduo percebe essas orientações.

O acompanhamento que meu pai fazia de nossa vida escolar, o zelo que ele tinha pelo respeito ao professor, a visita às escolas em que estudávamos sem aviso prévio, talvez se constituía numa espécie de controle procuratório. O fato de não saber quando ele ia à escola, porém sabendo que ele ia frequentemente quando podia, fazia com que os filhos assumissem uma postura de vigilância constante; quer seja com o desenvolvimento das atividades escolares, quer seja na maneira de se comportar dentro da sala de aula. Sobre essa atitude dos pais das camadas populares, Lahire (1997, p. 25) conceituando como a ordem moral doméstica, diz:

Uma parte das famílias populares pode outorgar uma grande importância ao “bom comportamento” e ao respeito à autoridade do professor. Os pais visam, desse modo, uma certa “respeitabilidade” familiar da qual os filhos devem ser os representantes. Em casa, podem exercer um controle exterior direto da escolaridade dos filhos: sancionar as notas baixas e os maus comportamentos “escolares”, assegurar-se de que as tarefas tenham sido feitas. (Grifos no original)

Como membro dessa família, por consequência, estava sujeito a esse controle, e me lembro que meu pai no período em que eu, juntamente com meus irmãos estudávamos em Jucurutu e chegávamos no final de semana em casa no sítio, ele queria saber: a nota, quem tinha tirado “nota boa”, qual era a nota! Essa atitude dele também é relatada em sua fala.

Quando perguntado sobre que tipo de acompanhamento ele fazia de nossa vida escolar, ele também é enfático: “*sempre procurando os setores educacionais onde eles estudavam, para saber como era o comportamento deles naqueles dias de aulas na escola*”. Outro ponto da fala dele que pode representar o que Lahire (1997, p.25) chama de “outorgar uma grande importância ao ‘bom comportamento’ e ao respeito à autoridade do professor” eram as orientações dadas aos filhos: “*Sempre eu dizia a todos eles: - A escola é a segunda opção de educar, vocês já têm que sair daqui educados, vocês não podem chegar lá e fazer bagunça dentro da escola, vocês vão para aprender, vocês têm que estar atentos às orientações do professor, vocês têm que ouvir o professor, o que ele está falando para vocês, porque aí vocês vão entender. Então, vocês têm capacidade de aprender, não podem ir para uma escola para fazer baderna e nem muito menos ficar se escondendo para*

não estudar. Porque vocês vão para aprender aquilo que nunca mais vocês vão esquecer na sua vida”.

Quando ele enfatiza “você vai para estudar para aprender aquilo que nunca mais você vai esquecer na sua vida”, ele mostra qual importância atribuía aos saberes escolares. Uma espécie de supervalorização desses saberes em relação aos saberes construídos e adquiridos fora do ambiente escolar. Portanto, as orientações que ele nos dava do “bom comportamento”, do “ouvir o professor” ou “vocês têm capacidade de aprender”, pode se configurar como fatores que contribuíram na e para o alargamento da trajetória escolar de seus filhos.

2.2 FRANCISCA FELICIANA: AQUELA QUE REGOU A ESPERANÇA PLANTADA POR SEU RAIMUNDO E SE ALEGRA COM OS FRUTOS COLHIDOS.

“Hoje em dia, nós estamos muito felizes, os filhos quase todos formados”.

Francisca Feliciano de Souza, aquela que Deus me deu a graça de ser seu filho, nasceu no dia 29 de outubro de 1946 no Sítio Saco de São João zona rural de Jucurutu/RN. Filha do casal de agricultores Manoel Francisco de Moura e Severina Francisca de Moura (in memoriam), estudou até a 4ª série do ensino fundamental e fala da alegria de ter os filhos “formados”. Ela lembra das dificuldades enfrentadas para criar 13 filhos vivendo da agricultura.

Ela frequentou o ambiente escolar quando criança e estudou até a 4ª série do ensino primário. Questionada sobre o fato de não ter prosseguido seus estudos para além do ensino primário, responde: *“porque mamãe disse que já estava bom demais. Já sabia escrever uma carta e ler outra. Estava bom demais! Pronto; aí fui na conversa dela e não tinha muito interesse também”.* Ao falar da interrupção de sua trajetória escolar, ela não considera a falta de escola que ofertasse um grau de estudo além da 4ª série primária no sítio onde residia naquela época. Vale lembrar que a oferta do ensino fundamental completo na comunidade Boi Selado só veio ocorrer em meados da década de 1990.

O aprender a escrever uma carta e ler outra serviu para que minha mãe também tenha sido uma das pessoas incentivadoras à nossa prática leitora. Ela exercia a função voluntária de “escriba e de leitora de cartas”. A pedido dos vizinhos, minha mãe escrevia e lia as cartas para os parentes que moravam distantes, e essa ação de minha mãe pode ter inspirado em algum de nós o gosto pela leitura.

Além de “cuidar” da casa e dos filhos, ajudar no trabalho do roçado durante o período da colheita, ela também teve um papel importantíssimo em nossa vida escolar. Segundo Lahire (1997, p. 345), “as mulheres também se encarregam da educação dos filhos e principalmente, do acompanhamento escolar deles”. Com ela, não foi diferente, pois fazia o acompanhamento de nossa vida escolar, com exercício de “reforço” tanto para aperfeiçoar a caligrafia, como melhorar a leitura de palavras que a gente ainda não conhecia. Uma das preocupações dela com relação à caligrafia era assim justificada: *“você precisa melhorar essa letra para que a professora possa ler o que você está escrevendo na sua prova”*. Entendia que, uma letra legível era uma garantia de que não seríamos “penalizados” na hora em a professora fosse corrigir nossas respostas nas avaliações escolares.

O fato de ter interrompido sua trajetória escolar ainda na 4ª série do ensino primário, não significa dizer que ela não valorizava o saber escolar. Na verdade, ela tinha “zelo” com as coisas ligadas à escola, com o conhecimento escolar. Um exemplo disso é o fato dela ter guardado os livros que usou durante sua vida escolar, livros esses que serviram como base para o marido aperfeiçoar suas leituras antes de ir estudar o supletivo, como mencionado anteriormente.

Apesar de não ter prolongado sua trajetória escolar, minha mãe demonstra em sua fala a importância que dava à escolarização de seus filhos: *“Tinha vontade que eles estudassem para, no final, aprenderem alguma coisa; que nós apenas aprendemos a assinar o nome e ler uma carta e escrever outra. Eles, graças a Deus, se saíram bem com o estudo que tiveram”*.

As trajetórias escolares dos filhos da família Souza foram marcadas por momentos desafiadores. O fato de ainda na infância ter que aprender a conciliar seu tempo diário entre os deveres escolares e o trabalho no roçado foi assim relatado por ela: *“Era de manhã para meio dia no trabalho do roçado, limpando mato, colhendo o feijão e, ao meio dia chegavam em casa, tomavam banho almoçava e iam para escola estudar”*. Ter que trabalhar no

roçado pode ser considerado o desafio nessas trajetórias escolares, porém não o único ou o mais complexo enfrentado por todos os filhos desse casal de agricultores.

Outro aspecto marcante na fala de nossa mãe é o orgulho que ela sente em ver hoje seus filhos “formados”. Olhando para uma das paredes da sala de sua residência, onde existe uma espécie de “galeria dos diplomados”, ela acrescenta: *“Hoje em dia, nós estamos muito felizes, os filhos quase todos formados. Quando eu olho para ali, eu digo: “Oh que riqueza”!* A alegria dela hoje, talvez represente a sensação do “dever” cumprido, a vitória das lutas diárias travadas por ela que junto com nosso pai, dentro das possibilidades que dispunham, acompanharam de “perto” a vida escolar dos filhos.

2.3 APARECIDA SOUZA: O SUCESSO ESCOLAR DA PRIMOGÊNITA E A LEGITIMAÇÃO DA HERANÇA CULTURAL.

“Então, a herança que papai deixou para a gente, que é o conhecimento, eu tinha como obrigação, passar para os meus filhos e espero que eles passem para a futura geração”.

Maria Aparecida Moura de Souza é a primogênita da família Souza. Nasceu em 12 de janeiro de 1968 no sítio Jangada município de Jucurutu/RN. Casada, mãe de um casal de filhos, reside na comunidade Boi Selado desde 1988 ano em que se casou. Licenciada em Pedagogia e especialista em Supervisão Escolar e em Educação do Campo, ela é professora na rede municipal de ensino em Jucurutu/RN e supervisora pedagógica na rede estadual de educação do Rio Grande do Norte. Atuando hoje no suporte pedagógico na Secretaria Municipal de Educação do município já mencionado, Aparecida desenvolve seu trabalho com professores que lecionam nas escolas do campo. Quanto ao vínculo no serviço público estadual, ela atua na Escola Estadual Professor Maria das Graças Germano na comunidade Boi Selado.

Mesmo sem lembrar com precisão o ano de início da sua trajetória escolar, Aparecida o classifica como tardio. Ela acredita que quando começou a estudar, já havia

completado 10 ou 11 anos de idade. Sua primeira experiência no ambiente escolar não foi numa instituição de ensino pública, mas numa “aula particular”, onde nosso pai percebendo que era necessário que os filhos estudassem e, como não tinha escola próxima à nossa residência, ele pagou a um professor particular para alfabetizar as minhas irmãs Aparecida, Francisca, Isabel e Lúcia. Primeiro, ele pagou ao professor Manoel Silvestre, que ensinou a carta de ABC; depois, ele pagou a outra professora, chamada Dona Dôra. Segundo Aparecida, na época em que foram estudar com essa professora, mesmo não sendo uma instituição oficial e seriada, era o que equivalia a 1ª série.

Depois que deixaram de estudar com a professora Dona Dôra, Aparecida e essas minhas outras irmãs foram matriculadas na escola do Sítio da Jangada, a Unidade de Ensino Manoel Pereira. Aparecida estudou numa turma multisseriada. Essa escola ficava distante da nossa casa cerca de uns quatro quilômetros. A professora, na época, era Maria das Graças. Lá, ela ensinava da 1ª à 3ª séries, razão pela qual, quem fosse aprovado na 3ª série, tinha que ir estudar na comunidade Boi Selado, distante de onde a gente morava cerca de uns oito quilômetros.

No ano de 1981, Aparecida passou a estudar na Escola Isolada Boi Selado, que a partir do ano de 1996, pelo Decreto nº 13.147/96 da Secretaria de Estado e da Educação do Rio Grande do Norte, a referida escola mudou de denominação e passou a ser chamada Escola Estadual Professora Maria das Graças Silva Germano, uma homenagem à Maria das Graças Silva Germano, (*In memoriam*) que havia sido professora de Aparecida e seus irmãos na Escola Municipal Manoel Pereira.

Para que Aparecida não percorresse sozinha a distância dos oito quilômetros que separavam a casa em que morávamos no sítio Jangada da comunidade de Boi Selado, nosso pai naquele mesmo ano também matriculou na 3ª série minha irmã Isabel. Tendo Aparecida sido aprovada na 4ª série e, em razão da impossibilidade de ir morar na cidade de Jucurutu para prosseguir com sua trajetória escolar, ela repetiu a 4ª série como ouvinte, pois naquele ano na escola da comunidade Boi Selado só existia a oferta de ensino primário.

Um ano depois, Aparecida foi estudar na cidade de Jucurutu/RN, indo morar na casa de uma tia. Foi matriculada na Escola Newman Queiroz que na época, era uma Fundação educacional, e não uma instituição pública de ensino, tendo assim, que conseguir bolsa de estudo para permanecer estudando na referida escola, o que foi possível através

do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jucurutu/RN, já que nosso pai era associado deste sindicato.

Ao concluir o ensino fundamental nessa escola, Aparecida ingressou no 1º ano de um curso Não Profissionalizante, o que hoje corresponde ao 1º ano do Ensino Médio. Naquela época, a Escola Newman Queiroz oferecia duas possibilidades de cursos para o 2º grau: o curso do Magistério e o Não Profissionalizante. No ano de 1988, Aparecida casou-se e interrompeu seus estudos, retornando sua trajetória escolar apenas em 1992.

Ao retomar sua trajetória escolar, Aparecida matriculou-se no 2º ano do Magistério, pois naquela época as disciplinas eram comuns no 1º ano em ambos os cursos, razão pela qual era permitido mudar do Não Profissionalizante para o Magistério e vice-versa. Assim que concluiu o curso do Magistério, ela passou num concurso público da Prefeitura Municipal de Jucurutu/RN, concurso esse que proporcionou sua primeira oportunidade como servidora efetiva no serviço público, pois no ano de 1998 ela foi convocada para assumir a função de professora do ensino fundamental numa unidade de ensino na zona rural de Jucurutu/RN.

Com a Política Nacional de Formação de Professores, instituída pelo Decreto 6755/2009 do MEC, que previa um regime de colaboração entre União, Estados e Municípios para a elaboração de um plano estratégico de formação inicial para os professores que atuam nas escolas públicas, então o Governo federal em parceria com os municípios passou a ofertar cursos de licenciatura nas universidades públicas brasileiras. Dessa forma, Aparecida ingressou no Proformação em um curso de Pedagogia na modalidade presencial pela UFRN, campus de Caicó/RN, e no ano de 2002 concluiu sua graduação.

Com a conclusão do curso de graduação e já atuando em sala de aula, numa classe multisseriada, Aparecida percebeu que o curso de Magistério só tinha lhe oferecido uma base sobre a função docente, mas para trabalhar numa classe multisseriada ela precisava de aperfeiçoamento e o curso de Pedagogia também não havia dado esse suporte para trabalhar na classe multisseriada.

Então, diante dessa necessidade, Aparecida buscou cursos de formação continuada e, em virtude do desenvolvimento de um bom trabalho frente a uma classe multisseriada, no ano de 2005, ela foi chamada para atuar com o apoio pedagógico junto aos professores das escolas da zona rural do município de Jucurutu/RN. Mesmo com a experiência que

tinha com alunos dessas escolas, Aparecida precisava de uma formação que fundamentasse seu trabalho de apoio pedagógico para os demais professores. Ela viu a necessidade de fazer um curso de especialização e surgiu essa oportunidade no ano de 2006, quando ela ingressou no curso de especialização em Supervisão educacional, curso esse concluído no ano de 2007.

Durante a entrevista, Aparecida deixa claro que sua trajetória escolar foi marcada por momentos difíceis, como percorrer longas distâncias entre sua residência e a escola na zona rural, ajudar a seu pai no trabalho do roçado ou a escassez dos recursos financeiros de seus pais.

Quando ela fala do percurso que fazia de sua casa para a escola, Aparecida diz: *“a distância que a gente percorria para chegar na escola fez com que nós ingressássemos na escola tardiamente, porque não tinha uma escola próxima da nossa casa”*. Além da distância, existia outra preocupação para Aparecida com relação a esse percurso: ela não queria chegar atrasada na escola: *“Quando eu vim estudar em Boi Selado mais minha irmã Isabel, a gente saía de casa às 11 horas. Interessante que no meio do caminho tinha um mufumbo (árvore nativa da região) que a gente marcava a hora como se tivesse um relógio. Pela sombra do mufumbo, a gente sabia se estava atrasada, porque todo dia a gente marcava aquele ponto ali e se a gente chegasse mais tarde sabíamos que íamos chegar atrasadas na escola”*.

Não era fácil para Aparecida, uma criança na época, percorrer a pé uma distância de cerca de oito quilômetros entre sua residência e a escola em que estudava, tendo que sair de casa às onze horas, cansada após uma manhã de trabalho no roçado, sob o sol quente da região e tendo em mente a preocupação de não chegar atrasada na escola.

Quanto ao trabalho desenvolvido no roçado e às dificuldades para realizar as tarefas escolares, Aparecida fala: *“Em virtude de a gente ajudar a papai no roçado, a gente só chegava em casa às onze horas para tomar banho, almoçar e ir para a escola. As aulas começavam às treze horas e terminavam às dezessete horas. Quando a gente chegava em casa à noite, tinha que fazer as tarefas de casa, porque no outro dia de manhã a gente ia para o roçado e só voltava de 11 horas para ir para escola. Sempre a gente fazia as tarefas à noite”*.

Para Aparecida, as horas do dia estavam comprometidas entre os afazeres do roçado, os afazeres escolares e trajeto para a escola. Não havia tempo reservado ao ócio.

Era uma criança com responsabilidades adultas. Além do cansaço físico depois de uma manhã no roçado, e uma tarde inteira dentro da sala de aula, à noite nosso pai reservava uma hora para nos ajudar na realização do “dever de casa”: *“Não tinha energia elétrica. Era bem interessante, a rede de energia elétrica passava por trás da nossa casa, mas lá em casa não tinha energia elétrica. Fazíamos o dever de casa à noite, sob à luz de lamparina”*.

A precariedade rondava a vida da família de Aparecida naquela época. As condições para realizar até mesmo os deveres de casa eram mínimas: não havia luz elétrica e essas tarefas eram realizadas à luz de uma lamparina, onde a claridade era reduzida forçando assim as condições visuais das crianças além da fétida fumaça produzida pela queima do pavio de algodão e do querosene usado como combustível.

Outra dificuldade apresentada por Aparecida em sua trajetória escolar foi a escassez de recursos financeiros da família. Ela lembra que repetiu a 4ª série no ano de 1982 por nosso pai não ter tido condições de matriculá-la numa escola na cidade de Jucurutu/RN: *“na época, as dificuldades eram grandes”*. Essas dificuldades são reforçadas na fala de Aparecida quando ela, emocionada, lembra: *“Dificuldade a gente sempre teve, porque a pessoa com um monte de filhos como papai tinha, manter todos estudando, tinha que comprar a farda. Até eu lembro que, em 1984, eu já estudava em Jucurutu e minhas outras irmãs Isabel e Maria Francisca foram estudar lá também. Eu estudava à tarde e Isabel estudava pela manhã, [emocionada] como papai não tinha condições de comprar farda para nós três, a gente usava a mesma camiseta da farda, Isabel pela manhã e eu pela tarde”*.

Dividir a camiseta da farda com a Irmã Isabel nos mostra como os recursos financeiros de nossa família, naquela época, era escassos, ao ponto de não poder comprar fardamento para todos os filhos que estudavam. Porém, essa escassez do capital econômico não impedia que nosso pai mobilizasse esforços para manter todos os filhos estudando.

As ações de “desdobramento” desenvolvidas por ele são expressas na fala de Aparecida quando ela diz: *“Dificuldade sempre existiu, mas ele nunca deixou a gente sem ir para a escola”*. Isso, mostra que ele não parou diante dos obstáculos financeiros.

Outro ponto importante que merece ser destacado nos esforços desenvolvidos por nosso pai no sentido de criar oportunidades para que nós pudéssemos estudar e que, talvez, tenha tido um peso fundamental para o sucesso escolar na trajetória escolar dos filhos, foi

a rede de relações sociais em sua vida. Ele conseguiu construir uma rede de relações sociais eficaz no desdobramento de ações que o ajudaram, em determinado momento, a superar os efeitos causados pela escassez do capital econômico. Segundo Bourdieu (2015, p.75), o capital social é um conjunto de recursos atuais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações ou em outros termos, à vinculação a um grupo. Nosso pai soube mobilizar essa rede de relações para conseguir as bolsas de estudos para que Aparecida e Isabel pudessem estudar numa instituição de ensino que não era pública.

Segundo Aparecida, o movimento sindical talvez tenha sido o fio mais resistente no processo de construção da rede das relações sociais de nosso pai. Além da bolsa de estudo já mencionada, Aparecida dá ênfase à importância que esse movimento de classe teve para a formação do pensamento de nosso pai em relação à “necessidade” de criar oportunidades para que todos os seus filhos frequentassem assiduamente à escola.

Quando questionada sobre a ligação de nosso pai com os movimentos sindicais e as possíveis contribuições dessa ligação com a formação do pensamento dele em relação à necessidade dos filhos estudarem, Aparecida sinaliza com essa informação: *“Eu acho que a contribuição foi a questão da vivência da época em que a gente vivia, ditadura, o regime militar, e assim ele participando desses movimentos ele viu que a partir das lutas, você podia conquistar melhores dias para o país. Eu acho que a partir dessas lutas dele, dessa convivência dele com esses movimentos sociais, ele viu a possibilidade que tinha para seus filhos. Como eram muitos filhos, imagine aquele monte de crianças sem estudar? Que futuro esse povo ia ter se ele não colocasse na escola para estudar? E sendo a maioria mulheres, como ia ser? Iam ser mães, talvez com vários filhos sofrendo como tem hoje em nossa sociedade”*.

A maneira como Aparecida expressa seu pensamento sobre as relações sociais de nosso pai e o espírito de “luta” defendido por ele e apreendido por ela, mostra que as possibilidades de sucesso em sua trajetória ampliaram-se com os esforços desenvolvidos por Aparecida no sentido de superar as dificuldades que surgiam durante essa trajetória, desde percorrer longas distâncias a pé de casa para a escola quando criança, retomar sua trajetória escolar mesmo depois de casada e com filhos pequenos, até viajar à noite todos os dias para outra cidade no período em que fazia seu curso de graduação.

Talvez a “incorporação” da importância que tem o saber escolar na constituição de futuro, *“para ele, estudar era ter um futuro e a gente incorporou isso”*, tenha levado

Aparecida, logo nos primeiros anos de sua trajetória escolar, a empreender esforços próprios que foram significativos para seu sucesso escolar desde estratégias para não chegar atrasada na escola, marcando a sombra de uma árvore para ter uma noção de tempo e até mesmo na disposição em realizar suas tarefas escolares, à noite, em sua residência sob à luz da lamparina.

Outro fato que mostra os esforços desenvolvidos por Aparecida em sua trajetória escolar foi a retomada dessa trajetória após uma breve parada em virtude de seu casamento. Ao retornar para a sua vida escolar após o casamento, Aparecida já tinha seus dois filhos, *“logo assim que eu casei nos anos seguintes eu tive logo meus dois filhos”*. Não era fácil para “uma dona de casa” residindo em uma comunidade rural e com dois filhos pequenos, em uma época que não existia um programa que assegurasse o transporte escolar diário gratuito, retornar os estudos na sede do município, distante cerca de 18 quilômetros de sua residência.

Sobre as dificuldades desse período e as ações desenvolvidas por ela para minimizar tais dificuldades, Aparecida relata: *“quando eu estudava em Jucurutu para concluir o Magistério, eu levei meus dois filhos, porque na época não tinha transporte escolar. Eu lembro muito, eu fazia as atividades com o pequeno, Júnior que era o mais novo, encostado a mim, porque não tinha quem tomasse conta dele. Quando foi no último ano do Magistério, eu deixei Taciana na casa de minha mãe, porque na época tinha que estagiar”*. A alternativa de ter que deixar uma de suas crianças na casa dos pais para que assim ela pudesse concluir o curso do Magistério, no mínimo, foi dolorosa para Aparecida, por mais que os avós cuidassem bem de sua filha, convenhamos que não é fácil para uma mãe passar dias longe de sua filha. Só mesmo o desejo pela realização de um sonho, fez com que essa mãe se submetesse a tamanho sacrifício.

Outro exemplo de esforço desenvolvido por Aparecida para o prolongamento de sua trajetória escolar foi sua busca constante do aperfeiçoamento profissional. Mesmo já desempenhando a função como funcionária efetiva e com uma estabilidade profissional e livre da condição de trabalhadora rural, algo que segundo ela era enfatizado com frequência pelo nosso pai, naquela época ele dizia: *“que estar no roçado era puxar cobra para os pés. Eu não quero isso para vocês”*, Aparecida não deixou de ir buscar novos cursos, uma graduação, uma pós-graduação e cursos de formação continuada.

Sobre a necessidade de fazer novos cursos, Aparecida fala: *“fui em busca dessa formação, passei no vestibular e fui cursar essa graduação, mas mesmo assim só a graduação não oferecia as possibilidades de uma formação...Então, assim, os meus esforços foram a partir das minhas atividades desenvolvidas em sala de aula com alunos das classes multisseriadas. Daí, eu fiz novos cursos e até hoje eu participo de formação continuada”*. O esforço para um contínuo aperfeiçoamento para desenvolver com qualidade sua prática pedagógica fez com que Aparecida, mesmo tendo interrompido sua trajetória escolar por curto período de 3 anos, prolongasse sua trajetória escolar até concluir cursos de especialização em Supervisão Escolar e em Educação do Campo.

Outro fator importante na vida escolar de Aparecida foi o acompanhamento feito por nosso pai das ações de sua trajetória escolar. Em sua fala, relata esse acompanhamento: *“papai começou a ensinar a gente em casa. Eu lembro que era à boca da noite, a gente se sentava ao redor da mesa. Era eu e mais minhas três irmãs menores e ele ensinava a gente. Ele dizia que ia ‘desarnar a gente’”*. O sentar-se ao redor da mesa e só “à boca da noite” mostra o comprometimento que nosso pai sempre teve com nossa vida escolar. Ele passava o dia trabalhando no roçado, mesmo assim, usava esse tempo disponível para “desarnar” a gente.

Não quero aqui entrar no mérito semântico do verbo *desarnar*, talvez para nosso pai essa palavra significava *deixar de ser asno* ou coisa parecida como melhorar nosso desempenho na escola, pois para ele não era suficiente apenas estar matriculado numa escola. Ele dizia que era necessário ter bons resultados. Aparecida enfatiza essa cobrança: *“Papai sempre cobrava que a gente passasse de ano. A gente não podia ser reprovada. Meu pai dizia: ‘vocês têm que estudar porque eu não quero que vocês tenham as mesmas dificuldades que eu tenho, para que vocês tenham um futuro melhor que o meu’. Para ele, um futuro melhor que o dele era o quê? Ter os filhos formados, ter um emprego, porque através do estudo você ia conseguir um emprego, isso era um futuro melhor”*.

Ter um emprego hoje e com condições de vida bem melhor que nossos pais tiveram é, para Aparecida, a certeza de que todo o esforço desenvolvido no sentido de prolongar sua trajetória escolar tem um valor imensurável. Ser professora, para ela, não representa uma “fuga” da condição agricultora em que foi criada, mas também a oportunidade para ela se aproximar cada vez mais da vivência do campo. Exemplo disso é fato dela ter se dedicado ao estudo dos problemas das escolas rurais. Como já mencionado, ela cursou uma pós-graduação em Educação do campo, porém o que chama atenção na fala de Aparecida

é a defesa que ela faz da necessidade de se manter as escolas das comunidades rurais atendendo às crianças que delas precisam: *“Pelos dificuldades que eu tive na minha trajetória escolar, pela falta de escola na comunidade onde a gente morava, a distância, o percurso que a gente fazia para chegar na escola, deixamos de ingressar na escola na idade certa”*. Emocionada, Aparecida acrescenta: *“defendo que a escola tem que ser no local onde a criança mora, porque é muito difícil uma criança sair de casa pela manhã, às cinco horas da manhã, muitas vezes, e só retornar às doze horas, em cima de um carro para ir estudar na zona urbana. Vendo as dificuldades, eu me pergunto: como essa criança vai aprender? Quando ela chega em casa, ela está cansada, como ela vai fazer as atividades direcionadas pelo professor? ”*.

Aparecida aprendeu, com as “lutas” travadas por ela durante sua trajetória escolar, a defender o direito das crianças camponesas de estudarem próximas de sua residência. Talvez esse espírito de luta tenha sido um valor incorporado a partir do exemplo dado por nosso pai que sempre lutou em defesa dos direitos de seus pais. Ela lembra que nosso pai era um líder sindical local e tinha os requisitos para liderança: *“Na década de 80, meu pai foi escolhido o líder sindical da comunidade, aquela pessoa que se você chamasse para amenizar um conflito, ele sabia fazer uso da palavra, era uma pessoa que entendia de cálculos para medir terrenos, hectares esses cálculos muito utilizados para resolver os conflitos que envolviam disputa por terra”*.

Porém, Aparecida não só incorporou das ações de nosso pai o espírito de luta e de defesa das causas ligadas ao campo, outra virtude incorporada por ela foi o “zelo” com a vida escolar de seus filhos. A exemplo de nosso pai e com condições econômicas diferentes da dele, Aparecida ofereceu condições aos seus dois filhos para que eles também alongassem suas trajetórias escolares.

Quando questionada sobre o acompanhamento que ela fez na vida escolar de seus filhos, Aparecida responde: *“Como papai incentivou a gente, mostrando que a educação é o caminho, é a melhor herança que um pai pode deixar para um filho, porque herança material os pais deixam, mas quase sempre tem brigas na disputa por essa herança, porém a herança do conhecimento, você deixa e ninguém toma de você. Então, a herança que papai deixou para a gente, que é o conhecimento, eu tinha, como obrigação, passar para os meus filhos e espero que eles passem para a futura geração.*

Sim, Aparecida repassou essa herança para seus filhos. Um exemplo disso é a trajetória escolar deles dois. Sua filha é formada em Odontologia pela UERN de Caicó e seu filho terminou a graduação em Física pelo IFRN e, hoje, ele é aluno regular do Mestrado em Física na UFRN em Natal/RN.

2.4 FRANCISCA SOUZA: ATUALIZAÇÕES PROFISSIONAIS PARA MELHOR ENSINAR.

“Quem é professor tem que estar sempre se atualizando, porque se não se atualizar é como uma pessoa que entra num rio e não sabe nadar, vai afundar”.

Maria Francisca Moura de Souza nasceu em 07 de novembro de 1968 no Sítio Jangada município de Jucurutu/RN e é a 2ª filha na ordem de nascimento da família Souza. Casada e mãe de uma filha, licenciada em Pedagogia e especialista em Fundamentos Epistemológico da Educação Infantil e Ensino Fundamental, ela é professora na rede municipal de ensino no município de Jucurutu/RN. Atualmente, atua numa escola localizada na zona urbana da cidade onde reside, porém já lecionou em escola da zona rural desse mesmo município.

Maria Francisca lembra que iniciou tardiamente sua trajetória escolar aos nove anos de idade por morar na zona rural com meus pais em um sítio onde não havia escola. Ela diz que, naquela época, nunca tinha visto uma escola, fato esse que lhe causou *“muito medo”*. Ela também relatou, em sua entrevista, a iniciativa de nosso pai em pagar um professor particular para alfabetizá-la no início de sua trajetória escolar. Francisca assim justifica essa ação de nosso pai: *“pelo fato de a gente já estar crescendo e nunca ter estudado, ele falou que ia contratar um rapaz para ensinar a gente”*. Pelo fato de ser uma *“criança que não saía de casa”*, a não ser o trabalho no roçado, Maria Francisca diz ter ficado com medo de ir a essa *“escola”* particular: - *“fiquei com medo. Achei que escola fosse uma coisa que fizesse medo a uma criança.*

Outro ponto que Maria Francisca dá ênfase que ocorreu nessa época foi a ação desenvolvida por nosso pai que, logo no primeiro dia de aula com esse professor particular, contratou para ensinar a ela e as outras minhas irmãs: *“Meu pai contratou esse rapaz, um primo dele, pagou e colocou a gente na escola. Primeiramente, meu pai foi logo na frente.*

Quando a gente chegou lá, ele já estava para conversar com o rapaz, dar as orientações, as instruções, o que deveria fazer se a gente desobedecesse ao professor”.

Esse período com o primeiro professor contratado por nosso pai para alfabetizar minhas irmãs durou menos de um ano. Segundo Maria Francisca, depois desse período, chegou no mesmo sítio que a gente, a senhora Maria das Dores, uma pessoa que detinha um certo conhecimento. Então, ela e minhas outras irmãs passaram a estudar com Dona Maria das Dores.

Após estudar com Maria das Dores, Maria Francisca lembra que passou a estudar numa escola no Sítio Jangada, a Escola Municipal Manoel Pereira. O fato que levou nosso pai a matricular seus filhos nessa escola, foi devido essa ser *uma escola regularizada*, como diz a própria Maria Francisca.

Como Maria Francisca tinha estudado até então com professores pagos por nosso pai, e não tinha nenhum registro oficial de seus resultados escolares naquela época, ela foi submetida a um teste, razão pela qual Maria Francisca foi matriculada na 2ª série. Tendo estudado durante dois anos na Escola Municipal Manoel Pereira no Sítio Jangada, após concluir a 3ª série do ensino primário, ela passou a estudar na Escola Isolada Boi Selado.

Nessa escola, Maria Francisca concluiu a 4ª série. Como não quis ir morar na casa de uma tia em Jucurutu, mesmo que lá já morassem minhas duas irmãs, Aparecida e Isabel, ela teve que repetir a 4ª série como ouvinte na escola da comunidade rural de Boi Selado.

Depois de ter repetido a 4ª série por dois anos, Maria Francisca foi estudar em Jucurutu. Nesse ano, surgiu a oportunidade para ela viajar todos os dias da comunidade Boi Selado para a cidade de Jucurutu, pois o então prefeito na época disponibilizou, durante aquele ano, um transporte escolar para transportar os alunos de Boi Selado para Jucurutu. Assim sendo, não foi necessário ela morar na casa de nossa tia naquele ano.

Maria Francisca viajava todos os dias para Jucurutu. Acordava às 4 horas da madrugada no sítio Jangada, onde morava, ia a pé até Boi Selado com Isabel. Dessa comunidade, ela viajava de carro até Jucurutu. Quando terminavam as aulas às 11:30 horas, retornavam para Boi Selado. Quando era no período chuvoso em que os rios estavam cheios, o carro chegava em Boi Selado às 17:00 horas. Quase sempre esse atraso era acompanhado pela fome, como relata Maria Francisca: *“sem ter dinheiro para comprar*

merenda, às vezes, a diretora entregava uma merenda que sobrava. Ela tinha dó daqueles alunos com fome, chamava a gente e dava o 'almoço' com aquela merenda da escola".

No ano seguinte, quando Maria Francisca foi estudar a 6ª série não teve mais o transporte escolar. Dessa vez, o então prefeito fundou na cidade de Jucurutu a Casa do Estudante, um local de apoio para os estudantes da zona rural que precisavam se deslocar de suas comunidades rurais e vir estudar na cidade.

Meu pai não permitiu que minhas irmãs fossem morar na Casa do Estudante. Então, Maria Francisca foi morar na casa de nossa tia em Jucurutu com minhas outras irmãs. Ela passava a semana em Jucurutu e aos sábados retornava para o sítio onde morava. Com a necessidade de mais uma de nossas irmãs ir estudar em Jucurutu e a casa de nossa tia não tinha mais como acomodar mais uma pessoa, nosso pai alugou uma casa próxima à residência de nossa tia. Anos depois que morávamos nessa casa, Maria Francisca conseguiu comprá-la. Sobre as condições para a compra da casa, Maria Francisca lembra: *"no sítio, eu criava uns bichos de gado, garrotes e vacas, vendi e comprei essa casa para morar com minhas irmãs"*.

Maria Francisca concluiu o curso do magistério no ano de 1999. Ela diz que, naquela época, não tinha muito o sonho de ser professora, porém, quando ela passou pelo período do estágio, despertou nela uma vontade de ser professora, razão pela qual ela passou a ensinar em casa, dando aula particular. Ela conta que seu sonho era formar-se em História

Tendo concluído o Magistério, Maria Francisca fez um concurso público para professor na Prefeitura Municipal de Jucurutu e foi aprovada passando a trabalhar como professora. Maria Francisca lembra que ficou muito feliz com essa oportunidade: *"fiquei muito feliz e tenho agradecido muito a Deus por esse momento. É um sonho realizado"*. Ela foi nomeada para trabalhar numa escola da zona rural. Lá trabalhou durante seis anos.

Atuando como professora da rede municipal de Jucurutu e beneficiada pelo Programa de Formação de Professores em Exercício, Maria Francisca conseguiu ingressar num curso de graduação em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio grande do Norte (UERN), na cidade de Assú/RN, no ano de 2000, curso esse oferecido aos finais de semana e feriados e que foi concluído no ano de 2003.

Maria Francisca ainda era solteira no período em que concluiu sua graduação, fato esse que a fazia pensar em continuar estudando. Ela casou tempos depois da conclusão do curso de Pedagogia e, já depois de ter uma filha, surgiu a oportunidade de fazer um curso de especialização: uma faculdade particular ofereceu o curso de especialização na cidade de Jucurutu para professores da rede municipal e, dessa forma, Maria Francisca teve condições para frequentar e concluir mais essa etapa de sua trajetória escolar.

A trajetória escolar de Maria Francisca não é muito diferente da trajetória escolar da irmã Aparecida. Foram trajetórias vividas nas mesmas condições sociais e econômicas, razão pela qual as duas apresentam dificuldades semelhantes. Além de ter que superar o “medo” por achar “*que escola fosse uma coisa que fizesse medo a uma criança*” ela, como as irmãs, também tinha que percorrer longas distâncias a pé ou de bicicleta, isso depois de, pelo menos, uma manhã de trabalho no roçado.

Sobre o trabalho no roçado, Maria Francisca descreve como era difícil: “*No trabalho, a gente ajudava desde plantar até a colheita da agricultura e ainda mais de cuidar de animais, da criação de cabras e gado. Eu ajudava em tudo. Ajudava à minha vó, ela tinha um plantio de horta*”. Não há dúvida de que, para uma criança, esse trabalho pode ser visto como um fardo que lhe causaria cansaço, porém mesmo cansada Maria Francisca sempre frequentava à escola. Ela faz questão de deixar claro o prazer que sentia: “*as dificuldades em continuar trabalhando, mas a gente ia estudar com prazer todo dia. Não perdia um dia de aula, sempre procurava ser pontual: chegar na hora antes do professor chegar*”.

Sobre o trajeto que fazia de sua casa no Sítio Jangada para a escola na comunidade de Boi Selado, Maria Francisca lembra: “*meu transporte era uma bicicleta. Enfrentei grandes barreiras, porque saía de cinco horas da escola, gastava uma hora de viagem. Muitas vezes, chegava à noite em casa, enfrentando açudes cheios. A bicicleta, às vezes, dava problema e eu tinha que consertar para chegar em casa, já chegava à noite em casa, mas não desisti*”.

Outra dificuldade enfrentada por Maria Francisca foi conviver com a timidez, fato esse que lhe rendeu um histórico de repetência sem reprovação em sua trajetória escolar. Quando foi aprovada na 4ª série do ensino primário, ela foi estudar a 5ª série em Jucurutu: “*eu não tinha o costume de passar a semana fora de casa longe de minha família. Mesmo*

tendo duas irmãs minhas que moravam em Jucurutu na casa de nossa tia, eu fiquei com medo de morar na casa dos outros. Então, eu repeti de ano”.

Maria Francisca ainda enfrentou o “gargalo” da seletividade em sua trajetória escolar, algo que impedia de ingressar num curso de graduação como ela mesma fala: *“o meu sonho era me formar em História, tentava o vestibular, mas não conseguia passar. Tentei várias vezes: foram 10 vestibulares. Fazia duas vezes por ano. Meu sonho era História. Nunca passei em História”.* Maria Francisca ingressou numa graduação depois que foi efetivada no serviço público como professora.

As dificuldades de acesso à informação e a escassez financeira aparecem para Maria Francisca, em sua trajetória escolar, como uma barreira para o seu desenvolvimento: *“Uma das grandes dificuldades da minha trajetória escolar, foi o fato de, que na época eu não tinha acesso ao conhecimento como a gente tem hoje. O aluno tem acesso a esses meios de comunicação todos, tem como assistir um jornal, tem o livro didático, revistas, e eu no meu tempo não tinha acesso a nada disso”.*

Não ter o fácil acesso às fontes de informação, conforme mencionado por Maria Francisca durante sua trajetória escolar, não impediu que ela tivesse sua trajetória escolar prolongada. Talvez um dos fatores importantes para que esse prolongamento tenha se efetivado foram as estratégias desenvolvidas por ela para superar essas dificuldades.

Como ela mesma disse: *“eu nunca desisti”.* Maria Francisca, além de nunca ter desistido, soube criar condições favoráveis para enfrentar as adversidades que surgiram em sua trajetória escolar. Repetir a 4ª série por dois anos, mesmo tendo sido aprovada, foi uma maneira encontrada por ela para não ficar sem estudar e, assim, não esquecer o que já havia aprendido.

Além dos esforços de Maria Francisca no sentido de criar condições para superar as dificuldades, podemos perceber uma atitude importante de nosso pai que auxilia Maria Francisca nesses esforços. Mesmo enfrentando dificuldades financeiras, nosso pai soube conservar um pouco dos bens materiais que ela possuía na época (vacas e garrotes) e usar na hora certa para adquirir uma casa para que Maria Francisca e suas outras irmãs pudessem morar na cidade para estudar.

Maria Francisca mostra como, no período em que morava em Jucurutu e estudava, ela buscou meios para conseguir se manter, uma forma de superar as dificuldades

financeiras vividas na época. Sobre essas experiências, Maria Francisca lembra: *“surgiu, então, uma vaga para eu trabalhar nas feiras livres como feirante. Trabalhava em Santana do Matos no sábado. No domingo, em Jucurutu e, na segunda-feira, em São Rafael. Trabalhei durante um ano nessa mesma rotina. Depois de um ano, surgiu uma oportunidade de trabalho no Sindicato dos trabalhadores rurais de Jucurutu, onde eu trabalhei durante seis anos”*.

Trabalhar, naquela época, também foi uma forma encontrada por Maria Francisca para ajudar a nosso pai, pois tornar-se independente financeiramente significava “aliviar” as despesas dele com os estudos dos filhos em uma época em que os recursos financeiros eram significativamente escassos.

Outro fator que contribuiu para o prolongamento da trajetória escolar de Maria Francisca e de meus outros irmãos foi o acompanhamento feito por nosso pai de nossa vida escolar. Maria Francisca relata esse acompanhamento: *“além de nós chegarmos tarde do trabalho e cansados da escola, à noite, meu pai estava sempre procurando algo para incentivar no estudo. A gente não tinha muitos recursos para estudar, pouco material impresso, a escola não oferecia livros didáticos como hoje oferece, eram simplesmente os cadernos. Além dos livros que nossa mãe guardava do tempo em que ela estudou, nosso pai adquiria aquilo que tivesse letras, palavras e ia botando para a gente ler, fazendo os questionamentos, querendo saber se a gente conseguia ler, incentivando a leitura. Lembro muito bem que a primeira palavra que eu li, foi o nome Fortaleza, porque tinha uma lata de bolacha com esse nome e nosso pai sempre perguntava, ia perguntando de letra em letra. Eu me lembro muito bem, tanto que aprendi a ler com esse nome Fortaleza”*.

Pela fala de Maria Francisca é possível notar que a dificuldade de acesso a material escrito como livros, revistas e jornais, já mencionada por ela, não impediu que nosso pai acompanhasse e incentivasse o nosso bom desempenho escolar. Ele usava o que estava disponível, como embalagem de biscoito, para auxiliar na alfabetização dos filhos. Segundo Maria Francisca, nossa mãe também auxiliava nos trabalhos da escola: *“quando aprendemos a ler as palavras e tínhamos que melhorar nossa leitura. Mãe recorria aos livros que ela guardava do seu tempo de escola. Ela retirava daqueles livros palavras para os filhos que estavam aprendendo a ler, e para nós que já sabíamos ler, nossa mãe colocava frases”*.

Outro acompanhamento feito por nossos pais e que Maria Francisca considera importante, foi o moral: as orientações dadas, sobre a forma como ela deveria se comportar dentro do ambiente escolar e respeitar o professor. Isso era uma obrigação assumida por Maria Francisca, tendo em vista isso ser uma exigência de nosso pai. Ela lembra que jamais desobedeceu a um professor, pois sabia das possíveis consequências: *“Meus pais sempre diziam que quando a gente saía para a escola, até hoje eu costumo dizer isso para minha filha, era para obedecer ao professor. Ele estava lá como se fosse um pai, era o segundo pai, a segunda mãe se fosse professora. Na hora que a gente desobedecesse a ele, vinha um recado para nosso pais. Eu e minhas irmãs não procurávamos desobedecer, porque sabíamos que se desobedecesse, ele castigava”*.

Pelo relato de Maria Francisca é possível ver o estado constante de vigilância que nós vivíamos dentro da sala de aula, o quanto nos policiávamos para evitar qualquer desobediência. De certa forma, esse controle gerava uma disciplina na conduta dentro do ambiente escolar, algo importante para o desenvolvimento da aprendizagem. Estar atento significa também perceber, com mais frequência, as informações compartilhadas pelo professor.

Maria Francisca também incorporou essa importância do respeito que devemos ter ao professor e tem repassado isso para a sua filha: *“até hoje, eu costumo dizer isso para minha filha, para obedecer ao professor”*, bem como a necessidade da busca do conhecimento. Quando questionada sobre sua busca por um curso além da graduação ela acrescenta: *“A necessidade de buscar o conhecimento para a área de trabalho, porque a gente sabe que quem é professor tem que estar sempre se atualizando, porque se não se atualizar é como uma pessoa que entra num rio e não sabe nadar, vai afundar”*.

Maria Francisca incorporou também o espírito de criar estratégias para fazer melhor a sua prática pedagógica, além de estar criando como nosso pai criou, condições para que sua filha estude. Não dá para saber se ela vai prolongar sua trajetória escolar, pois se trata de uma criança de apenas 10 anos de idade, mas o que se sabe é que ela nunca repetiu de ano. Hoje, já está cursando o 5º ano do ensino fundamental. Vendo o acompanhamento que Maria Francisca faz da vida escolar da filha, podemos pelo menos prever que essa criança terá uma vida escolar longa.

2.5 ISABEL SOUZA: DISPOSIÇÃO MOBILIZADORA PARA ALÉM DE UMA ESTABILIDADE FINANCEIRA.

“Então, eu já tinha meu emprego, mas mesmo assim eu ainda quis ir além. Mesmo que o meu pai orientasse, que a minha mãe orientasse, se eu não tivesse feito minha parte de continuar.... Meu pai dizia: ‘estude para arrumar um emprego e não depender de homem!’ ”

Isabel Francisca de Souza nasceu em 17 de janeiro de 1970 no Sítio Jangada município de Jucurutu/RN. Ela é a 3ª filha na ordem cronológica de nascimento em um núcleo familiar composto por 13 filhos, sendo oito mulheres e cinco homens. Isabel é casada e tem um casal de filhos. Licenciada em Pedagogia e especialista em Supervisão Escolar, ela também é professora na rede estadual de educação do Rio Grande do Norte atuando na Escola Estadual Professora Maria das Graças Silva Germano na comunidade Boi Selado onde reside desde 1985.

Sua vida escolar iniciou-se quando ela tinha entre 8 e 9 anos e essa primeira experiência com o ambiente escolar não foi numa instituição de ensino pública, mas numa “aula particular”, tal como ela descreve: *“um primo de meu pai, na época se dispôs a montar uma escolinha na casa dele, onde os pais agricultores daquele sítio pagavam a ele para que ele alfabetizasse os meninos”*. Sobre essa “escola” e os motivos de sua transferência para outra escola um pouco distante de sua residência, Isabel diz: *“Depois, meu pai percebeu que aquela escola servia apenas para a gente aprender a ler e a escrever, mas não tinha como ficar oficializado aquele grau de ensino, já que não era uma instituição de ensino oficialmente reconhecida. Então, ele resolveu colocar as crianças (Isabel e as irmãs) na escola mais próxima que tinha, numa distância mais ou menos de uns seis quilômetros de onde morávamos”*. A ação de nosso pai em reconhecer a importância que tinha a escola oficial, pode ser entendida como a manifestação do capital cultural em seu estado institucionalizado. Segundo Bourdieu (2015, p. 86), a objetivação do capital cultural sobre a forma do diploma escolar, oferece ao seu portador um valor convencional constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura. Para nosso pai, o valor convencional do saber escolar era uma garantia de que, no futuro, nós teríamos as certidões que permitiriam estabelecer taxas de convertibilidade entre capital cultural e o capital econômico. (BOURDIEU, 2015, p. 87).

Quando Isabel foi matriculada numa escola “oficializada”, esse ingresso se deu na Escola Municipal Manoel Pereira no Sítio Jangada. Como já tinha sido alfabetizada durante o período em que estudou com os professores particulares que nosso pai havia pagado, ela foi matriculada na 2ª série numa sala multisseriada, onde uma só professora ensinava da 1ª à 3ª série. Ela foi para essa escola, acompanhada com mais três irmãs, as duas mais velhas e a mais nova na época.

Analisando a fala de Isabel é possível perceber que sua trajetória escolar se deu concomitantemente com as trajetórias dessas irmãs, porém, ela estudou apenas um ano na Escola Municipal Manoel Pereira. Isabel estudou a 3ª série na Escola Isolada Boi Selado. Nosso pai a matriculou nessa escola, para que ela fizesse “companhia” à nossa irmã Aparecida no trajeto de casa para a escola, pois nesse mesmo ano, Aparecida foi matriculada na 4ª série do ensino primário.

Tendo estudado as 3ª e a 4ª séries nessa escola sem nenhum histórico de reprovação, Isabel teve que repetir a 4ª série como “ouvinte”. Essa repetência se deveu ao fato de que, nesse mesmo ano, meu pai matriculou apenas minha irmã mais velha para estudar a 5ª série numa escola na cidade de Jucurutu já que na escola do distrito de Boi Selado só tinha até a 4ª. série.

Somente em 1984 foi que minha irmã Isabel foi estudar a 5ª série numa escola da cidade de Jucurutu. Como ainda não havia transporte escolar nesse ano para levar os alunos que concluíssem a 4ª série na escola de Boi Selado para estudar em Jucurutu, Isabel foi morar na casa de uma tia, onde nossa irmã Aparecida já morava há um ano.

Isabel lembra que foi estudar numa escola que pertencia a uma fundação, era a Fundação Jucurutuense Newman Queiroz. Não era uma escola gratuita, e vivia às custas da ajuda de agentes do campo político, por esse motivo, para estudar nessa fundação era necessário conseguir bolsas de estudos.

Para que Isabel pudesse ser matriculada nessa escola, nosso pai conseguiu com um político local, uma bolsa para que ela continuasse seus estudos. Vale ressaltar que, na época, nosso pai já era um líder sindical e também tinha boas relações com alguns agentes do campo político. Ele já havia conseguido outra bolsa de estudo com o sindicato dos trabalhadores rurais de Jucurutu para Aparecida estudar na Fundação Jucurutuense Newman Queiroz, como já mencionado por ela

Durante um ano, Isabel morou na casa dessa nossa tia em Jucurutu. No ano seguinte, o prefeito da cidade, de Jucurutu, colocou um carro para transportar os alunos da comunidade Boi Selado, já que estava aumentando o número de alunos que estavam terminando a 4ª série e estavam ficando sem estudar, porque não tinha casa de familiares para morar na cidade como minhas irmãs. Nesse período, Isabel e a outra irmã Maria Francisca, viajavam a pé todos os dias do Sítio Jangada onde morávamos até a comunidade de Boi Selado, um percurso de aproximadamente oito quilômetros, de onde pegavam esse transporte escolar até a cidade de Jucurutu.

Como o prefeito de Jucurutu só disponibilizou o transporte escolar para conduzir diariamente esses alunos da comunidade rural de Boi Selado até a sede do município apenas por um período de um ano, pois esse carro não atendia à demanda das outras comunidades rurais, o prefeito naquele ano fundou na cidade a Casa do Estudante em Jucurutu, para que os alunos da zona rural tivessem um local para passar a semana enquanto estudasse na cidade de Jucurutu.

Como meu pai não permitiu que as filhas morassem na Casa do Estudante, já que lá iam morar homens e mulheres na mesma casa, minhas irmãs voltaram para a casa de minha tia em Jucurutu.

Iniciado o ano de 1987 e como ia outra irmã estudar em Jucurutu, nesse caso a quarta irmã, papai resolveu alugar uma casa para elas morarem. Essa casa foi alugada próxima à casa de nossa tia, casa essa, que anos depois foi comprada pela nossa irmã Francisca. Isabel não sabe com clareza os motivos em que levou nosso pai a alugar uma casa próxima à casa de nossa tia, mas ela levanta como hipótese o fato de nosso pai querer ter alguém por perto para “olhar” as filhas numa espécie de vigilância, até porque elas passavam a semana morando em Jucurutu e nosso pai não tinha condições de ir visitá-las todos os dias.

Assim, Isabel concluiu o 1º e o 2º grau morando nessa casa. Quando ela concluiu o magistério no ano de 1990, a Escola Newman Queiroz, na época, já estadualizada, oferecia os cursos de Magistério e de Secretariado Executivo. Então, ela preferiu fazer o Magistério. Essa “preferência” pelo Magistério, Isabel atribui a alguns professores que ela tinha: *“admirava muito aqueles professores. Então, eu resolvi fazer o Magistério”*.

Quanto às tentativas de ingresso no ensino superior, Isabel diz ter prestado o primeiro vestibular para o curso de Letras, não conseguindo êxito nessa primeira tentativa.

No ano seguinte, ela fez o vestibular para o curso de Pedagogia e conseguiu ser aprovada. Iniciou o curso de Pedagogia na UERN, Campus de Assú/RN e estudou nesse campus por um período de 18 meses. Beneficiada por um programa de transferências para o preenchimento de vagas remanescentes existentes na Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, Isabel se inscreveu nesse programa e, assim, conseguiu sua transferência para a o curso de Pedagogia da UFRN em Caicó/RN.

No ano de 1996, ela concluiu o curso de Pedagogia. Isabel afirma que a habilitação que ela escolheu foi em Administração Escolar, pelo fato de estar, na época, desempenhando a função de diretora da Escola Estadual Professora Maria das Graças Silva Germano na comunidade de Boi selado.

Depois que concluiu o curso de Pedagogia, Isabel diz ter dado uma ligeira pausa em sua trajetória escolar e que só no ano de 2006 ela ingressou num curso de pós-graduação em Supervisão escolar oferecido pela Faculdade Integrada de Patos (FIP) e concluído em 2008.

A trajetória escolar de Isabel deu-se, simultaneamente, com as das outras duas irmãs Aparecida e Maria Francisca, razão pela qual grande parte das dificuldades vividas por Isabel são, a grosso modo, equivalentes às vividas por suas irmãs.

Uma das dificuldades vividas e superadas por Isabel em seu percurso escolar foi o preconceito sofrido pelo fato de ser de origem rural. Quando passou a estudar na cidade de Jucurutu, Isabel conviveu com situações assim descritas por ela: *“Então, terminei o ano de 1984 e fui aprovada. Eu sinto que era assim: os alunos que eram da zona rural, as pessoas da cidade discriminavam [emocionada]. Achavam que a gente era matuta, não sabia falar correto. Lembro de muitas pessoas colocando apelidos, chamando a gente “a turma do Boi”, se referindo ao nosso lugar, onde a gente morava que era Boi Selado”*.

As formas como as pessoas da cidade viam os habitantes do meio rural também constituíam barreiras para o processo de socialização desses jovens agricultores. Isabel falando desse preconceito diz: *“você imagina: eu tinha 14 anos quando fui morar em Jucurutu. Então, além de sair do convívio familiar, eu, uma menina matuta do sítio que tinha vergonha até de falar com o povo”*. Isabel teve que superar a timidez e o preconceito sofrido pelo fato de ser de origem campesina, para assim poder se socializar com seus pares e, assim, participar de forma ativa do “jogo” escolar.

Outra dificuldade vivida por Isabel, como aluna, ocorreu no ano de 1985, quando o prefeito da cidade colocou um carro para transportar os alunos da comunidade Boi Selado. Isabel lembra que voltou a morar no sítio com seus pais e que todas as manhãs ela e sua irmã Maria Francisca saíam de casa às 4 horas da manhã, para poder viajar nesse carro, que saía da comunidade Boi Selado às 5 horas da manhã. Ela afirma que a viagem, nesse carro, era “longa” e que, naquele tempo, a estrada era de barro, fazendo com que um percurso de 18 km tornasse uma viagem cansativa e sem hora exata de retorno. Esta situação se agravava na época das chuvas, pois muitas vezes, ela tinha que atravessar rios com enchentes, onde o retorno para a residência de seus pais só ocorria à tarde ou à noite.

Isabel lembra ainda outra dificuldade vivida em sua trajetória escolar no período em que o então prefeito de Jucurutu fundou a Casa do estudante para que os alunos das outras localidades rurais do município tivessem um local para residir na cidade e assim pudessem dar sequência a sua vida escolar. Nesse período, a prefeitura mandava um carro aos sábados deixar os alunos que moravam na Casa do Estudante em suas respectivas localidades rurais. Porém, como minhas irmãs não moravam na Casa do Estudante, eram impedidas de usar esse meio de transporte custeado pela Prefeitura para retornarem aos sábados para Boi Selado. O retorno nos finais de semana, segundo Isabel, era feito muitas vezes a pé, uma distância de aproximadamente 18 quilômetros: *“E aquela volta, eu lembro muito de ter vindo de Jucurutu para Boi Selado a pé, na época da Casa do Estudante tinha o carro que carregava os estudantes da cidade para Boi Selado aos sábados, mas dizia-se o seguinte: - que só era para trazer no carro as pessoas que moravam na Casa do Estudante”*.

Isabel via nesse ato uma questão de politicagem, pois nosso pai não acompanhava o partido político do então prefeito. Para justificar sua visão, ela diz: *“ouvia colegas que vinham no carro, pois passava na estrada com muita poeira e a gente a pé e eles no carro, o carro andava devagar também, que a estrada não era asfaltada na época, gritando: [com ênfase na voz] bacurau come poeira! Bacurau come poeira! Porque eles se referiam a nós como “bacurau” que era o partido adversário do lado do prefeito”*.

Isabel também mostra que a escassez de recursos financeiros de nossos pais marcou sua trajetória escolar. Ela reforça o que foi dito por Aparecida, mesmo as entrevistas tendo ocorridas em locais e datas diferentes, as falas e a emoção das duas irmãs que citaram tal escassez como dificuldades, são quase semelhantes. Sobre essa escassez, Isabel falou: *“Minha irmã mais velha estudava no turno vespertino e eu, no turno matutino e como as*

coisas eram muito difíceis, era uma camiseta de farda para as duas... [emocionada, breve pausa devido choro], mas isso não impedia que eu estudasse. Para mim, era tudo que eu tinha que fazer era estudar”. Essa partilha da camiseta da farda foi vivida por Isabel e Aparecida, razão pela qual as falas aparecem quase como semelhantes e ambas se emocionam ao falarem dessa experiência. Fazer o que podia ser feito dispondo de poucos recursos financeiros, foi a lógica da economia doméstica apreendida pelas minhas irmãs.

Mesmo tendo vivido dificuldades semelhantes às outras irmãs, existem, porém, na trajetória escolar de Isabel, dificuldades experimentadas apenas por ela, como na ocasião de seu ingresso no ensino superior em uma universidade que ficava em uma cidade distante da que ela morava, razão pela qual Isabel viveu a experiência da migração geográfica temporária. Isabel teve que morar em uma cidade que ela até então não conhecia, distante de seus familiares e tendo que arcar com despesas com aluguel de casa.

Sobre seu ingresso no ensino superior Isabel lembra ter tentado uma vaga no curso de Letras na UFRN em Caicó, porém não conseguiu aprovação no vestibular daquele ano. Logo no ano seguinte ela conseguiu ser aprovada no vestibular da UERN no curso de Pedagogia campus de Assú-RN. Lembrando as dificuldades enfrentadas para iniciar sua graduação naquela cidade, ela fala emocionada: *“época muito difícil também porque não tinha transporte escolar pra Assú. Eu já estava casada, é tanto, que no dia em que saiu o resultado [emocionada, chorando] do vestibular, eu tive meu filho. Fui para morar lá, aluguei uma casa e fui morar com meu filho recém-nascido, uma irmã e meu esposo”.*

Sobre as dificuldades vividas no período em que estudou em Caicó, Isabel relembra dizendo: *“Era difícil também porque na época não tinha transporte escolar e nem transporte de modo geral para Caicó. Era difícil! Hoje tem alternativo toda hora que você quer, mas na época eu lembro que só tinham duas mercedinhas (um modelo de caminhão) que faziam viagem de Jucurutu para Caicó, saindo de 5 da manhã de Jucurutu e voltava 10:30h mais ou menos. Então, a gente ia nesse transporte e como às 10:30h, que era a hora que essa mercedinha voltava, a gente não estava liberada da faculdade, a aula ia até 11:30h, o retorno pra Jucurutu era de carona. Muitas vezes dava uma da tarde [13hs], [bastante emocionada] eu esperando carona, muitas vezes vinha em caminhões carregados com farelo, em cima de carga...[choro].*

Para enfrentar dificuldades pontuais em sua trajetória escolar, Isabel e Aparecida contam com as ações de desdobramento desenvolvidas por nosso pai, que não poupava

esforços para possibilitar oportunidades para a nossa permanência na escola. Dentre essas ações, Isabel lembra a capacidade de articulação que ele tinha: *“na época meu pai como sindicalizado, ele sempre foi muito de movimentos sindicais, ele recebeu uma bolsa do sindicato dos trabalhadores rurais para minha irmã mais velha e, para mim, arrumou com um político”*.

Não bastava ser ligado apenas ao movimento sindical, se assim fosse Isabel poderia ter ficado sem estudar naquele ano, pois meu pai só conseguiu com o sindicato uma bolsa de estudo, a outra, destinada à Isabel foi articulada com um agente do campo político.

Além de contar com a capacidade de articulação com sua rede de relações sociais que nosso pai dispunha, Isabel também contou com um atributo pessoal no sentido de amenizar em alguns momentos e de superar em outros, todas as adversidades, ela teve disposição mobilizadora para prolongar sua trajetória escolar.

Isabel superou longas distâncias entre a nossa casa e a escola, muitas vezes cansada do trabalho no roçado, saiu do seio familiar para ir morar na casa de outras pessoas, conviveu com o preconceito social, quando saiu da zona rural para estudar na cidade e não se resignou em partilhar da mesma camiseta da farda com Aparecida. Tudo isso foi para ela esforços secundários, pois quando questionada sobre os maiores esforços que ela teve que desenvolver, Isabel disse: *“Eu acho que o maior esforço veio quando eu cheguei na graduação, porque eu podia muito bem ter “aberto mão” daquilo, eu já tinha um emprego, um trabalho.”*

Ora, as orientações dadas por nosso pai naquela época, para as filhas mulheres, giravam em torno da necessidade de estudar para serem independentes financeiramente. Ela acrescenta o que ele dizia sobre a necessidade de estudar: *“estude para arrumar um emprego e não depender de homem”*. Isabel já era servidora pública estadual, pois havia sido aprovada num concurso público, quando estudava o 2º ano do Magistério, e foi convocada para trabalhar como funcionária da saúde.

Isabel justifica seu esforço para continuar estudando mesmo depois de já ter conseguido um trabalho: *eu podia muito bem, se não fosse pelo meu esforço, ter parado por ali, mas vi que eu “queria mais”, que meu sonho mesmo era a faculdade, era me formar*. Essa força de vontade foi um dos fatores decisivos para que Isabel superasse as adversidades vividas, sobretudo, no período que ingressou no ensino superior.

Essa capacidade em Isabel de mobilizar-se em busca de um sonho e alcançar o prolongamento de sua trajetória escolar pode ter tido suas raízes fundadas no acompanhamento e nos incentivos que nosso pai sempre fez em sua vida escolar.

Sobre esse acompanhamento Isabel enfatiza a ação de nosso pai desde o início de sua trajetória escolar: *“meu pai acompanhava muito. Ele trabalhava muito, o dia todo, mas eu lembro da época em que a gente estava aprendendo a ler, ele sentava depois do jantar na mesa, ia com todo mundo para ensinar a ler”*. Mesmo cansado do trabalho no roçado, nosso pai fazia o acompanhamento da vida escolar dos filhos, apesar da pouca escolaridade que ele tinha na época e a escassez de material didático para esse acompanhamento.

Como já mencionado por Aparecida e Maria Francisca, que nossa casa na época era um ambiente de poucos materiais impressos, Isabel também descreve essa escassez e como era que nosso pai fazia esse acompanhamento: *“Lá em casa não era um ambiente de muitas escritas, eu lembro das poucas escritas que tinha lá em casa, além dos livros que minha mãe guardava do tempo em que ela estudava: era uma lata de biscoito fortaleza, e umas caixas de fósforos. Então, ele ensinava a gente a ler com esse pouco material que tinha de leitura ele ficava tentando, toda noite depois do jantar*.

Esse acompanhamento não era feito somente à noite em casa ao redor da mesa, mas em qualquer lugar e em qualquer intervalo de tempo, lá estava nosso pai instigando e tentando alfabetizar seus filhos. É o que relata Isabel em sua fala: *“eu lembro que sempre que a gente ficava lá no “rancho” [espécie de casa de taipa feita no roçado para guardar as ferramentas de trabalho], para fazer o lanche, ele pegava um pauzinho, “um tempinho” que ele tirava ali, ele ia tentando, escrevendo palavras, que ele dizia que só tinha estudado 18 dias, mas sabia ler e escrever. Então, ele ficava escrevendo na areia com um pau e mandando a gente ler”*.

O persistir e ficar tentando não foram as únicas formas de acompanhamento desenvolvidas por nosso pai em nossa vida escolar. Ele também cobrava bons resultados, é o que diz Isabel sobre o período em que estudava em Jucurutu e a forma que ele passou a acompanhar sua vida escolar: *“Quando estudava em Jucurutu, que chegava no final de semana, ele queria saber a nota, quem tinha tirado “nota boa”, qual era a nota? Visitava constantemente a escola. Eu lembro que ele ia, nem tinha nessa época muitas viagens à sede do município durante a semana, mas ele ia sempre lá, quando dava fé, ele chegava lá*

na escola para saber que nota tinha tirado, como é que estava o desempenho da gente. Ele sempre foi essa pessoa de estar prestando “atenção””.

Essa vigilância constante, ia para além de sua visita aos ambientes escolares que a gente estudava na época. Tanto ele como nossa mãe davam as orientações de como deveria ser um comportamento “adequado” dentro de sala de aula, como tinha que respeitar o professor e que não podia desobedecer às regras da escola, pois a gente sabia que a qualquer momento ele poderia vir à escola. Isso era uma maneira que eles encontravam de manter o controle de nossas ações dentro do ambiente escolar mesmo que eles não estivessem presentes na escola, ficávamos em inteira autovigilância.

Viver esse acompanhamento feito por nossos pais foi para Isabel momentos de incorporação do que ele ensinava com suas atitudes, pois sempre ela respondeu a essas estratégias de controle com bons resultados escolares, prova disso é seu histórico de aprovação. Ela lembra que nunca foi reprovada durante sua trajetória escolar.

Não bastou para Isabel responder aos acompanhamentos feitos por nossos pais em sua vida escolar apenas com bons resultados escolares, para ela era preciso transmitir essas ações de nosso pai para as gerações futuras. Segundo Isabel, ela sempre foi uma mãe e professora que acompanhou e cobrou bons resultados escolares de seus filhos. Quando indagada sobre o acompanhamento feito por ela na vida escolar de seus filhos, Isabel responde com ênfase na voz: *“para esses foi que eu orientei mesmo! Tanto orientava já como professora, pois fui professora deles também... que quando o menino aprendia a ler, eu já queria botar outro conteúdo bem à frente. Talvez tivesse num nível de 2º ano, eu colocava 3º, eu ficava jogando. Eu comprava livros, coleções de geografia, de história, assinava revistas, o que eu queria era que eles fossem além do que eu fui, é que meu pai queria também que a gente fosse além dele. E eu também passava para eles: “vão além de mim!”. Hoje, vocês têm mais oportunidade do que eu tive na época. Então, incentivo e até hoje continuo incentivando”.*

Para Isabel, as condições que seus filhos tiveram e têm hoje são mais favoráveis que as dela durante sua trajetória escolar. Ela não precisou usar uma lata de biscoito para alfabetizar os filhos, pois já tinha condições financeiras suficientes para comprar livros *de geografia, de história e assinar revistas*. O sonho de Isabel de seus filhos irem além do que ela foi em sua trajetória escolar talvez tenha se efetivado em parte, graças também a esse acompanhamento e cobrança feito por ela.

Isabel não esconde a felicidade em falar do sucesso escolar de seus filhos. O mais velho é cirurgião dentista, concluiu o curso de Odontologia na UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), campus de Caicó/RN, é Mestre em Materiais Dentários pela Unicamp/SP e, hoje, com apenas 25 anos de idade, está cursando o 2º ano do doutorado também na Unicamp em Piracicaba/SP. Emocionada Isabel diz: *“eu digo a ele que ele me surpreendeu, porque eu talvez tenha traçado uma coisa e ele foi além”*.

Já a menina, que é a mais nova e tem 20 anos, está cursando o 6º período de Odontologia na UNP em Natal/RN. Isabel deixa transparecer em sua fala que incorporou o exemplo dado por nosso pai, de não medir esforços para criar oportunidades favoráveis ao prolongamento da trajetória escolar dos filhos: *“não é fácil manter eles dois nos estudos, mas como se diz, eu faço de tudo para conseguir mantê-los”*.

2.6 LÚCIA SOUZA: ANDARILHA DO CAMINHO DO SABER BUSCANDO UM FUTURO MELHOR

“O caminho do conhecimento a gente tem que trilhar, que é ele que nos leva a ter um futuro melhor”.

Lúcia Maria de Souza nasceu no dia 18 de fevereiro de 1971 em Santa Vitoria/MG, é a 4ª filha da família Souza, é casada, mãe de um casal de filhos. Seu filho mais velho hoje com 21 anos e a filha com 20 anos residem em Natal/RN. Lúcia é licenciada em Pedagogia e Especialista em Supervisão Escolar, professora na rede municipal de ensino no município de Santana do Matos/RN, desenvolvendo suas funções como suporte pedagógico na Escola Municipal Professor Luiz Pereira em Barão de Serra Branca uma comunidade rural daquele município, onde ela mora com seu esposo desde 1995.

Sua trajetória escolar começou aos sete anos de idade, onde meu pai com todo empenho e esforço, pagava a uma professora para que alfabetizasse minhas irmãs Aparecida, Maria Francisca, Isabel e Lúcia. Segundo Lúcia, ela permaneceu estudando com essa professora até ser alfabetizada. Depois, passou a estudar na Escola Municipal Manoel Pereira onde concluiu a 3ª série do ensino fundamental. Essa escola ficava a uma distância mais ou menos uns seis quilômetros da residência onde Lúcia morava. Esse trajeto de casa para a escola, ela fazia a pé na companhia de suas irmãs, sempre depois de uma

manhã de trabalho no roçado onde realizava diversas tarefas na companhia de meu pai e os outros irmãos.

A Escola Municipal Manoel Pereira, na época, só oferecia ensino até a 3ª série, razão pela qual quando Lúcia concluiu essa série do ensino fundamental nessa escola, também precisou ir estudar numa escola na comunidade Boi Selado, distante cerca de oito quilômetros da residência em que ela morava.

Quando concluiu a 4ª série, Lúcia ficou um ano sem estudar, pelo fato de nosso pai não ter tido naquele ano condições financeiras para matriculá-la numa escola na cidade de Jucurutu/RN. Nesse período, tinha outras três irmãs morando na casa de uma tia naquela cidade. No ano seguinte, nosso pai alugou uma casa para minhas irmãs morarem e estudarem em Jucurutu/RN. Lúcia deu continuidade à sua trajetória escolar naquele ano. Nessa casa, morando com as irmãs, ela permaneceu até concluir o Magistério. Um ano depois de ter concluído o Magistério, ela casou-se e passou a morar na comunidade rural de Barão de Serra Branca, no município de Santana do Matos, onde reside até hoje.

Como havia cursado o Magistério, Lúcia fez um concurso público para professora promovido pela Prefeitura Municipal de Santana do Matos e, no ano seguinte, tendo sido aprovada, ela foi convocada para lecionar na Escola Municipal Professor Luiz Pereira na comunidade rural onde reside.

Exercendo a função de professora, Lúcia foi beneficiada com a Política Nacional de Formação de Professores, instituída pelo Decreto 6755/2009 do MEC, que previa em regime de colaboração entre União, Estados e Municípios, a formação inicial para os professores que atuam nas escolas públicas. Assim, surgiu a oportunidade para ela fazer um curso superior.

Lúcia ingressou no curso de Pedagogia oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN na cidade de Assú/RN. Ela fala emocionada sobre esse período de sua trajetória escolar: *“eu de forma alguma perdi a oportunidade, mesmo casada e já com filhos, me deslocava de minha cidade Santana do Matos/RN até a cidade de Assú/RN, para que pudesse concluir o meu curso de graduação em Pedagogia, pois tinha o sonho de ser uma professora formada, que nasceu no período em que cursei o Magistério”*.

Lúcia prolongou sua trajetória escolar para além do curso de licenciatura em Pedagogia. Depois de ter concluído esse curso, surgiu a oportunidade na cidade de Santana do Matos/RN para ela fazer um curso de Especialização em Supervisão e Orientação Educacional. Esse curso era na cidade já citada, porém os professores se deslocavam do estado da Paraíba, pois o curso era oferecido pela Faculdade Integrada de Patos/PB, a FIP. Assim, ela pôde concluir um curso de pós-graduação.

Toda essa trajetória escolar vivida por Lúcia não diverge muito das trajetórias escolares de suas irmãs. Ela lembra que as dificuldades foram grandes: *“o fato de sermos filhos de agricultores, de nosso pai sobreviver da renda da agricultura e a gente também tinha que ser participativo no trabalho do roçado. Tinha que estudar e trabalhar. Era necessário fazer uma conciliação: quem estudasse pela manhã, teria que trabalhar à tarde no roçado e se estudasse pela tarde, teria que trabalhar no roçado pela manhã”*.

Relatando essas dificuldades, Lúcia descreve momentos vividos por ela e alguns dos irmãos nessa tentativa de conciliar estudo e trabalho no roçado: *“Foram grandes as dificuldades. Lembro-me muito bem que, muitas vezes, a gente vinha da escola pela manhã eu e alguns dos meus irmãos e a gente parava embaixo de um juazeiro e nosso almoço já estava ali esperando. A gente almoçava e dava continuidade à luta, dessa vez, no trabalho da agricultura, para assim poder ajudar ao nosso pai no trabalho do roçado”*.

O roçado, que ficava no caminho da escola em que Lúcia estudava, não era a única dificuldade. Ela e os irmãos enfrentaram longas caminhadas a pé, sob o sol forte ou sob a chuva, atravessaram riachos com fortes correntezas das sangrias dos açudes. Segundo ela, essa fase foi muito difícil, mas mesmo assim havia uma insistência muito grande tanto de sua parte, insistindo em estudar, como por parte de nossos pais, em querer a nossa permanência na escola.

No período em que passou a estudar em Jucurutu/RN, morando com suas irmãs numa casa alugada por nosso pai, as dificuldades mudaram apenas de forma. Retornar todo final de semana para a nossa comunidade e na segunda-feira tinha que retornar para a cidade, muitas vezes a pé ou pegando carona, tornava-se mais difícil do que percorrer a pé a distância entre nossa residência e a escola que ela estudava na comunidade de Boi Selado.

Lúcia trabalhou como doméstica no período em que estudava em Jucurutu para poder se manter naquela cidade, pois nosso pai, dispo de poucos recursos financeiros,

já tinha que pagar um aluguel de uma casa na cidade para que ela e as irmãs pudessem morar.

Na medida em que avançava com sua trajetória escolar, as dificuldades para Lúcia mudavam de origem. Quando ingressou no curso superior ela já estava estabilizada financeiramente, pois já era professora da rede municipal de ensino no município de Santana do Matos, razão pela qual, a origem das dificuldades vividas nessa época não era mais financeira. Quando ela ingressou no curso de graduação, segundo ela, faltou apoio por parte de seu esposo no início dessa fase: *“casada e com dois filhos, meu esposo era uma pessoa que não tinha conhecimento de escola. No início, não era muito a favor que eu fosse fazer faculdade, mas eu enfrentei mesmo assim, quando chegou o momento de eu não ter com quem deixar meus filhos. Em certo momento, eu tive que sair de casa (emocionada) e deixar eles sozinhos para poder me deslocar até a cidade onde eu ia fazer meu curso”*. Deixar os filhos pequenos sozinhos em casa parece ter sido para Lúcia o momento mais angustiante em sua trajetória escolar, pois até hoje ela chora ao lembrar essa fase de sua vida.

Superar dificuldades requer esforços pessoais. Ninguém supera as barreiras que surgem no decorrer de uma trajetória sem desenvolver a capacidade de buscar ou correr atrás de algo que minimize os efeitos dessas dificuldades. Lúcia classifica esses esforços como grandes, desafios enfrentados desde ter que trilhar o caminho da escola a pé, trabalhar no roçado quando criança até trabalhar como doméstica em casa de família em Jucurutu no período em que estudava naquela cidade.

Dizendo-se ser uma pessoa muito persistente na busca pelos seus sonhos, Lúcia fala dos esforços desenvolvidos por ela no sentido de superar as dificuldades: *“eu acredito que tudo que é feito com dificuldade a gente tem um retorno, uma vitória mais saborosa, é uma coisa de luta, diferente das coisas fáceis. Foi muito gratificante. Tiveram as barreiras, mas eu fui persistente e, graças a Deus, venci”*.

Os esforços empreendidos pelos filhos para vencer ou superar as dificuldades que podem surgir durante a trajetória escolar, são exequíveis quando reforçados pelo acompanhamento dessa trajetória feito pelos pais.

Na trajetória escolar de Lúcia Souza esse acompanhamento feito por nosso pai dava suporte para que ela aprendesse desde cedo a lutar pelos seus sonhos. Além de auxiliar nos deveres da escola, todas as noites como já mencionado nas falas das outras irmãs, Lúcia

diz que nosso pai também era preocupado com as observações feitas pela professora em seu caderno.

Lúcia lembra que a primeira professora anotava observações em seu caderno do tipo: bom, ótimo, suficiente ou péssimo e devido à sua caligrafia não ser tão legível, sempre em seu caderno vinha “péssimo”. Sobre o acompanhamento feito por nosso pai, Lúcia apresenta de forma clara o que ele dizia: *“meu pai dizia que eu tinha que superar do péssimo para o suficiente, do suficiente para o bom e do bom para o ótimo. Porque ele dizia que o “suficiente”, estava sendo o suficiente para ela (a professora), não para mim e nem para ele; o “bom”, era que eu tinha superado o suficiente, já estava bom para ela (a professora) e para ele, mas ele queria o “ótimo” que era o suficiente e bom para ele, para mim e para a professora”*.

Essa preocupação de nosso pai em cobrar os resultados desejáveis na vida escolar dos filhos mostra o quanto ele deixava clara a necessidade que tínhamos de estudar: *“o ótimo” que era o suficiente e bom para ele, para mim e para a professora*. O resultado que nosso pai esperava na trajetória escolar dos filhos tinha que ser o melhor possível, pois a palavra suficiente soava como um recurso capaz de suprir uma necessidade e, para ele, estudar era uma necessidade inscrita na condição para um futuro melhor.

Nossa mãe também acompanhava nossa vida escolar, talvez um acompanhamento menos frequente do que o acompanhamento que nosso pai fazia. Lúcia relata esse acompanhamento: *“Minha mãe ajudava sim, pois minha mãe tinha a 4ª série. Eu lembro que ela me ensinava a ler algumas palavras. Quando eu tinha dificuldade, minha mãe sentava-se comigo e me ensinava a ler algumas palavras”*.

Outra forma de acompanhamento que nossos pais faziam em nossa trajetória escolar era o moral, o respeito às hierarquias e à ética para a convivência harmônica com nossos pares. Lúcia comenta os seus ensinamentos: *“Meu pai sempre foi muito rígido. Ele acreditava que o professor era para ser tratado como um ser superior. É tanto que ele ensinava a gente a chamar de senhor ou de senhora. Minha mãe também preservava muito a questão do “respeito”, o professor era um ser que devia ser respeitado, e não só com o professor, ele dizia que colega de sala de aula era para ser tratado como pessoas da gente. A gente teria que ter respeito pelo professor e pelos nossos colegas”*.

Lúcia aprendeu e apreendeu os ensinamentos de nossos pais sobre a importância que devemos dar ao acompanhamento da vida escolar de nossos filhos. Quando

questionada sobre o acompanhamento, feito por ela, na vida escolar de seus filhos, ela responde: *“às vezes, eu me vejo no papel de meus pais! Porque até hoje, meu filho fazendo uma graduação, eu cobro dele a questão da participação dele na sala de aula, a questão da frequência, das notas. Sempre eu estou cobrando, mesmo ele tendo atingido a maioridade, mas eu cobro”*.

Os filhos de Lúcia foram incentivados desde cedo a trilharem o caminho da escola. Ambos começaram suas trajetórias escolares aos dois anos e seis meses de vida. Hoje, o mais velho está concluindo o curso de graduação em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte na cidade de Natal/RN. A filha mais velha concluiu o ensino médio, trabalha em Natal como corretora de imóvel, ainda não ingressou numa graduação, mas não desistiu de tentar esse ingresso.

Lúcia finaliza sua entrevista expressando a importância que devemos dar ao caminho que nos conduz ao saber: *“até hoje eu digo não só para os meus filhos, mas também para meus alunos, que o caminho é o estudo. O caminho do conhecimento a gente tem que trilhar, que é ele que nos leva a ter um futuro melhor e ter o conhecimento das coisas, e digo que meu sonho ainda não acabou, eu também tenho vontade de um dia poder ingressar no mestrado, sei que para isso eu vou ter que trilhar novos caminhos também e com muita luta”*.

2.7 JOÃO SOUZA: EM BUSCA DE UM TRABALHO NA SOMBRA

“Eu também não gostava de estudar, mas vi que era bem melhor estudar do que trabalhar no sol quente”.

João Batista de Souza é o 5º filho na ordem de nascimento da família Souza, nasceu no dia 06 de junho de 1973 no sítio Jangada em Jucurutu/RN. Casado, pai de uma filha, ele é licenciado em Pedagogia, especialista em Educação Infantil e Ensino Fundamental e professor da rede municipal de ensino no município de Santana do Matos/RN, atualmente, desempenhando suas funções docentes na escola Municipal Professor Luiz Pereira na comunidade de Barão de Serra Branca desse município. A entrevista com João foi realizada no dia 06 de janeiro de 2017, em sua residência na cidade de Jucurutu, quando estiveram presentes sua esposa e a filha, mas apenas ele participou da entrevista.

A trajetória escolar de João teve início quando ele tinha nove anos de idade. Nesse período, João foi matriculado na 1ª série do ensino fundamental na Escola Municipal Manoel Pereira no Sítio Jangada. Essa escola ficava distante de sua residência, cerca de seis quilômetros e esse percurso era feito a pé. Ele estudou nessa unidade de ensino as três primeiras séries do ensino fundamental. Como nessa escola só existiam turmas até a 3ª série do ensino fundamental, João foi estudar a 4ª série na comunidade Boi Selado.

João teve sua trajetória escolar interrompida depois que concluiu a 4ª série do ensino fundamental. Ele ficou sem estudar por um período de três anos. Esta interrupção na sua trajetória escolar se deu pelo fato dele ser o filho homem mais velho da família e ter ficado “encarregado” de ajudar ao nosso pai no trabalho com a agricultura, pois nosso pai, naquela época, além de trabalhar na agricultura, precisava em alguns dias da semana trabalhar como pedreiro para ajudar a melhorar a renda familiar.

A possibilidade para João retornar sua trajetória escolar surgiu graças à implantação de uma turma de ensino supletivo noturno na comunidade Boi Selado no ano de 1992. Mesmo trabalhando durante o dia nos afazeres da agricultura, ele conseguiu concluir o ensino fundamental nessa modalidade de ensino no ano de 1993. Devido à falta de transporte escolar naquela época para a cidade de Jucurutu, João interrompeu novamente sua trajetória escolar por mais dois anos.

No ano de 1996, João decidiu cursar o 2º grau em Jucurutu. Como ainda não existia transporte escolar que conduzisse os alunos da comunidade Boi Selado até a cidade de Jucurutu, ele vendo a necessidade de continuar com seus estudos decidiu, então, empreender esforços para ir estudar naquela cidade. Naquele ano, João e eu, íamos juntos de bicicleta todos os dias de Boi Selado até a cidade de Jucurutu, cerca de dezoito quilômetros de distância entre a comunidade rural na qual morávamos e a cidade em que nós estudávamos. Esse trajeto diário era feito à tarde, depois de um dia de trabalho no roçado. Estudávamos até às 22:30 h, dormíamos na casa de minha irmã Maria Francisca que morava em Jucurutu e, no outro dia, por volta das 4:00hs da manhã tínhamos que retornar para Boi Selado, para ajudar ao nosso pai no trabalho do roçado.

João lembra que no ano de 1996 cursou o 1º ano científico porque não tinha a intenção de estudar o Magistério. Só então, a partir do 2º ano, ele mudou de curso e ingressou no Magistério. Sobre essa mudança de curso a partir do 2º ano, ele explica: “*eu decidi mudar para o Magistério por motivo simples: não era a intenção de ser professor.*”

Foi pelo fato de eu não ser muito bom em matérias de cálculo, e, no científico tinham química e física. No Magistério, não tinham essas matérias de cálculo. Então, eu fui para o Magistério”.

Nesse ano em que João passou a estudar o Magistério, surgiu então o transporte escolar para conduzir os estudantes da comunidade Boi Selado até a cidade de Jucurutu. Ele concluiu o Magistério no ano de 1998. Quando estava concluindo o Curso, apareceu a oportunidade para que ele prestasse concurso público para a função de professor do ensino fundamental da Prefeitura de Santana do Matos/RN.

João enfatiza que ainda não tinha interesse em ser professor, mas por incentivo de nossa irmã Isabel, que já era professora na época, ele fez esse concurso. Ele foi aprovado em primeiro lugar e, no ano de 1999, foi nomeado professor do ensino fundamental para trabalhar em uma escola na zona rural do município de Santana do Matos/RN.

Exercendo a função de professor, no ano de 2002, João ingressou no Proformação (Programa de Formação de Professores em Exercício) em um curso de Pedagogia na cidade de Assú/RN oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, tendo concluído essa graduação no ano de 2005. No ano de 2010, ele iniciou um curso de especialização em Educação Infantil e Ensino Fundamental, o qual, concluiu no ano de 2012. Sobre a busca por um curso de especialização ele argumenta: *“porque também precisava me aperfeiçoar. Como professor, a gente precisa cada dia estar se aperfeiçoando. A gente não pode parar no tempo porque esse é o papel do professor”.*

João, atualmente, se diz feliz por estar há dezoito anos atuando em sala de aula e diz ser um profissional que tem uma preocupação muito grande com a questão do aprendizado do seu aluno.

A trajetória escolar de João foi marcada por irregularidades. Além do início tardio, pois ele só foi matriculado na escola aos nove anos de idade, sua trajetória escolar também teve momentos de interrupção, e esses períodos fora do ambiente escolar vividos por ele são lembrados com emoção: *[visivelmente emocionado] “quando conclui a 4ª série na comunidade Boi Selado, tive que parar de estudar, pelo fato de ser o filho homem mais velho da família e meu pai era agricultor também criava gado e eu era responsável para cuidar dos animais. Então, eu fiquei três anos sem estudar”.*

Outra dificuldade vivida por João em certo período de sua vida escolar foi o fato de ter estudado em um turno intermediário, em que sua aula se iniciava às 10:00h e terminava às 14:30h. Para ele, a dificuldade estava em ter que sair direto do roçado para a escola e voltar da escola para o roçado. João descreve essa experiência dizendo: *“a parte mais difícil que achei foi a questão quando fui fazer o terceiro ano do Ensino Fundamental. Era um horário intermediário e pelo fato de que eu trabalhava no roçado e o horário da aula era de 10:00h às 14:30h, eu ia de manhã cedo para o roçado trabalhar mais meu pai e meus irmãos. Tomava banho lá no riacho, trocava de roupa e ia para a escola. Ficava lá na escola até às 14:30h. Depois, eu voltava para o trabalho. Chegava lá no roçado, o almoço estava embaixo de um pé de juazeiro. Eu almoçava, tocava de roupa e, novamente, voltava a trabalhar, retornando para casa às 17:00h. Esse roçado era no mesmo itinerário da escola, no mesmo caminho mais ou menos a metade do caminho da escola”*.

O caminho da escola para João quase sempre aparecia como um obstáculo em sua trajetória escolar. Para estudar o 2º grau na cidade de Jucurutu, no ano de 1996, ele percorria de bicicleta a distância entre a comunidade rural onde morava até a cidade onde estudava. Sobre essa experiência, João descreve: *“No ano de 1996, quando eu decidi fazer o 2º grau em Jucurutu, também novamente com muita dificuldade pelo fato de não ter transporte escolar, então eu e o meu irmão Donizete a gente ia todos os dias de bicicleta de Boi Selado até Jucurutu, eram 18 quilômetros. A gente todo dia fazia esse trajeto. À tarde, a gente ia, estudava à noite, dormia na casa de minha irmã Maria Francisca que morava em Jucurutu e, no outro dia cedinho, tinha que voltar às 4:00 h da madrugada que tinha que trabalhar no roçado”*.

As dificuldades acompanharam a trajetória escolar de João até no período em que ele cursava Pedagogia entre os anos de 2002 a 2005. Nesse período, ele precisava se deslocar, todos os finais de semanas, de Santana do Matos até a cidade de Assú/RN onde cursava sua graduação. No período das férias, ele passava um mês distante de sua esposa e sua filha, pois nesse período o curso deixava de ser apenas nos finais de semana e as aulas aconteciam todos os dias.

Sobre essa fase de sua trajetória escolar, João descreve: *“existia as dificuldades na questão do trajeto. A gente também saía de madrugada. Eu morava na comunidade de Barão de Serra Branca em Santana do Matos e saíamos de 4:30 h. Pegava carro até chegar na cidade do Assú. Isso quando as aulas eram nos finais de semana. No período do recesso escolar, a gente passava o mês todo lá na Cidade do Assú. O prefeito, na época, alugava*

uma casa e a gente tinha que passar um mês lá nesta casa alugada distante de nossos familiares”.

João aprendeu, com as dificuldades vividas em sua trajetória escolar, que era necessário buscar na escola um futuro melhor, mesmo não gostando de estudar como ele mesmo fala: *“Eu também não gostava de estudar, mas vi que era bem melhor estudar do que trabalhar no sol quente. Então, eu corri! Eu disse não, eu não vou querer isso para mim. Eu vou ter que correr mesmo. Eu corri contra o tempo”.*

O correr contra o tempo foi uma forma que João encontrou para “fugir” da condição de agricultor. Ele não queria para seu futuro a dolorosa vida no roçado. Para isso, ele precisou empreender esforços para não perder mais tempo em sua trajetória escolar, aprendeu a correr contra o tempo, como ele mesmo diz.

Para João, que não gostava de estudar, percorrer uma distância diária de 18 quilômetros numa bicicleta depois de um dia de trabalho no roçado, durante um ano, para estudar o 2º grau em Jucurutu, representa um esforço, sobretudo físico na busca de alternativas que lhe permitissem alcançar seu objetivo, um futuro que não fosse trabalhando no sol quente como ele disse também.

Outro ponto importante para que João conseguisse superar as dificuldades e ter alcançado o seu objetivo foram as estratégias usadas por ele no sentido de eliminar as possibilidades de possíveis reprovações. João mudou de curso durante o 2º grau por não se identificar muito bem com as disciplinas de cálculos como física, química e matemática. Ele previa o que poderia lhe render reprovações.

João reconhece a importância que teve o acompanhamento recebido de seus pais em sua trajetória escolar, acompanhamentos esses que lhe auxiliaram no empreender dos esforços para o alongamento dessa trajetória: *“meu pai tinha uma preocupação muito grande. Ele sempre dizia: ‘Você tem dois caminhos para seguir: ou você fica na agricultura nesse trabalho árduo como você está vivendo hoje, ou então, você vai procurar uma vida melhor para você através dos estudos’”.*

Nossa mãe fazia um acompanhamento no sentido de cobrar a realização das tarefas de casa. Segundo João, uma das preocupações de nossa mãe era o fazer bem feito os afazeres da escola, se comportar de maneira respeitosa dentro de sala de aula, respeitando

a professora e os colegas. Nossos pais sempre acompanhavam nossa vida escolar, sempre que podiam passavam na escola para conversar com os professores.

Outra preocupação de nossa mãe, segundo João, era com as relações que deveríamos ter com nossos professores e colegas, uma forma de acompanhamento que visava ensinar a importância do respeito que devíamos ter para com o próximo. *“Minha mãe sempre dizia: ‘respeite seus professores, não procure briga com ninguém em sala de aula ou no caminho da escola’*”. Não bastava ser um bom aluno, bem-comportado dentro da escola. Era preciso ser um bom amigo, um bom colega. Nossa mãe zelava pelas boas relações interpessoais que deveríamos desenvolver em nossas vidas.

João fala da importância de repassar o que aprendeu em sua trajetória escolar, não só o que aprendeu dentro da escola, mas também os ensinamentos apreendidos no seio familiar. Ele fala da forma como acompanhou a vida escolar de sua única filha: *“eu sempre acompanhei. Era muito interessante. Eu era professor e via no início desde quando ela começou a ler as primeiras palavras. Talvez pelo fato de ela ver a mãe e eu tendo contato com livros, ela também começou a gostar de ler. Sentia-se motivada para a questão da leitura. Toda hora ela queria estar pegando em papéis, queria estar escrevendo, vivia rabiscando”*. Hoje, sua filha concluiu o ensino médio e está empenhada nos estudos para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), a porta de entrada dos cursos superiores no Brasil.

2.8 DONIZETE SOUZA: DO CAMINHO DO ROÇADO ÀS PEDALADAS DA VIDA, UMA TRAJETÓRIA EM CONSTRUÇÃO.

“Digo a meus filhos: - eu ainda não concluí meus estudos! Espero que eles compreendam quão importante e necessário é estudar”.

Eu, Francisco Donizete de Souza, nasci no sítio Jangada município de Jucurutu/RN, no dia 05 de abril de 1976. Sou o 7º filho da família Souza. Casado e pai de quatro filhos, resido na comunidade Boi Selado. Há quinze anos sou professor das redes municipais de ensino em dois municípios, em Jucurutu/RN e em Santana do Matos/RN. No município de Jucurutu/RN, eu desenvolvo minhas atividades na Escola Municipal Santo Alexandre na zona urbana daquele município, leciono a uma turma do 5º ano do ensino fundamental. No

município de Santana do Matos, eu leciono numa turma do 4º ano na Escola Municipal Professor Luiz Pereira localizada na comunidade de Barão de Serra Branca, zona rural daquele município.

Tenho o curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus de Assú/RN e o curso de especialização em Fundamentos Epistemológicos da Educação Infantil de do Ensino Fundamental, e, atualmente, sou aluno regularmente matriculado no Mestrado Acadêmico da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus de Mossoró/RN.

Abordar o sucesso escolar em filhos agricultores é, para mim, falar do sucesso escolar ocorrido com essa parcela de agentes sociais, cujas vidas e vivências não deixam de ser, dia após dia, obstáculos para a consecução de uma trajetória escolar longa. Por isso, é algo muito gratificante, pois além de tentar compreender as particularidades desse fenômeno social, posso reviver momentos significativos de minha própria trajetória escolar.

Minha trajetória escolar teve início no ano de 1983 quando meu pai me matriculou na escola municipal Manoel Pereira no sítio Jangada. Minha primeira professora foi Maria das Graças Silva Germano. No ano em que fui matriculado na 1ª série do ensino fundamental, eu tinha apenas sete anos de idade e percorria a pé uma distância de aproximadamente seis quilômetros na companhia de meu irmão João e minhas irmãs Fátima e Márcia.

Fui matriculado em uma classe multisseriada para fazer a 1ª série, mas a professora ensinava até 3ª série do ensino fundamental. Numa sala apertada, a professora se desdobrava tentando atender às necessidades de cada aluno e preparando nossa merenda, pois além da responsabilidade com a sala de aula, ela também fazia a limpeza do prédio e a merenda dos alunos.

Nessa escola, estudei até o ano de 1985, pois naquele ano o proprietário das terras em que a gente morava vendeu a propriedade, razão pela qual tivemos que mudar do sítio Jangada para a comunidade Boi Selado onde resido até os dias atuais.

No ano de 1986, eu fui matriculado na Escola Isolada Boi Selado e estudei nessa escola até o ano de 1987, quando conclui a 4ª série do ensino fundamental. No ano de 1988, meu pai me matriculou na escola Estadual Newman Queiroz na cidade de Jucurutu.

Lembro-me da tristeza que senti em ter que, naquele ano com apenas doze anos de idade, ir morar distante de minha mãe e de meu pai, pois passava a semana toda numa casa que meu pai tinha alugado, onde moravam quatro irmãs: Aparecida, Francisca, Isabel e Lúcia.

Em 1988, fiz a 5ª série, e no ano de 1989, quando cursei a 6ª série fui reprovado. Mesmo tendo apenas como responsabilidade os estudos, pois a única obrigação que eu tinha quando morava em Jucurutu era estudar, e quando estudava em Boi Selado, além de estudar, eu precisava trabalhar no roçado com meus irmãos e meus pais. Como castigo para quem era reprovado, meu pai retirava da escola e colocava para trabalhar no roçado. Lembro-me que ele dizia: - *“ora, se aqui no sítio você trabalhando de manhã no roçado e estudando à tarde você era aprovado todos os anos, por que estudando em Jucurutu, onde não trabalha no roçado você é reprovado?”*. Meu pai entendia que se a gente tinha o tempo só para o estudo, tinha a obrigação de ser aprovado.

Porém, passado o recesso escolar entre os anos de 1989 e 1990, cerca de dois meses, meu pai resolveu me dar “uma segunda chance”. Aconselhado pelo padre da paróquia, que era professor na Escola Newman Queiroz, ele me matriculou novamente na escola. Estudei o ano de 1990, fui aprovado, porém no ano de 1991, novamente vacilei e fui reprovado na 7ª. série. Dessa vez, não teve conselhos que fizessem meu pai mudar sua opinião: ele me tirou da escola.

Nunca condenei a atitude de meu pai para aquela época. Ele tinha suas razões para agir como agiu. Voltei para a luta do roçado com a certeza de que ali poderia ser o fim de minha trajetória escolar. Acho que fui agraciado no ano de 1992, pois quando eu pensei que nunca mais teria a chance de voltar a estudar, surge na Escola Isolada Boi Selado uma turma de ensino supletivo. Assim, tive a sorte de concluir o 1º grau na comunidade rural onde morava. Nesse período, eu trabalhava durante o dia ajudando meu pai na luta do roçado e na criação do gado e, à noite, eu estudava. Estudei dois anos e concluí o ensino fundamental mesmo enfrentando as dificuldades do trabalho e fui aprovado por média.

Quando foi no ano de 1994, eu precisava voltar a estudar em Jucurutu, para fazer o ensino médio. Então, meu pai me perguntou se eu queria voltar a morar em Jucurutu para estudar. Como eu tinha tido a experiência negativa de duas reprovações no período em que eu havia morado em Jucurutu, preferi não morar lá novamente. Além disso, naquela época eu trabalhava de pedreiro com meu pai para ajudar no sustento da casa. Não havia transporte escolar naquela época. Lembro-me, que junto comigo, seis colegas concluíram

o ensino fundamental no ano de 1993. Porém, fui o único daquela turma naquele ano a ir estudar o ensino médio.

Comprei uma bicicleta e passei a enfrentar diariamente a distância de 18 quilômetros entre a comunidade rural em que eu morava e a cidade em que estudava. Foram três anos viajando de bicicleta, trabalhando na luta do roçado ou na construção civil. À tarde, ia para Jucurutu, estudava à noite em Jucurutu, dormia na casa da minha irmã Maria Francisca e, de madrugada cedo, retornava para Boi Selado.

Foram três anos nessa dificuldade porque não tinha transporte escolar como hoje em dia tem. Assim, conclui o Ensino Médio. Era um curso não profissionalizante. Eu não sonhava em ser professor, apesar de já ter várias irmãs incentivando, “convidando” para a profissão e mostrando que a possibilidade de um emprego num cargo de professor podia ser a chance que tínhamos para aquele período.

Eu sonhava em fazer o curso de Medicina, porém as dificuldades eram muito grandes, não tinha um curso de Medicina na região e eu precisaria me deslocar ou para Mossoró/RN ou para a capital do Estado. O primeiro vestibular que fiz foi para o curso de Ciências Econômicas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus de Assú/RN. Fui aprovado. Na época já era casado, tinha constituído família e era servidor público municipal na cidade de Jucurutu/RN, pois tinha passado no concurso para fiscal de obra. Estudei apenas seis meses nesse curso e fui obrigado a trancar a matrícula, porque na época era preciso pagar o transporte de Jucurutu/RN até a cidade de Assú/RN, como a mensalidade era alta e como eu só ganhava apenas um salário mínimo, eu não tinha condições de arcar com essa despesa.

No ano seguinte, voltei a estudar na Escola Estadual Newman Queiroz. Fui cursar o Magistério e quando conclui, fiz vestibular para Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, Campus de Caicó/RN e, novamente, fui aprovado no vestibular. Iniciei o curso de Pedagogia, coincidentemente, nesse mesmo ano eu havia passado em dois concursos públicos nas prefeituras de Jucurutu/RN e Santana do Matos/RN para lecionar na zona rural desses municípios.

Como o curso de Pedagogia naquela Universidade funcionava no turno matutino eu não tinha condições de frequentar aquele curso e trabalhar ao mesmo tempo. Tive que fazer uma escolha: ou assumia os vínculos como professor ou concluía o curso de Pedagogia.

Acho que fiz a escolha certa para aquela situação, tranquei a matrícula na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e fiquei um ano sem estudar.

No ano seguinte, prestei vestibular novamente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN para Pedagogia. Fui aprovado e iniciei mais uma graduação. Dessa vez, determinado a concluir e conclui no ano de 2006. No ano 2010, eu iniciei uma especialização na cidade de Jucurutu em Fundamentos Epistemológicos na Educação Infantil e no Ensino Fundamental pela Faculdade Vale do Jaguaribe-FVJ, o qual conclui no ano de 2011. Nunca imaginei que minha trajetória escolar fosse ser encerrada após o curso de especialização, por isso buscava a oportunidade de ir além desse grau alcançado.

No ano de 2015, tive conhecimento do processo seletivo para o ingresso no mestrado na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN Campus de Mossoró, da Faculdade de Educação. Passei por um processo seletivo e fui aprovado. Hoje, aos 41 anos de idade, ainda continuo com minha trajetória escolar e digo a meus filhos: “- *eu ainda não concluí meus estudos!* ”. Espero que eles compreendam quão importante e necessário é estudar.

As dificuldades foram uma constante em minha trajetória escolar. Aos sete anos de idade, tive minha primeira experiência com o trabalho do roçado, limpando o mato da lavoura, apanhando o algodão, colhendo o milho e o feijão, dentre outros afazeres da roça, período esse em que eu havia iniciado minha vida escolar. Minha primeira dificuldade na trajetória escolar foi percorrer a pé uma distância de seis quilômetros da minha casa para a escola Municipal Manoel Pereira, onde eu estudava, pois, o percurso de ida era feito ao meio dia após uma manhã de trabalho no roçado. No período em que estudei na escola Isolada Boi Selado essa dificuldade não existiu mais, pois no ano de 1986 eu já morava próximo à escola em que estudava.

Quando eu fui estudar em Jucurutu, a dificuldade enfrentada foi de ordem emocional. . Mesmo estando morando com minhas irmãs, eu sentia a falta de minha mãe e de meu pai. Talvez essa falta que eu sentia da presença de meus pais, de não os tê-los por perto, tenha me rendido as reprovações que eu vivi na minha trajetória escolar.

Após concluir o ensino fundamental numa turma de supletivo noturno na comunidade Boi Selado e ingressar no ensino médio na cidade de Jucurutu, a minha dificuldade foi ter que enfrentar uma distância de 18 Km entre a comunidade rural em que eu morava e a cidade onde eu estudava. Essa distância era percorrida numa bicicleta. Foram

três anos fazendo esse trajeto, que somando ida e volta, totalizava um percurso de 36 quilômetros diários.

Hoje, percebo que, naquela época, quanto mais se aumentava o grau de estudo desejado, aumentavam também as dificuldades para o alcançar. Para ingressar no ensino superior, a dificuldade inicial que tive não consegui superar ou contornar, foi a falta de condições econômicas para o ingresso no curso de Medicina. Não havia oferta desse curso próximo à cidade em que eu morava, e eu não tinha condições financeiras para me manter em outra cidade.

Após abdicar do sonho de ser médico, forçado pela dificuldade financeira, e ingressar no ensino superior, outra vez o fator financeiro fez com que eu interrompesse por duas vezes minha trajetória escolar. Primeiro, tive que abandonar o curso de Ciências Econômicas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, por não ter condições de pagar o transporte até a cidade de Assú/RN; segundo, abandonei o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por ter que optar entre um curso de graduação ou um trabalho com uma remuneração maior.

Outra dificuldade vivida por mim em minha trajetória escolar foi ter que conciliar o tempo de estudar com o tempo de trabalhar. Quando ingressei num terceiro curso de graduação, eu havia analisado as possibilidades reais de concluir, pois não podia mais abandonar outro curso. Dessa vez, a dificuldade enfrentada foi o cansaço físico, pois eu trabalhava dois expedientes como professor em cidades diferentes e, à noite, tinha que me deslocar da comunidade rural em que eu morava até a cidade onde eu estudava, uma distância de aproximadamente 160 quilômetros ida e volta.

Até concluir o curso de Pedagogia, contornei várias dificuldades. Ao ingressar na especialização, as dificuldades foram minimizadas, o curso foi realizado nos finais de semana na cidade de Jucurutu, próximo de onde eu morava. Hoje, cursando o Mestrado, mesmo distante da cidade em que eu moro, essas dificuldades não têm sido marcantes, pois tive a sorte de usufruir de licença remunerada nos dois vínculos como professor e, assim, ter dedicação exclusiva pela primeira vez na e para a minha trajetória escolar. Porém, acho que todas essas dificuldades vividas por mim, serviram de alicerce para que eu conseguisse alongar a minha trajetória escolar.

Para superar essas dificuldades e transformá-las em degraus para minha escalada nesse alongamento de minha trajetória escolar, tive que desenvolver esforços, que costumo

dividi-los em duas categorias: os esforços direcionados, que eram aqueles enfrentados por mim, mas direcionados por meus pais; e os esforços próprios, aqueles movidos pela minha vontade de ir além de cada etapa vencida. Estes últimos, com certeza, fizeram com que eu pudesse alongar minha trajetória escolar.

Os esforços orientados pelos meus pais foram aqueles que eu desenvolvi até concluir o ensino médio. Meu pai sempre falava sobre a importância que tinha o saber escolar, mas ele não fazia isso com frases “mimosas” do tipo: “estudem, porque estudar é bom”. Meu pai mostrava essa importância que deveríamos atribuir à vida escolar com frases verdadeiras para aquela época e para nossa realidade. Ele dizia: “*Estudem porque é necessário*”! E essa necessidade ele fundamentava na perspectiva de mudar de vida, mudar aquela condição análoga à escravidão em que vivia o agricultor no início dos anos 1980 no nordeste brasileiro.

Até concluir o 2º grau, meus esforços foram direcionados por essas palavras de meu pai, tudo o que eu aprendi a desenvolver, a vencer a barreira da distância, andando bicicleta para estudar, foi pensando no que meu pai dizia: “*estude porque é necessário para mudar de vida, sair daquela condição de agricultor*”. Quando eu terminei o ensino médio, passei num concurso público da Prefeitura Municipal de Jucurutu e trabalhei três anos como fiscal de obra. Já não vivia mais na condição de agricultor, era funcionário público, tinha uma renda fixa e poderia até ter parado de estudar, pois já havia conseguido o que meu pai havia orientado. Porém, eu havia compreendido o significado mais amplo da palavra estudar. Eu queria ir além, queria buscar melhorias, não só sair da condição de agricultor, mas viver com dignidade, com condições de entender um pouco mais do que a realidade aparenta ser. É certo que minha vida já mudou muito durante essa trajetória escolar, estou satisfeito com as mudanças ocorridas, os esforços que desenvolvo até hoje para o alongamento da minha trajetória escolar, talvez seja tentando compreender melhor a realidade vivida nesse universo tão diverso e tão vasto.

Para que eu pudesse compreender desde cedo que era necessário empreender esforços no decorrer de minha trajetória escolar, no sentido de alongar essa trajetória, era preciso que alguém com mais maturidade do que eu acompanhasse esse meu trajeto, dando o direcionamento adequado para cada situação, me apoiando quer seja financeiramente, quer seja moralmente.

Quanto a esse acompanhamento, que recebi de meus pais durante minha vida escolar, eu hoje compreendo a importância da ação de meu pai no tocante a cobrar bons resultados, acompanhar a execução das tarefas de casa, bem como o acompanhamento que minha mãe fazia. Ela tinha a preocupação de olhar meus trabalhos da escola, os meus deveres de casa e, o mais interessante, era a forma como minha mãe se preocupava até com a nossa caligrafia. Ela dizia que a gente precisava escrever bonito para a professora entender o que estava escrito e poder corrigir as provas e os deveres de casa de forma correta.

Meus pais, além de acompanhar as tarefas de casa, cobrando os bons resultados, orientavam a maneira que julgavam ideal para um bom comportamento na escola. Meu pai sempre dizia: “*não dê trabalho na escola, não desobedeça ao professor porque a qualquer hora, a qualquer momento eu posso chegar na escola de surpresa*”. Essa fala de meu pai representa um jeito dele fazer o acompanhamento de nossas ações dentro do ambiente escolar, mesmo não estando presente, manter o controle sobre o nosso comportamento dentro de sala de aula, e a gente passava a aula toda vigilante, uma espécie de autopolicimento, até com certo receio, com medo que nosso pai ou nossa mãe aparecesse na janela e olhasse como era o nosso comportamento dentro de sala de aula. Ter um comportamento reprovável pela professora ou por nossos pais era talvez tão desgastante quanto ser reprovado no final do ano letivo. Às vezes, meus pais apareciam, eles não faziam falsas promessas. Na primeira oportunidade que eles arrumavam um tempo, lá estavam na porta da escola, conversando com a professora buscando saber dos resultados, as notas, se a gente tinha condição de passar de ano e se éramos “obedientes” aos ensinamentos morais da professora.

Tudo isso, ficou em mim incorporado, está em minha alma como uma luva que veste a mão de um cirurgião. Encarar o ato de estudar como necessidade foi uma das coisas que aprendi com meus pais. Hoje, vejo a necessidade de estudar não só para galgar uma posição melhor no meio social ou buscar uma independência financeira ou uma profissão, mas como uma necessidade da alma. Conhecer é saber e saber é poder, poder dialogar, compreender a realidade e as circunstâncias em que vivemos. Incorporei esse pensamento e procuro passar diariamente para os meus filhos. Hoje, acompanho a vida escolar deles, faço como meus pais faziam, passo para eles o que aprendi com meus pais, sobretudo, a necessidade de respeitar os professores, os colegas, ir para escola e prestar a atenção devida ao que está sendo ensinado. Não sei se eles terão longas trajetórias escolares, mas até hoje

estão apresentando “sucesso” na vida escolar, sem histórico de reprovação e de interrupção. Meu filho mais velho, de 16 anos, está no 3º ano do ensino médio cursando o Técnico em Informática no Instituto Federal de Educação em Caicó/RN. O meu segundo filho, que tem 15 anos, está no 1º ano do Ensino Médio. O terceiro filho, com 13 anos, está no 7º ano do ensino fundamental e o mais novo, com nove anos fazendo o 4º ano do ensino fundamental.

Esse atual quadro do histórico escolar de meus filhos reflete o acompanhamento que venho fazendo na vida escolar dos mesmos, pois aprendi com meus pais quão importante é o “direcionamento” que devemos dar aos nossos filhos durante sua vida. É certo, que esse acompanhamento não pode ser visto como o único fator determinante para o sucesso escolar, porém a ausência desse, dificulta em muito a consolidação de uma trajetória longeva.

2.9 MÁRCIA SOUZA: NÃO DEIXOU O CAVALO PASSAR SELADO E ENCONTROU UMA PROFISSÃO

“Realmente foi ali onde eu me encontrei, me senti bem dando aula, foi uma experiência maravilhosa”.

Maria Márcia de Souza, nascida em 09 de março de 1978 no sítio Jangada, município de Jucurutu/RN, é a 8ª filha da família Souza, Márcia é solteira e mora com minha irmã Maria Francisca na cidade de Jucurutu/RN desde 1990, ano em que ela veio estudar na cidade de Jucurutu/RN. Bacharela em Ciências Econômicas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e licenciada em Química pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ela é professora na rede privada de ensino atuando em turmas do ensino médio numa escola na cidade de Jucurutu/RN,

Sua trajetória escolar teve início quando ela tinha seis anos de idade e sua primeira experiência com um ambiente escolar foi no Projeto Casulo, desenvolvido pela LBA (Legião Brasileira de Assistência), que tinha como objetivo atender em períodos de quatro ou oito horas diárias as crianças em idade pré-escolar. Márcia relata essa experiência dizendo: *“o Projeto Casulo era uma creche e funcionava na casa de uma senhora. Eu e minha irmã Selma passávamos o dia lá; brincávamos. Tinha merenda, era bem divertido”.*

Márcia hoje vê a função daquele projeto como uma política de assistência social. Segundo ela, naquele período, muitas mães que moravam na zona rural, tinham que trabalhar nas frentes de emergências, uma política de enfrentamento dos efeitos da seca no nordeste brasileiro. Nesse período, nossa mãe fazia parte desse grupo de mulheres que trabalhavam na frente emergência e não tinha com quem deixar Márcia e Selma, por esse motivo, nossa mãe as matriculou no Projeto Casulo.

Aos sete anos de idade, Márcia foi matriculada na 1ª série do ensino fundamental na Escola Municipal Manoel Pereira, no sítio Jangada, no município de Jucurutu/RN. Sobre o período em que estudou nessa escola, Márcia afirma: *“foi na escola Manoel Pereira que eu aprendi a ler e a escrever. A professora Maria das Graças era uma excelente profissional”*. Márcia estudou apenas a 1ª série com essa professora e saiu alfabetizada. No final do ano de 1985, nossos pais se mudaram do Sítio Jangada e vieram morar na comunidade Boi Selado, razão pela qual Márcia foi matriculada na 2ª série do ensino fundamental na Escola Isolada Boi Selado.

Nessa escola, Márcia estudou até a 4ª série do ensino fundamental. Após ser aprovada na 4ª série, ela foi morar em Jucurutu/RN na casa de minha irmã Maria Francisca, onde mora até os dias atuais. Márcia estudou na escola Estadual Newman Queiroz e lá concluiu o Ensino Fundamental maior e o 2º grau. Ela lembra que não cursou o Magistério por não querer ser professora. Sobre o fato de não querer ingressar na carreira do Magistério, Márcia diz: *“apesar de, na época, já ter uma irmã sendo professora, o que eu ouvia falar era que a profissão era meio desvalorizada”*.

Ao concluir o 2º grau, Márcia fez seu primeiro vestibular e foi aprovada no curso de Ciências Econômicas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte no campus de Assú/RN. Ela lembra que só concluiu esse curso porque *“quando começo uma coisa, gosto de terminar. Não era um curso que me atraía, mas terminei”*. Quando ainda estava estudando Ciências Econômicas, ela foi convidada para lecionar, por meio de um contrato provisório, em umas turmas do ensino fundamental maior na escola Estadual Professora Maria das Graças Silva Germano na comunidade Boi Selado. Márcia considera que essa experiência vivida como professora foi o marco inicial de sua vida profissional: *“realmente foi ali onde eu me encontrei, me senti bem, dando aula, foi uma experiência maravilhosa”*.

Quando ela estava concluindo o curso de Ciências Econômicas, foi convidada pela então diretora da escola Estadual Newman Queiroz, para lecionar nas turmas do 2º grau, a

disciplina de Química. Ela lembra que precisou estudar bastante para lecionar essa disciplina, pois o conhecimento que tinha, na época, sobre essa disciplina era o que tinha aprendido na época do 2º grau.

Márcia lecionou essa disciplina por vários anos seguidos, sempre prestando serviço na escola Estadual Newman Queiroz, razão pela qual ela conseguiu ingressar num curso a distância, destinado a professores que atuavam em escolas públicas. Ela ingressou no curso de Química na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na cidade de Currais Novos/RN, quando no ano de 2011 concluiu sua segunda graduação.

Quanto às dificuldades presentes em sua trajetória escolar, Márcia disse que foram pontuais: *“a dificuldade que eu encontrei foi quando eu fui reprovada também não tinha livro didático. Eu fui reprovada na 7ª. série. Meu pai me tirou da escola porque eu tinha sido reprovada, só que ele viu que para o meu futuro isso não ia levar a nada. Ele me colocou de volta na escola. Desde então, eu nunca mais fui reprovada. E quando eu estudava o Ensino Fundamental tinha uma dificuldade grande: a questão de andar a pé e passar por dentro dos riachos cheios na época do inverno. Eu morria de medo de água. Então, essa era uma dificuldade enorme”*.

Márcia não via o fato de trabalhar no roçado como uma dificuldade, talvez por reconhecer que o trabalho no roçado por ela desenvolvido não tenha sido com a mesma frequência que o feito por minhas irmãs mais velhas. *“Eu ajudei a meus pais no trabalho do roçado, não tanto como minhas irmãs mais velhas. Eu limpava o mato, eu plantava. Claro que já foi bem mais suave, não foi tão forte o meu trabalho na agricultura como o das minhas irmãs mais velhas”*.

Na fala de Márcia, podemos perceber que sua trajetória escolar se desenvolveu em tempos e condições distintas das trajetórias escolares de minhas irmãs mais velhas, quando as dificuldades talvez não tivessem a mesma intensidade que tinham no início da década de 1980. *“Quando eu terminei o ensino fundamental menor, as facilidades eram maiores para o acesso ao ensino”*. Mesmo falando em “facilidades”, ela também teve sim que desenvolver esforços no decorrer de sua trajetória escolar.

Além de superar seu “medo” das águas dos riachos no período em que estudava na zona rural, Márcia teve que trabalhar para pagar o transporte escolar que lhe conduzia até a cidade de Assú/RN. No período em que cursava sua primeira graduação, ela também considera como esforço sua dedicação com os estudos: *“me dediquei bastante, com muito*

esforço e dedicação eu consegui êxito na graduação”. Talvez pela experiência negativa de uma reprovação no ensino fundamental, Márcia tenha compreendido que era necessário se dedicar muito aos estudos para ter êxito em sua trajetória escolar.

Outro ponto na trajetória escolar de Márcia que se diferencia um pouco da trajetória escolar das irmãs mais velhas, foi o acompanhamento dessa trajetória feito por nosso pai. Márcia lembra que o acompanhamento foi feito de forma sistemática, com o auxílio nas tarefas escolares, era feito por nossa mãe, nosso pai acompanhava com o apoio moral e com a cobrança de que era necessário estudar. *“Meu pai ajudou na questão de orientar para ser uma aluna empenhada, a se dedicar aos estudos, colocar na cabeça que sem o estudo era difícil conseguir algo na vida”*.

Além desse acompanhamento, ela fala da cobrança que nossa mãe fazia em relação à realização das tarefas de casa e do comportamento respeitoso que deveria ter dentro da escola. *“Deveria ser uma boa aluna, prestar atenção, respeitar o professor, principalmente respeitar o professor, porque ele estava ali como um segundo pai, para ensinar, dar conhecimento. Então, respeitá-lo, era fundamental”*.

Toda as formas de acompanhamento dos nosso pais à trajetória escolar de Márcia, quer seja com o apoio moral, quer seja na realização das tarefas de casa, foram eficazes para a construção do sentido que ela atribuiu à necessidade de se dedicar a sua vida estudantil. Mesmo não tendo se identificado com o curso de Ciências Econômicas, ela concluiu esse curso dentro do período programado, buscou uma nova graduação, como forma de adquirir melhores condições para lecionar a disciplina de Química e poder contribuir de forma mais efetiva com a aprendizagem de seus alunos.

2.10 SELMA SOUZA: A QUE SONHAVA EM SER JORNALISTA E SE TORNOU PROFESSORA

“A vontade de querer estudar, de buscar um conhecimento mais amplo, fez com que eu nunca me desmotivasse e concluísse o grau de ensino que eu concluí”.

Raimunda Selma de Souza nasceu no dia 09 de março de 1979, no sítio Jangada, município de Jucurutu/RN. Solteira, ela mora com nossos pais na comunidade rural de Boi Selado. Licenciada em Pedagogia, pela UNITINS e especialista em Fundamentos

Epistemológicos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental pela Faculdade Vale do Jaguaribe – FVJ, ela é professora na rede municipal de ensino no município de Santana do Matos, desenvolvendo suas funções numa turma do 1º ano do ensino fundamental na escola municipal Professor Luiz Pereira em Barão de Serra Branca naquele município.

Selma teve sua primeira experiência com o ambiente escolar no Projeto Casulo. Conforme mencionado, Selma frequentou essa turma pré-escolar no mesmo período em que a irmã Márcia também frequentava, porém ela não estudou na Escola Municipal Manoel Pereira, no sítio Jangada. No ano de 1986, Selma foi matriculada na 1ª série do ensino fundamental na Escola Isolada Boi Selado.

Como na Escola Isolada Boi Selado só existia oferta de ensino até a 4ª série do Ensino Fundamental, ao concluir essa série no ano de 1991, Selma não foi estudar na cidade de Jucurutu/RN. Por ser a última filha mulher que ainda morava com os pais, Selma teve que interromper a sua trajetória escolar naquele ano. Ela é enfática ao explicar os motivos pelos quais não foi estudar em Jucurutu após ser aprovada para a 5ª série do Ensino Fundamental: *“eu não fui estudar em Jucurutu porque eu tinha que ajudar a minha mãe nas atividades de casa. Não podia sair todo mundo, as outras minhas irmãs já estudavam em Jucurutu”*. Por estar com apenas 13 anos de idade no ano de 1992 e, para não ficar sem estudar, Selma estudou como ouvinte (sem matrícula), naquele ano, numa turma de supletivo noturno que havia sido implantada na escola da comunidade rural de Boi Selado.

No ano de 1994, foi implantada uma turma de 5ª série na Escola Isolada Boi Selado, uma oportunidade para Selma Souza dar continuidade aos seus estudos. Ela concluiu o ensino fundamental na escola da comunidade rural onde morava. No ano de 1998, ela ingressou no 2º grau, passando a cursar o Magistério na escola Estadual Newman Queiroz na cidade de Jucurutu/RN. Como nesse período já existia um transporte escolar que conduzia os alunos da comunidade rural de Boi Selado para estudar no turno noturno em Jucurutu, Selma conseguiu concluir o 2º grau.

Mesmo tendo concluído o curso do Magistério, ela argumenta que não tinha como perspectiva profissional a carreira docente: *“meu sonho nunca foi ser professora. Eu sonhava em ser jornalista”*. No entanto, ela ingressou no curso de Pedagogia em uma universidade privada devido à “insistência” da irmã Isabel: *“no ano de 2006, apareceu um curso de Pedagogia em minha cidade, oferecido por uma universidade privada. Eu não*

queria fazer esse curso, mas minha irmã Isabel, insistiu muito para que eu fizesse esse curso. Então, eu resolvi fazer”.

Antes de concluir sua licenciatura em Pedagogia, Selma foi aprovada num concurso público para professora do ensino fundamental no município de Santana do Matos/RN, oportunidade essa que, segundo ela, serviu para que ela se encontrasse como profissional: *“Quando eu ainda estudava Pedagogia, fiz um concurso e passei. Comecei a atuar como professora. Então, foi quando eu comecei a ver que era aquela a profissão que eu me identificava”.*

No ano de 2009, Selma concluiu seu curso de Pedagogia. Como já estava atuando como professora do Ensino Fundamental, ela sentiu a necessidade de um curso de aperfeiçoamento, mas a dificuldade de acesso não permitiu que ela ingressasse em um curso de especialização logo após ter concluído a graduação.

Apenas no ano de 2011, surgiu a oportunidade para Selma fazer uma especialização. Naquele ano, foi implantado um curso na cidade de Jucurutu, por intermédio de um pólo de uma faculdade privada. Nessa ocasião, ela ingressou nesse curso e se tornou especialista em Fundamentos Epistemológicos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental no ano de 2012.

A trajetória escolar de Selma sofreu interrupções. Isso foi uma das dificuldades enfrentadas por ela durante seu percurso. Selma não precisou percorrer longas distâncias a pé para estudar, pois a escola em que ela iniciou a sua trajetória escolar ficava próxima da residência em que morava.

Mas, como Selma também ajudava aos pais no trabalho do roçado, ela também tinha que conciliar o seu tempo entre o roçado e a escola, algo que ela caracteriza como dificuldade em sua trajetória escolar: *“não era uma situação muito fácil você ter que trabalhar e estudar”.* Mesmo sendo difícil para ela essa conciliação do tempo entre a escola e o trabalho na agricultura, Selma lembra que mesmo assim nunca desistiu de estudar.

Outra dificuldade enfrentada por ela em sua trajetória escolar, semelhante à vivida pelo meu irmão João, foi o fato de não ter sido matriculada na 5ª série do ensino fundamental na cidade de Jucurutu, já que na comunidade rural de Boi Selado ela já havia concluído a 4ª série.

No período em que Selma cursava Pedagogia, a dificuldade vivida por ela, além de ter que custear esse curso, era o cansaço físico. Ela trabalhava durante a semana, lecionando em outro município distante de sua residência e aos finais de semanas tinha que estudar. Mas ela enfatiza o empenho em enfrentar tal dificuldade. Prova disso é que nunca desistiu do curso e concluiu sua graduação dentro do prazo previsto.

Selma fala o quanto foi importante vencer as dificuldades surgidas no decorrer de sua trajetória escolar e dos esforços por ela empreendidos: *“a vontade de querer estudar, de buscar um conhecimento mais amplo, fez com que eu nunca me desmotivasse e concluísse o grau de ensino além de uma graduação”*. Essa vontade de buscar novos conhecimentos fez com que ela investisse recursos financeiros num curso de graduação. Ela foi a única das irmãs que cursou a graduação numa universidade privada.

Investir financeiramente em uma formação acadêmica é, sem dúvida, uma ação importante para demonstrar a relevância do conhecimento. Assim, ela justifica este investimento: *“buscando um melhor aperfeiçoamento de minha prática, a gente sabe que professor não pode parar de estudar. É preciso estar sempre buscando novos saberes”*.

A trajetória escolar de Selma se assemelha à trajetória de Márcia no que diz respeito ao acompanhamento feito por nossos pais. Esse direcionamento feito por eles, tanto no desenvolvimento dos deveres da escola, quanto no apoio moral, com a cobrança por resultados escolares desejáveis pode ser assim resumido: *“Meu pai sempre ia na escola saber como estava o nosso desempenho e o nosso empenho nas atividades da escola. Queria saber se nós estávamos desenvolvendo uma boa aprendizagem”*.

Selma também fala da cobrança que eles faziam em relação à realização das tarefas de casa e do comportamento respeitoso que deveria ter dentro da escola, exigindo que se prestasse atenção ao que o professor ensinava dentro de sala de aula, respeitasse o professor e fizesse, fizesse todas as tarefas da escola porque estudar seria importante para o nosso futuro.

O acompanhamento feito por nossos pais à trajetória escolar de Selma Souza foi essencial para a constituição de sua longevidade escolar. Sem esse direcionamento, talvez ela não tivesse retomado sua trajetória escolar, pois havia interrompido para auxiliar nossa mãe nos afazeres domésticos. A contribuição maior desse apoio moral, desse acompanhamento para a trajetória escolar de Selma pode ser comprovado através do fato de, apesar da interrupção, ela concluiu sua trajetória escolar sem histórico de reprovação.

2.11 SOUZA NETO: INSPIRADO NO “SUCESSO” ESCOLAR DOS IRMÃOS MAIS VELHOS, ELE ACREDITOU QUE ERA POSSÍVEL.

“Coloquei em minha mente: eu nunca vou desistir. Se meus irmãos conseguiram vencer na vida, eu também posso conseguir”.

José de Souza Neto é o 10º filho na ordem de nascimento da família Souza. Nasceu no dia 27 de fevereiro de 1984 no sítio Jangada em Jucurutu/RN. Solteiro, mora com nossos pais. Atualmente, trabalha como professor em uma turma do Pró-jovem Campo um programa do governo do Estado do Rio Grande do Norte e também trabalha como secretário geral da Câmara Municipal de Jucurutu/RN. Licenciado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. É especialista em Educação do Campo pelo IFRN e em Geo-História do Rio Grande do Norte pela UERN.

Sua trajetória escolar teve início no ano de 1991, quando ele foi matriculado logo na 1ª série do ensino fundamental na Escola Isolada Boi Selado. Souza Neto lembra que não frequentou nenhuma turma de ensino pré-escolar e que não teve as mesmas dificuldades para frequentar a escola como os irmãos mais velhos tiveram: *“minha trajetória escolar se deu um pouco diferente dos demais irmãos porque as dificuldades no início não foram as mesmas, não havia a questão da distância entre minha casa e a escola”*. Ele teve o privilégio de estudar todo o ensino fundamental na escola da comunidade rural em que nós morávamos naquela época, pois, no ano de 1995, foram implantadas na escola da comunidade Boi Selado, todas as turmas do ensino fundamental, antes então, só existiam turmas até a 4ª série do ensino primário.

Quanto ao trabalho no roçado, Souza Neto diz ter também ajudado aos nossos pais, só que de uma forma menos intensa: *“de manhã, eu estudava, e, no período do inverno, à*

tarde eu ia trabalhar no roçado. Mas, quando era no período de prova, meu pai me liberava desse trabalho". Souza Neto deixa transparecer que sua trajetória escolar se desenvolveu em um período em que as dificuldades já não eram as mesmas enfrentadas antes pelos outros irmãos. Por ser um dos filhos mais novos da família Souza, ele não era tão cobrado no trabalho do roçado, razão pela qual era "liberado em dias prova" para apenas estudar.

Souza Neto concluiu o ensino fundamental no ano de 2000. No ano seguinte, ingressou no Ensino Médio na escola Estadual Newman Queiroz na cidade de Jucurutu/RN. Mesmo já existindo o transporte escolar para conduzir para a cidade de Jucurutu os alunos que concluíam o ensino fundamental na comunidade rural de Boi Selado, Souza Neto lembra que muitos dos jovens, naquele ano, que haviam concluído o ensino fundamental, interromperam suas trajetórias escolares: *"muita gente da comunidade só estudou até o ensino fundamental porque considerava difícil o acesso até a sede do município já que na comunidade não tinha turmas do Ensino Médio"*.

Após concluir o Ensino Médio no ano de 2003, Souza Neto prestou vestibular tentando o ingresso em um curso superior. Porém, esse ingresso só ocorreu no ano de 2007, quando ele foi aprovado para o curso de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.. Sobre a escolha desse curso de graduação, Souza Neto comenta: *"Eu gostava muito da disciplina de História desde o meu ensino fundamental, e minha professora do ensino médio, eu a via como um espelho para mim. Daí eu resolvi cursar História"*.

Logo após concluir o curso de História, Souza Neto ingressou no Curso de Especialização em Geo-história do Rio Grande do Norte oferecido pela Universidade que ele havia concluído o Curso de História.

Por ter tido experiência como professor em turma de EJA e em turmas de ensino fundamental e acreditar que todo professor necessita de certo conhecimento didático para compreender melhor a dinâmica da sala de aula e por incentivo de alguns irmãos que eram pedagogos, Souza Neto ingressou no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN na cidade de Caicó. Ele concluiu esse curso no ano de 2015, ano em que também concluiu sua outra especialização, dessa vez em Educação do Campo pelo IFRN, campus Caicó.

A trajetória escolar de Souza Neto é marcada por um histórico de bons resultados, êxitos e ingresso em mais de um curso de graduação e de especialização. Ele sempre buscou

novas possibilidades de acesso a novos saberes. Souza Neto minimiza as dificuldades existentes em sua trajetória escolar: *“houve dificuldades, mas dificuldades mínimas em relação às vividas por meus irmãos mais velhos. Eu sempre pensava nas dificuldades que eles tiveram, e foram tantas as que eles relatavam. Coloquei em minha mente: eu nunca vou desistir. Se meus irmãos conseguiram vencer na vida, eu também posso conseguir”*. Souza Neto cita como dificuldade que viveu em sua trajetória escolar, a distância que ele tinha que percorrer no período em que cursou os cursos de graduação e especialização.

Para ele., o fato de oito irmãos terem conseguido concluir pelo menos um curso de graduação, enfrentando grandes dificuldades, serviu como um exemplo a ser seguido, uma inspiração para que ele empreendesse esforços e não desistisse frente às dificuldades surgidas em sua trajetória escolar. Sobre os esforços empreendidos por ele durante sua trajetória escolar, Souza Neto argumenta: *“o principal esforço que eu empreendi durante minha trajetória escolar foi nunca deixar de acreditar em minha capacidade, acreditar que era possível superar os obstáculos que surgiam em minha trajetória escolar”*.

Os exemplos de “sucesso” escolar de nossos irmãos mais velhos, levou Souza Neto a acreditar que era possível enfrentar as dificuldades. Ele não viu a “dificuldade” vista por outros jovens de Boi Selado na época em que concluíam o ensino fundamental. Dificuldade essa, que fez muitos deles interromperem suas trajetórias escolares, por considerarem difícil o fato de terem que se deslocar em um transporte escolar todas as noites para irem estudar em Jucurutu.

Acreditar que era possível pode também ter se tornado viável para Souza Neto, graças ao acompanhamento e ao apoio recebido de nossos pais durante sua trajetória escolar. Além deles cobrarem bons resultados escolares, Souza Neto lembra do apoio e do acompanhamento que eles faziam em sua vida escolar: *“meus pais me deram o suporte que eu sempre precisei, desde acompanhar meus resultados escolares até conceder tempo longe do roçado para que eu estudasse em dias de prova”*.

Outro ponto importante citado por Souza Neto, relacionado ao acompanhamento feito por nossos pais em sua trajetória escolar e que não foi diferente para nenhum dos meus irmãos, foram as orientações dadas por eles sobre o respeito que devíamos ter dentro do ambiente escolar: *“tanto o meu pai quanto a minha mãe sempre deixaram claro para nós, que era preciso a gente ter respeito pelos professores, respeito com os colegas. Eles jamais queriam ouvir reclamação vinda da direção da escola ou de algum professor”*.

Souza Neto lembra sua obediência a essa forma de controle que nossos pais exerciam sobre o seu comportamento dentro do ambiente escolar: *“eu sempre prezei por esses ensinamentos de meus pais, nunca desobedeci aos professores e nem desrespeitei meus colegas, para que eu não fosse expulso da escola e meus pais viessem chamar a minha atenção”*. Para Souza Neto, uma reprovação moral de seu comportamento vinda de nossos pais, um evento indesejável. Ele não queria, em hipótese alguma, decepcionar aqueles que tanto o apoiavam em sua vida escolar.

Souza Neto “obedece” ao que Berger (1986, p. 89) chama de “sistema de controle” que ocorre no seio familiar, para esse autor, “a desaprovação, a perda de prestígio, o ridículo ou o desprezo nesse grupo mais íntimo tem efeito psicológico muito mais sério do que em outra parte”. Souza Neto “obediente” a esse sistema de controle, não desobedecia ao professor e não desrespeitava os colegas para não ser exposto ao “ridículo” ou perder o “prestígio” dentro do círculo familiar que, para Berger (1986, p. 89), “é nesse círculo que se encontram normalmente os laços mais importantes da vida de um indivíduo”. Souza Neto viu nas histórias de vida dos outros irmãos, um exemplo a ser seguido e foi com essa visão que ele manteve sua persistência e força de vontade para prolongar sua trajetória escolar.

3 ANÁLISE DE ALGUNS FATORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A LONGEVIDADE ESCOLAR DOS FILHOS DA FAMÍLIA SOUZA.

Para falar sobre trajetórias escolares prolongadas de filhos agricultores, analisando os fatores que contribuíram para a ocorrência desse evento, é importante antes de tudo, compreender que tais fatores não influenciaram de forma isolada ou igual em todas as trajetórias investigadas. Por essa razão, apresentei as histórias de vida dos filhos da família Souza que prolongaram sua trajetória escola, de forma separada, dando ênfase aos momentos vividos por cada um. O que, a princípio, possa parecer como uma descrição dos fatos vividos por cada um desses agentes, na verdade, é uma possibilidade de “dar voz” a eles, dando ênfase ao modo, como cada um, percebe sua trajetória de vida e assim compreender os fatores que contribuíram para o prolongamento das trajetórias escolares dos filhos desta família. Os fatores aqui apresentados são os que aparecem com mais evidência nas falas desses agentes, entendendo assim, que para estes agentes, tais fatores tenham sido importantes aliados no prolongamento de suas trajetórias escolares. São eles:

participação da família no acompanhamento da vida escolar dos filhos, a ordem moral doméstica, o capital social dos pais, as disposições mobilizadoras do filho/aluno/agricultor e o reconhecer das oportunidades disponíveis. Vale ressaltar que a ordem em que analiso cada um desses fatores não traduz um grau de maior ou menor relevância que eles desempenharam na vida escolar de cada filho da família Souza.

3.1 FILHOS AGRICULTORES COM DUPLA JORNADA: A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS À LUZ DE LAMPARINA NAS PRIMEIRAS LIÇÕES.

Quando falamos de trajetória escolar prolongada, falamos da permanência no sistema escolar de ensino até o ingresso e a conclusão de um curso superior, entendendo esse fenômeno como “sucesso” escolar, estatisticamente raro nas camadas populares, porém, possível de ser constituído. Um dos muitos fatores que age como constituinte desse fenômeno é a participação da família no acompanhamento da vida escolar de seus filhos. Segundo Lahire (1997, p. 29), “o sucesso escolar pode variar dependendo da capacidade familiar de auxiliar na vida escolar de seus filhos, incitando a criança a ter “sucesso” ou a estudar para ter “sucesso”, segundo a capacidade familiar de ajudar a criança a realizar os objetivos que lhe são fixados” (grifos no original).

Para Lahire (1997), essa variação nas formas de incitar a criança a estudar para ter “sucesso”, causa efeitos significativos no processo de escolarização das crianças. Os pais que desenvolvem essa capacidade de auxiliar na busca de meios eficazes para alcançar os objetivos que são fixados na vida dos filhos quer seja acompanhando de forma direta na realização do “dever” de casa, quer seja no apoio moral dado sobre as formas de boa conduta dentro do ambiente escolar, criam condições favoráveis ao sucesso escolar.

Quanto ao auxílio dado por nosso pai na realização do dever de casa, essa ação apareceu com mais frequência na vida escolar de minhas irmãs mais velhas, não que ele tenha deixado de fazer esse acompanhamento na vida escolar dos demais filhos. Talvez tenha diminuído apenas a frequência com que fazia esse acompanhamento. Segundo Aparecida, nosso pai começou a ensinar a ela e as outras minhas irmãs mais velhas, antes mesmo delas serem matriculadas numa escola: *“papai começou a ensinar a gente em casa, antes mesmo de a gente ter frequentado qualquer ambiente escolar. Eu lembro que era à boca da noite, a gente se sentava ao redor de uma mesa. Não tinha energia elétrica lá em casa e sob à luz de uma lamparina, ele ensinava a gente a ler e escrever. Ele dizia que ia “desarnar” a gente.* Na fala de Aparecida, é possível perceber a preocupação de nosso pai

com a nossa vida escolar, ensinar a ler e a escrever para facilitar a vida de suas filhas quando começassem a frequentar a escola.

Mesmo dispondo de poucos materiais escritos em nossa casa,, ele estava sempre procurando uma forma de favorecer a nossa familiarização com o universo da escrita. Para Francisca, ele se apropriava daquilo que tivesse “letras” usando como material escrito, por exemplo, as embalagens dos produtos do consumo diário da família. *“Naquela época, a gente não tinha nenhum recurso para estudar, nada de livros, não tinha acesso a materiais impressos como se tem hoje, mas o que meu pai adquiria que tivesse “letras” ou palavras, ele estava botando a gente para ler, fazendo o questionamento para saber se a gente lia, incentivando a leitura. Lembro muito bem que a primeira palavra que eu li foi o nome Fortaleza, porque tinha uma lata de bolacha com o esse nome e meu pai sempre perguntava, ia perguntando letra por letra, até a gente aprender a ler aquela palavra”*.

Criar estratégias de utilização do material escrito que dispunha naquela época, pode ser entendido como “formas para incitar a criança” segundo Lahire (1997). Incitar os filhos para adquirir familiaridade com o mundo escrito era uma ação que nosso pai desenvolvia em qualquer lugar e em qualquer espaço de tempo que tivesse condições para realização dessa ação. Isabel, em sua fala, mostra o quanto isso foi presente na vida escolar dela e de outras irmãs: *“eu lembro que sempre que a gente ficava lá no “rancho”[espécie de casa de taipa feita no roçado usada para guardar as ferramentas de trabalho], para fazer o lanche, ele pegava um pauzinho e ia escrevendo no chão molhado. Um tempinho que ele tirava ali, ele ia tentando, escrevendo palavras, ficava escrevendo na areia com um pau e mandando a gente ler algumas palavras como: “riacho”, ou palavras do campo, algodão, milho, feijão. Ele escrevia e a gente ia tentando ler aquelas palavras”*.

O cuidado que nosso pai teve com a escolarização dos filhos, não se resume ao ato de “incitar” ou acompanhar na realização dos deveres de casa, ele também acompanhava o tipo de correção que a professora fazia no nosso caderno, é o que relata Lúcia em sua fala: *“ele tinha uma preocupação muito grande de observar que tipo de correção o professor tinha feito no nosso caderno. Lembro-me bem, minha primeira professora colocava no caderno: bom, ótimo, suficiente ou péssimo e devido à minha caligrafia não ser tão boa, sempre em meu caderno vinha “péssimo”. Meu pai dizia que eu tinha que superar do péssimo para o suficiente, do suficiente para o bom e do bom para o ótimo. Porque ele dizia que o suficiente, estava sendo o suficiente para ela (professora), não para mim e nem para ele; o bom era que eu tinha superado; o suficiente já estava bom para ela e para mim, mas ele queria o “ótimo””*.

Tal cuidado com a vida escolar, “cobrando” bons resultados dos filhos, era uma forma que ele desenvolvia no sentido de incitar ao ato de estudar para ter “sucesso” (LAHIRE, 1997). Esse acompanhamento no sentido de vencer cada etapa no aprimoramento dos resultados, até alcançar o conceito “ótimo” dado pela professora, de certa forma, nos ajudou na compreensão da necessidade de buscar o caminho do “sucesso escolar” procurando sempre melhorar.

A atividade de acompanhamento de nossa vida escolar não foi um ato exclusivo desenvolvido por nosso pai, pois nossa mãe também se preocupava com esse acompanhamento. Além de auxiliar na realização do “dever de casa”, como lembra Lúcia: *“minha mãe ajudava muito, pois minha mãe tinha estudado até a 4ª série do ensino primário. Eu lembro que ela me ensinava a ler algumas palavras. Quando eu tinha dificuldade, minha mãe sentava-se comigo e me ensinava a fazer o dever de casa e ler algumas palavras que eu tinha dificuldade na leitura”*, ela também tinha um cuidado para que nós aprendêssemos a escrever de forma “legível”.

Nossa mãe também cultivava a preocupação com os “bons” resultados escolares com sua cobrança. Quando, por exemplo, me auxiliava nos “deveres” da escola, era fundamentada na necessidade de ter uma caligrafia bem elaborada, para que a professora compreendesse o que eu havia escrito e, assim, atribuir a nota merecida na atividade. Está gravado em minha lembrança os inúmeros exercícios de transcrição silábicas que nossa mãe fazia em meu caderno. Sua letra quase que desenhada e eu tinha uma dificuldade enorme de “imitar” aquelas letras que ela fazia, principalmente o “f” e o “z”.

Segundo Lahire (1997, p. 20), a familiaridade com a leitura, particularmente, pode conduzir a práticas de grande importância para o sucesso escolar da criança. Nossa mãe tinha essa familiaridade tanto com a leitura, quanto com a escrita, o fato de ela ter concluído a 4ª série do ensino primário, lhe dava condições para “elaborar” atividades “extras” em nosso caderno para que, por meio das repetições gráficas, nós pudéssemos aperfeiçoar nossa escrita, algo que ela julgava indispensável para a conquista dos bons resultados escolares.

Essa familiaridade com a leitura e a escrita que nossa mãe tinha nos incentivava à prática leitora. Lúcia fala desse incentivo que recebeu quando criança: *“minha mãe lia e escrevia cartas para as outras pessoas. As pessoas vinham para que ela lesse as cartas que recebiam de familiares que moravam distantes e também escrevessem a resposta dessas cartas. Ela fazia a leitura daquelas cartas e eu ficava encantada com os assuntos contidos nas cartas”*.

Esse “encantamento” relatado por Lúcia reforça o que disse Lahire (1997, p. 21), quando afirma:

O fato de ver os pais lerem ou escreverem com ou sem dificuldade, de ver os pais recorrerem cotidianamente, em sua vida familiar, à escrita de determinado tipo pode desempenhar um papel importante do ponto de vista do sentido que a criança vai dar ao texto escrito dentro do espaço escolar.

O sentido que aprendemos a atribuir ao texto escrito foi o de algo prazeroso e não enfadonho ou desgastante, sentido esse que contribuiu para que Lúcia buscasse dentro da escola, significados para superar as dificuldades iniciais de sua trajetória escolar, como o de persistir em passar do conceito “péssimo”, escrito pela professora em seu caderno, ao conceito “ótimo” esperado por nosso país.

Lahire (1997, p. 21) também chama a atenção para a questão de como as experiências de leituras estão sendo “vivas” em casa e se essas “modalidades são compatíveis com as modalidades da socialização escolar do texto escrito”. É importante lembrar que a modalidade de leitura que aguçou o nosso imaginário e que nos fez compreender ou “desenhar” a realidade, causava encantamento e nos prendia no desejo de estarmos sempre em contato com esse tipo de leitura.

Não eram apenas as cartas lidas e escritas por nossa mãe que nos causava “fascínio” pelo texto escrito. Nosso pai tinha um prazer em ler literatura de cordel. O gosto por esse tipo de literatura ele apreendeu vendo nossa avó paterna declamando histórias contidas nesse tipo de literatura. Vovó Conceição, mesmo não tendo sido alfabetizada, declamava versos da literatura de cordel que ela havia decorado ouvindo meu bisavô ler.

Com Isabel é possível compreender como as experiências de leitura vividas em nossa casa, naquela época, aguçavam o nosso imaginário: *“Meu pai, em casa, lia para nós versos da literatura de cordel e minha avó Conceição cantava diversos versos dessa literatura quando a gente estava trabalhando no roçado. Ao ouvir esses versos, a imaginação nos possibilitava criar histórias. Eu lembro ficar imaginando, eu e minhas irmãs ficávamos lá escutando ela cantar aqueles versos. Muitas vezes, a gente se sentia dentro da história”*.

As experiências de leitura, vividas pelos filhos da família Souza, naquela época, contribuíram de forma positiva para o nosso “ajustamento” à escola, um ambiente onde

predomina a cultura escrita. Proporcionar à criança experiências significativas e prazerosas de contato com a leitura e a escrita podem não ser garantia de sucesso escolar, mas pelo menos facilitará seu relacionamento com o universo letrado.

3.2 A ORDEM MORAL DOMÉSTICA: UMA FORMA DE CONTROLE NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS

Outra forma de acompanhamento, feita pelos pais e que pode ser considerado como um fator importante para a constituição da longevidade escolar dos filhos é o “acompanhamento” moral, o “direcionamento” num sentido consonante à organização institucional do ambiente escolar. Zago (2007, p.139) dialogando com outros autores sobre a presença da família na trajetória do estudante afirma:

Um denominador comum nas conclusões para as quais convergem os estudos é que o peso da presença familiar não se faz unicamente pelo *acompanhamento sistemático às atividades propriamente escolares*, típicos das camadas médias (como exemplo, orientação nas tarefas de casa, incentivos diversos em leitura e escrita), mas abrange um conjunto de procedimentos, sobretudo, de ordem moral e simbólica, como a valorização dos estudos, o lugar atribuído à escola e aos títulos escolares dos filhos (grifos nossos)

O acompanhamento moral feito pelos pais pode significar muito na vida escolar dos filhos, proporcionando a estes, atitudes de “ajustamento” às relações interpessoais vividas dentro do ambiente escolar. Nossos pais faziam esse acompanhamento, nos alertando para a importância que deveríamos dar às normas vigentes no ambiente escolar. Na fala de nosso pai, ele deixa clara a importância que dava ao respeito: *“Sempre eu dizia a todos eles: - a escola é o segundo lugar para vocês se educarem, vocês precisam sair daqui de casa educados. Não podem chegar lá na escola e fazer bagunça ou baderna. Vocês vão para respeitar o professor, prestar a atenção às orientações. Tem que ouvir o professor, o que ele está falando para vocês. Não podem ir para uma escola para fazer baderna e nem muito menos ficar se escondendo para não estudar. Vocês vão para aprender aquilo que nunca mais vocês vão esquecer na vida”*.

O sentido que nosso pai atribuía ao “bom” comportamento, sair de casa “já educado” e respeitar o professor pode ser compreendido pelas ideias de Lahire (1997, p

25), quando ele enfatiza que parte das famílias das classes populares podem outorgar uma grande importância ao “bom comportamento” e ao respeito à autoridade do professor. Nossos pais sempre deram ênfase à autoridade do professor. Lúcia relata como ela recebia as orientações dadas por eles sobre o respeito dentro de sala de aula: *“Meu pai sempre foi muito rígido. Ele acreditava que o professor era para ser tratado como um ser superior. É tanto que ele ensinava a gente a chamar de senhor ou de senhora. Ele preservava muito a questão do “respeito”. O professor era um ser que devia ser respeitado. E não só com o professor”*.

A forma como os pais norteiam o comportamento dos filhos dentro da escola pode estar disfarçada no controle em que eles sobre os resultados escolares, por exemplo, ao atrelar um resultado indesejado ao mau comportamento ou à falta de atenção no que é ensinado pelo professor dentro da sala de aula. Quando nosso pai dizia “preste atenção às orientações dadas pelo professor” ou “ouça o que ele está falando”, era uma maneira que ele usava para aquilo que Lahire (1997, p. 25) chama de controle exterior da escolaridade dos filhos. Nossos pais controlavam o nosso comportamento dentro da sala de aula mesmo que à distância. Esse controle está presente na fala de nosso pai: *“Eu sempre procurei muito, quando todos chegavam da escola, eu sempre procurava ver as atividades, o que eles tinham para fazer em casa, as atividades escolares e, sempre que podia, procurava os setores educacionais onde eles estudavam, para saber como era o comportamento deles”*.

O acompanhamento de nossas trajetórias escolares feito por nossos pais quer seja de forma sistemática nas atividades tidas como escolares, leitura e escrita, quer seja por meio do que Lahire (1997, p. 25) chama de “ordem moral doméstica” não pode ser visto como o único fator que contribuiu para a constituição da longevidade escolar em nove dos treze filhos da família Souza. Ainda que a família crie o que Lahire (1997, p. 26) chama de “condição necessária à produção de uma relação com o mundo adequada ao êxito”, existirá situações que podem ser de ordem estrutural, social, cultural, política ou econômica e que poderão, de certa forma, interferir numa ou em muitas trajetórias escolares, muitas vezes forçando sua parada temporal ou sua interrupção precoce.

3.3 O CAPITAL SOCIAL DOS PAIS E AS AÇÕES DE CONTORNO DAS DIFICULDADES VIVIDAS

Para contornar determinadas situações, muitas vezes, precisamos dispor de outros capitais que não apenas o econômico ou cultural. Alguns dos filhos da família Souza viveram situações dessa natureza, como relata Aparecida descrevendo o momento em que foi obrigada a repetir a série, mesmo já tendo sido aprovada na 4ª série do ensino primário: *“fui aprovada na 4ª série em 1981 e, em 1982, eu repeti essa série como ovinete. Só em 1983 que eu fui estudar na cidade, fui morar na casa de uma tia”*. Esse histórico de repetência sem reprovação se deve ao fato de que, naquela época, não havia turma da 5ª série na escola da comunidade rural em que nós morávamos. Também não havia transporte escolar para conduzir até a cidade de Jucurutu os alunos que concluíam o ensino primário.

No ano seguinte, Aparecida voltou a estudar, graças ao apoio recebido de uma tia que lhe acolheu em sua residência. Esse apoio foi fundamental para “contornar” essa situação. Quantos estudantes de nossa comunidade ficaram sem estudar naquele ano, por não terem onde morar na cidade de Jucurutu? São tantos os entraves que podem surgir no decorrer de uma trajetória escolar e, que muitas vezes, forçam uma interrupção precoce dessa trajetória, que tornam fundamental o apoio que recebemos de outros membros em nossa genealogia familiar ou, até mesmo, de amigos. Vale salientar que essa tia deu apoio com moradia à Aparecida, Francisca e Isabel no período em que começaram a estudar na cidade de Jucurutu/RN.

A questão de moradia na cidade não foi o único obstáculo no período em que Aparecida e Isabel foram estudar em Jucurutu/RN, lugar onde estava localizada a única escola existente na cidade naquela época que oferecia o ensino fundamental e que não era uma instituição pública de ensino. Isabel descreve como se deu seu ingresso nessa instituição de ensino: *“Eu lembro que eu fui estudar em Jucurutu, não era uma escola pública. Era uma fundação de ensino mantida com a ajuda de algumas entidades sociais. Para a gente estudar nessa instituição, era necessário conseguir bolsas de estudos. Na época, meu pai, como era sindicalista, ele sempre foi muito ligado aos movimentos sindicais, conseguiu uma bolsa de estudo junto ao sindicato dos trabalhadores rurais de Jucurutu para minha irmã mais velha e, para mim, ele conseguiu com um agente político local”*.

Sem essas bolsas de estudos, Aparecida e Isabel, certamente, teriam ficado sem estudar, pelo menos, naquela época. A ação do nosso pai no sentido de conseguir tais bolsas se deu graças a sua capacidade de articulação entre diferentes seguimentos sociais. Ele era um líder sindical e também tinha “boas” relações com agentes políticos locais, e dispunha, portanto, de certo capital social que, segundo Bourdieu (2015, p. 75),

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-relacionamento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis. (Grifos no original)

Nosso pai transitava no movimento sindical, além de, como trabalhador rural, ser um líder comunitário entre os agricultores naquela época. Sua relação com agentes do campo político local devia-se a essa “liderança” que ele exercia dentro do movimento sindical e que foi muito importante para e na constituição de nossa trajetória escolar.

A utilidade dessa rede de relações sociais não foi convertida apenas nas bolsas de estudos adquiridas por nosso pai para Aparecida e Isabel. Ele também soube utilizar os recursos potenciais dessa rede de relações, sobretudo, em suas relações com o movimento sindical, para justificar o que ele dizia ser necessário estudar e conseguir bons resultados escolares. Quando questionado sobre a influência que teve o movimento sindical para a sua postura frente à nossa vida escolar, nosso pai enfatiza: *“o que eu vivi no movimento sindical, as discussões ali vividas, influenciaram muito na forma de enxergar a realidade. Se, naquela época, era tão difícil a vida dos agricultores, que não tinham direito à terra, só trabalhavam para os proprietários, eu comecei a entender que aquela situação não era conveniente para minha família, para os meus filhos. Eu incentivava que eles estudassem para que, no futuro, eles não fossem agricultores, levando uma vida no campo trabalhando para os outros”*.

O que nosso pai apreendeu com o movimento sindical foi por ele incorporado e transmitido para nós de forma efetiva. Ele não falava da valorização do saber escolar, com frases esvaziadas de significados do tipo: “estude porque é bom”. Talvez ele nem soubesse que o conceito de bom é algo relativo e instável, mas ele compreendia que, para uma criança que passava um período do dia no roçado e o outro período na escola, talvez o conceito de “bom” não se ajustava àquelas circunstâncias.

Tanto o nosso pai, quanto a nossa mãe sempre deixaram claro para nós, que estudar era uma ação necessária e essa necessidade era explicada por eles e logo compreendida por nós, pois era uma necessidade vivida e, ao mesmo tempo, sentida em nossas vidas. Como disse João: *“Meu pai sempre me dizia: - Você tem dois caminhos para seguir: ou você fica*

na agricultura nesse trabalho árduo como você está vendo ou, então, você vai procurar uma vida melhor para você através dos estudos. Eu também não gostava de estudar, mas vi que era bem melhor estudar do que trabalhar no sol quente”.

Segundo Daniel Thin (2006, p. 221), o sentido da escolarização para famílias de baixa renda baseia-se na promessa de futuros. Nossos pais deram esse sentido à nossa escolarização, mostrando que era necessário estudar para mudar de vida, ter um futuro melhor, mudando as condições de existência vividas por nós. Hoje, com as trajetórias escolares já prolongadas, é possível ver que o sentido atribuído pelos nossos pais à nossa escolarização foi apreendido por nós: mudamos de vida, não vivemos mais nas mesmas condições econômicas que vivíamos no passado.

3.4 AS DISPOSIÇÕES MOBILIZADORAS DOS FILHOS DE AGRICULTORES NA CONSTITUIÇÃO DE SUA LONGEVIDADE ESCOLAR

Outro fator que interagiu com os demais já analisados e que se apresenta de forma frequente em nossas trajetórias escolares, foram as disposições mobilizadoras que, ao longo de nossas vidas, aprendemos a desenvolver no sentido de contornar as dificuldades que pudessem colocar em risco nossa trajetória escolar.

Essa disposição mobilizadora desenvolvida pelos filhos da família Souza que conseguiram permanecer no sistema escolar de ensino até concluírem seus respectivos cursos de graduação e especialização, ganha forma a partir do seu ingresso no 2º grau, para uns, e no ensino superior para outros.

O universitário de origem popular demonstra ter introjetado um conjunto de disposição (entre elas a dedicação aos estudos e autodeterminação) presentes na construção de um *habitus* favorecedor ao jogo escolar e à permanência no sistema de ensino. (Grifos no original) (PORTE apud ZAGO, 2007, p.141)

A disposição, por mim desenvolvida, a partir do meu ingresso no 2º grau, para permanecer no sistema de ensino pode ser vista sob a forma de autodeterminação. Quando eu tinha que percorrer uma distância diária de 36 quilômetros ida e volta entre a comunidade rural em que morávamos e a cidade de Jucurutu/RN onde eu estudava, durante os três anos em que eu cursei o 2º grau. Disposição essa também experimentada pelo nosso irmão João Souza. Eu poderia ter interrompido minha trajetória escolar quando concluí o primeiro grau na comunidade Boi Selado, bastava ter usado a desculpa da falta de

transporte escolar naquela época, mas fiz o contrário do que parecia mais fácil: acreditei que era possível estudar apesar dos “entraves” e lutei contra o possível comodismo que poderia ter interrompido a minha trajetória escolar.

Outro exemplo de disposição mobilizadora de autodeterminação para permanecer no sistema de ensino foi vivido por Isabel, quando ela fala dessa “escolha” em continuar estudando: *“eu acho que o maior esforço veio quando eu cheguei na graduação, porque eu podia muito bem ter “aberto mão” daquilo. Eu já tinha um emprego, um trabalho. Quando eu estava no 2º grau, eu passei num concurso público, fui convocada para trabalhar, então eu podia muito bem ter parado de estudar, mas eu queria mais, o meu sonho mesmo era a faculdade, era me formar. O meu pai dizia: ‘estude para arrumar um emprego e não depender de homem’. Então, eu já tinha meu emprego, mas mesmo assim, eu ainda quis ir além do 2º grau”*.

A atitude de Isabel em dar continuidade à sua trajetória escolar para além do 2º grau mostra que o sentido, dado por nossos pais, para a nossa escolaridade, havia sido incorporado por ela, porém ampliado em sua consciência. “Querer mais” para ela, era ter algo a mais que um emprego, era poder ter acesso aos saberes que lhes proporcionassem a realização de um sonho: se formar. Como diz Bourdieu (2015, p. 86), era a objetivação do capital cultural sob a forma do diploma.

Dentre as disposições mobilizadas pelos filhos da família Souza estão os esforços que tiveram de envidar também durante o ingresso no curso superior, ao superarem, por exemplo, as distâncias percorridas entre o local de suas respectivas residências e as cidades em que estudavam a graduação. Com exceção de Selma, que cursou Pedagogia na cidade de Jucurutu, todos os outros cursaram sua graduação em cidades distantes da cidade em que residiam.

Outro fator que pode ser caracterizado como esforço desenvolvido na constituição de nossa longevidade escolar, é o fato de ter que trabalhar para manter a própria casa ou as despesas com seus estudos. Zago (2007, p. 141) diz que essa “realidade os aproxima mais do trabalhador estudante do que do estudante trabalhador”. Esta era a realidade vivida por nós, pois quase todos nós, os filhos da família Souza, para prolongarmos nossas trajetórias escolares para além do Ensino Médio, tínhamos que trabalhar para custear nossas despesas pessoais, ou até mesmo para custear as despesas com mensalidade do curso de graduação numa faculdade da rede privada de ensino, como aconteceu com nossa irmã Selma. Eu e a maioria dos meus irmãos, quando ingressáramos em um curso superior, já éramos casados e com família constituída. Tínhamos que ser um trabalhador estudante.

3.5 O RECONHECER AS OPORTUNIDADES DISPONÍVEIS

O reconhecer as oportunidades disponíveis e o momento oportuno de “agarrar” essas oportunidades é outro fator que foi importante na consolidação da longevidade escolar dos filhos da família Souza. Zago (2007, p. 141) diz que o motor importante dessa mobilização está sustentado na demanda do mercado de trabalho e, de forma recorrente, no desejo de superação da condição familiar. Na família Souza, esse “reconhecer” as oportunidades disponíveis no mercado de trabalho contribuiu de forma efetiva para todos os filhos cujas trajetórias escolares são longevas, o que pode estar associado ao fato de que todos nós que conseguimos prolongar nossa trajetória escolar somos professores. Estudar para “ser professor” foi a oportunidade mais acessível para nós. Naquela época, a escolha em fazer o curso do Magistério por muitos de nós, se deu por indicação de uma irmã mais velha que já era professora. Eu, particularmente, não tinha a menor vontade de ser professor, queria ser médico, mas as oportunidades, disponíveis para mim, estavam na atuação em sala de aula como professor. Fui, então, me constituindo professor na prática e não no sonho. Eu soube agarrar a oportunidade disponível para consolidar minha trajetória escolar. Se eu tivesse deixado “o cavalo passar selado”, e me prendido no devaneio dos sonhos, talvez eu nem tivesse chegado a ingressar no ensino superior.

Não sou o único da família a reconhecer a oportunidade de ser professor por indicação de uma irmã. João também relata essa indicação que ele recebeu de Isabel: *“também não tinha interesse em atuar como professor, mas por incentivo da minha irmã Isabel, que já era professora na época, fiz a inscrição do concurso para professor da Prefeitura Municipal de Santana do Matos/RN. Tive a felicidade de ser aprovado em primeiro lugar, e no ano de 1999, comecei a trabalhar como professor”*.

Existem casos em que uma oportunidade de trabalho além de representar a possibilidade de sobrevivência econômica, pode representar um “encontro” com uma profissão que permitirá a realização pessoal. Foi o que aconteceu com Márcia numa chance para lecionar em uma escola com um contrato temporário no período quando ela ainda cursava sua primeira graduação: *“eu fui estudar Ciências Econômicas porque eu não queria me formar em um curso de licenciatura. Não queria ser professora, mas quando eu ainda estava na graduação, fui convidada para lecionar, através de um contrato provisório, em umas turmas do ensino fundamental maior na escola Estadual Professora Maria das Graças Silva Germano na comunidade Boi Selado. Essa oportunidade como*

professora foi o marco inicial e decisivo em minha vida. Realmente, foi ali onde eu me encontrei, me senti bem dando aula, foi uma experiência maravilhosa. Hoje, não me vejo fazendo outra coisa que seja diferente de ser professora”.

Reconhecer as oportunidades disponíveis e possíveis quer seja por indicação de uma irmã mais velha que já havia ingressado na carreira do magistério, quer seja por convicções próprias daqueles que “sonhavam” em ser professores, tudo isso teve grande importância para o prolongamento das trajetórias escolares dos filhos da família Souza. O fato de já atuar como professor foi bastante significativo para o ingresso daqueles que foram beneficiados, por exemplo, com o Programa de Formação de Professores em Exercício (Proformação), e para os demais a “oportunidade de ser professor” e ter uma renda fixa, significou “a oportunidade de assumir financeiramente os gastos com a condução de seu percurso” (ZAGO, 2007, p 141).

Diante dos dados apresentados, conhecendo a realidade dos agentes colaboradores e embasado nos estudos sobre “sucesso” escolar, é certo afirmar que num mesmo contexto familiar, vários fatores favoráveis ao “sucesso” escolar se associam ou se inter-relacionam de maneira aleatória” (LAURENS apud ZAGO, 2007, p.138). A variedade desses fatores decorre da singularidade existente em cada contexto familiar e da subjetividade de cada indivíduo.

4. A FAMÍLIA AQUINO: UM EXEMPLO DE LONGEVIDADE ESCOLAR CONSTITUÍDO ENTRE O ROÇADO E A OLARIA.

O barro toma a forma que você quiser.

Você nem sabe estar fazendo apenas

O que o barro quer.

(Poesia de Paulo Leminski)

No início da década de 1980, o Sítio Jangada, no município de Jucurutu/RN era habitado por, pelo menos, sete famílias que viviam da agricultura de subsistência, trabalhando num sistema de parceria com os proprietários das terras daquela localidade. Nessa parceria, os proprietários cediam um pedaço de terra para que o agricultor cultivasse os produtos alimentícios e o algodão. No final da colheita, o agricultor pagava pelo uso daquele pedaço de terra com uma parte da produção obtida.

Dentre as famílias que moravam no Sítio Jangada, estava a família Aquino composta por onze pessoas, tendo como pai, o senhor José Tomaz de Aquino e a mãe a senhora Rosa Bezerra de Aquino. Esse casal de agricultores teve nove filhos criados em meio às adversidades de uma região do semiárido nordestino. Dos filhos dessa família, apenas Erineide conseguiu permanecer no sistema de ensino até concluir um curso de graduação e outro de especialização. Os demais filhos da família Aquino frequentaram a escola, porém, quase todos interromperam suas trajetórias escolares ainda no ensino fundamental, tendo apenas um irmão de Erineide, estudado até o 2º ano do Magistério.

A entrevista com os pais de Erineide foi realizada no mês de setembro de 2016. Nosso encontro ocorreu na residência do senhor José Tomaz e da senhora Rosa Bezerra. No momento da realização da entrevista, se encontravam nessa residência apenas os pais de Erineide.

4.1 JOSÉ TOMAZ DE AQUINO: O OLEIRO QUE AJUDOU A MOLDAR UM SONHO

“Eu vivia da agricultura, mas sempre eu ganhava por fora: fazia telhas, fazia tijolos, ganhava um dinheiro para ajudar no sustento da casa”.

José Tomaz de Aquino nasceu no dia 23 de abril de 1935 na zona rural do município de Cruzeta/RN. Ele é filho do casal de agricultores Manoel Tomaz de Aquino e Severina Maria de Aquino (*in memoriam*). Seu José é alfabetizado. Ele lembra que, naquela época, não havia escola perto da localidade em que ele morava quando era criança, razão pela qual seu pai pagou a uma pessoa para alfabetizá-lo e também os seus irmãos: *“naquele tempo, era muito difícil escola nos sítios. Onde meus pais moravam não tinha escola. Meu pai pagou a uma professora particular. Ela passou um mês vindo ensinar a mim e a meus irmãos. Eu aprendi a ler dentro de 15 dias estudando com essa professora”.*

Para o pai de seu José, era importante que os filhos fossem pelo menos alfabetizados e na falta de uma escola para seus filhos, ele pagou a uma pessoa para alfabetizá-los, mesmo por um curto período de tempo: *trinta dias*. Talvez as condições financeiras não permitissem que ele pagasse por mais tempo, ou talvez tenha sido o tempo suficiente para alfabetizar a todos. O fato é que, o pai de seu José Tomaz teve sim o cuidado para que seus filhos não se criassem analfabetos.

Os filhos de seu José, quando eram crianças, moravam em uma localidade rural onde a escola existente ficava a uma distância de aproximadamente seis quilômetros de sua residência. Talvez por ter visto a preocupação de seu pai para que ele e seus irmãos não se criassem analfabetos, seu José Tomaz todo ano matriculava seus filhos na escola.

Ele fazia o acompanhamento da vida escolar de seus filhos dentro das possibilidades que dispunha naquela época. Seu José lembra que, além do trabalho no roçado, ele trabalhava em uma olaria (fabricação artesanal de tijolos e telhas) para ajudar no sustento da família: *“eu vivia da agricultura, mas sempre eu ganhava por fora, fazia telhas, fazia tijolos, ganhava um dinheiro para ajudar no sustento da casa. Eram muitos filhos e só o que eu fazia do roçado não dava para sustentar a família. As coisas eram muito difíceis”.* As ocupações além do tempo que ele dedicava ao trabalho na agricultura, o deixavam, muitas vezes, impossibilitado de ensinar a seus filhos as tarefas da escola.

O acompanhamento dado por seu José à vida escolar de seus filhos, de ordem moral, orientava sobre a necessidade do respeito ao professor: “*Eu dizia a eles: ‘respeite seu professor, não quero receber reclamação de vocês’*”. Não querer receber reclamações sobre o comportamento de seus filhos na escola podia representar para seu José, naquela época, a certeza de que eles conseguiriam, na escola, um aprendizado diferente do que ele teve quando foi alfabetizado, pois eles estavam frequentando uma “escola”, e não só por um período de trinta dias como o que aconteceu com seu José Tomaz.

Seu José Tomaz também se preocupava em oferecer condições para que seus filhos frequentassem a escola: “*quando eu cheguei aqui nesse lugar, eu disse à Rosa: ‘esses meninos que vão estudar pela tarde, vão para o roçado pela manhã’*”. *Eles iam para o roçado mais eu e, às 10:00h, eu mandava eles de volta para casa, que era para eles irem para a escola*”. Para seu José, era importante que seus filhos saíssem do roçado mais cedo, pois o roçado era distante de sua residência, para assim eles terem condições de chegar em casa com tempo de ir para a escola.

Seu José reconhece a diferença entre as condições econômicas de Erineide e as dos demais filhos que interromperam suas trajetórias escolares: “*Com certeza Erineide hoje tem melhores condições de vida, diferindo dos outros que pararam de estudar. Hoje, a vida é outra*”. Seu José faz uma relação direta entre as condições socioeconômicas de Erineide com o grau de estudo alcançado por ela. Para seu José, os demais filhos deveriam ter se “esforçado” mais: “*Eu, muitas vezes, encontrei você Donizete vindo de bicicleta de Jucurutu e eu dizia a meus meninos: ‘porque vocês não fazem como os meninos de compadre Raimundo Souza? Trabalham e ainda vão de bicicleta estudar em Jucurutu?’*” Segundo seu José, os filhos não tiveram disposição para conciliar a vida escolar com o trabalho do roçado.

Hoje, alguns dos filhos de seu José continuam na condição de agricultores e outros trabalham fazendo “bicos” em diversos setores de serviços como salinas, extração de vegetal (corte de lenha) e venda de crediários.

4.2 ROSA BEZERRA DE AQUINO: DEVIDO À ESCASSEZ FINANCEIRA, APENAS UM REALIZADO

“Se eu tivesse condições todos os meus filhos tinham estudado, porque eu não tinha colocado eles para trabalhar”.

Rosa Bezerra de Aquino nasceu no dia 28 de junho de 1945 em Boi Selado zona rural de Jucurutu/RN. Filha do casal de agricultores Joaquim Silvestre de Vasconcelos e Maria Bezerra da Conceição. Quando criança, Dona Rosa Bezerra estudou durante 15 dias com uma professora particular paga por seus pais, porém só conseguiu ser alfabetizada quando frequentou uma turma da EJA (Educação de Jovens e Adultos) na qual a professora era sua filha Erineide Aquino.

Dona Rosa lembra as dificuldades vividas para manter os filhos na escola, pelo fato de terem que ajudar ao pai no trabalho do roçado, e a escola em que eles estudavam ser distante de onde moravam. Segundo Dona Rosa, a maioria de seus filhos não estava disposta a conciliar o tempo entre o roçado e a escola: *“eles queriam apenas estudar, mas não queriam trabalhar, queriam só estudar, mas a gente não tinha condição. Eles tinham também que ajudar no trabalho do roçado”*. Os resultados da atitude dos demais filhos da família Aquino em abandonar os estudos são refletidos nos números negativos do campo educacional na década de 1980. Dos mais de 2,8 milhões dos alunos do Nordeste que foram matriculados na 1ª série do ensino fundamental no ano de 1981, pouco mais de 0,3 milhões chegaram à 8ª série do ensino fundamental no ano de 1988.

Segundo Zago (2013, p. 172), *“o reduzido tempo de permanência na escola não é resultado da ausência de valorização dos estudos”*. Não é possível afirmar que alguns dos filhos da família Aquino não valorizavam o conhecimento escolar. O reduzido tempo de permanência no sistema de ensino de alguns desses filhos pode estar condicionado às condições financeiras vividas por eles naquela época. Além de ter que conciliar o trabalho no roçado e a vida escolar, eles viveram o dilema da falta de condições financeiras de seus pais para investirem em um nível de escolarização além daquele oferecido na localidade rural (ZAGO, 2013, p. 172). Dona Rosa afirma que se tivesse tido condições financeiras suficientes para manter seus filhos na escola, sem que fosse necessário eles trabalharem no roçado, seus filhos tinham estudado: *“se eu tivesse condições, meus filhos tinham estudado*

porque eu não tinha colocado eles para trabalhar. Uma família grande como era a nossa, para ele [o marido] dar de comer sozinho, era difícil”.

Mesmo dispondo de poucas condições financeiras, Dona Rosa desempenhou um papel importantíssimo na vida escolar de seus filhos. Como seu esposo vivia ocupado com os afazeres do roçado e da olaria, era ela quem cuidava das obrigações da casa e frequentava a escola quando era chamada para receber os resultados de seus filhos ou para resolver algum problema relacionado à indisciplina de algum deles. Na análise das configurações dos perfis familiares, Lahire (1997, p. 345) constatou que as mulheres também se encarregam da educação dos filhos e, principalmente, do acompanhamento escolar deles. No caso da família Aquino, esse acompanhamento da escolaridade era feito exclusivamente por Dona Rosa, uma espécie de divisão sexual dos afazeres familiares. Ela também os orientava sobre a importância do respeito ao professor: *“eu dizia: ‘se comportem bem na escola, respeitem sua professora e se você arengar, na escola, quando chegar em casa, você vai ver o que acontece’”.*

Frequentar a escola para buscar informações sobre os resultados escolares de seus filhos era uma atribuição de Dona Rosa. Ela também foi responsável por convencer seu esposo a matricular Erineide numa escola na cidade de Jucurutu/RN para que ela pudesse dar sequência à sua trajetória escolar: *“depois que a gente veio morar em Boi Selado, minhas duas filhas mais velhas já tinham se casado e os filhos homens estavam crescendo e de filha mulher, em casa, só tinha Erineide. Eu disse a meu esposo que era melhor colocar ela na Casa do Estudante para ela estudar em Jucurutu. Não era bom só ela de mulher junto com um bocado de homens trabalhando no roçado”.*

Esse olhar de Dona Rosa Bezerra sobre a realidade vivida naquela época proporcionou à Erineide condições de continuar com sua trajetória escolar, uma vez que na comunidade rural de Boi Selado, a oferta de ensino era só até a 4ª série do ensino fundamental e, como não havia transporte escolar que conduzisse os estudantes todos os dias até à cidade de Jucurutu, era necessário que Erineide fosse morar na Casa do Estudante. Apesar das dificuldades já citadas, o acompanhamento da vida escolar dos filhos feito por Dona Rosa, surtiu efeito em pelo menos uma das trajetórias escolares de seus filhos mostrando, assim, que é possível para uma filha de agricultores ter uma trajetória escolar exitosa.

4.3 ERINEIDE AQUINO: A QUERIDINHA DO PAPAÍ OU A PRIVILEGIADA COM A ORDEM DE NASCIMENTO?

Eu tinha cinco irmãos homens dentro de casa. Então, eu tive esse privilégio. Eu tive mais essa oportunidade de estudar”

Erineide Bezerra de Aquino nasceu no dia 15 de junho 1973, no sítio Jangada, município de Jucurutu/RN. Erineide é a 5ª filha de uma família composta por oito filhos; desses, apenas ela concluiu um curso de graduação. Licenciada em Pedagogia pela UNITINS e especialista em Fundamentos Epistemológicos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental pela Faculdade Vale do Jaguaribe – FVJ, ela é professora na rede municipal de ensino no município de Jucurutu/RN, desenvolvendo suas funções em turmas do ensino infantil na escola Estadual Professora Maria das Graças Silva Germano em Boi Selado. Erineide é casada, mãe de um casal de filhos e reside no Sítio Capoeira, próximo à comunidade onde ela trabalha.

Erineide Bezerra iniciou sua trajetória escolar aos sete anos de idade quando seus pais se mudaram do sítio Jangada e vieram morar na comunidade Boi Selado. Ela foi matriculada na Escola Isolada Boi Selado. Nesta escola, Erineide estudou até a 4ª série do ensino fundamental, pois naquela época, essa era a última série ofertada na escola da comunidade Boi Selado. Ao ser aprovada na 4ª série, Erineide precisou ir morar em Jucurutu para dar sequência aos seus estudos. De início, seu pai não permitiu que ela fosse morar na Casa do Estudante. Sobre a possibilidade de ficar sem estudar naquele ano, Erineide comenta: *“eu era muito nova, 12 anos. Meu pai não deixava eu morar na Casa do Estudante. Comecei a estudar a 4ª série como ouvinte. Depois de duas semanas, eu chorava todos os dias, porque ali eu estava parada, eu tinha visto todas as minhas colegas indo estudar em Jucurutu e eu tinha ficado estudando uma série que eu já havia sido aprovada”*.

Erineide contou com o apoio de sua mãe. Ao ver o seu sofrimento por não ter ido estudar em Jucurutu, a mãe convenceu seu pai a deixar Erineide, naquele ano, ir para a cidade: *“então, depois de três semanas, minha mãe pediu muito a ele, para que eu fosse estudar em Jucurutu. Acho que papai vendo o meu sofrimento, ver uma filha chorando todos os dias, ele deixou. Ele foi lá e fez a minha matrícula, fui para Jucurutu estudar”*.

Morando na Casa do Estudante em Jucurutu, Erineide concluiu o ensino fundamental na Escola Estadual Newman Queiroz. No ano de 1991, ela iniciou o 2º grau no curso Magistério. No ano seguinte, ela interrompeu sua trajetória escolar, porque havia conseguido um contrato provisório na Prefeitura Municipal de Jucurutu para lecionar numa escola da zona rural desse município.

Mesmo sem ter concluído o magistério, Erineide fez um concurso da Prefeitura Municipal de Jucurutu para professor PM2 (cargo que não exigia habilitação em Magistério), foi aprovada e passou, então, a lecionar nas turmas do Ensino Infantil na comunidade rural de Boi Selado.

No ano de 1998, Erineide já havia se casado e tinha uma filha recém-nascida, quando resolveu retomar seus estudos. Mesmo tendo uma filha pequena e um trabalho com vínculo efetivo, ela resolveu retomar sua trajetória escolar e concluiu o Magistério no ano de 1999. Vendo que o que havia aprendido no Magistério não oferecia suporte suficiente para que ela pudesse desenvolver uma prática mais consistente, Erineide resolveu investir um pouco do seu salário, que recebia como professora, num curso de Pedagogia oferecido pela UNITINS, uma faculdade privada que havia implantado um polo na cidade de Jucurutu/RN. Ela concluiu sua graduação no ano de 2010.

Depois que concluiu seu curso de graduação, Erineide ingressou no curso de especialização em Fundamentos Epistemológicos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental que concluiu no ano de 2012. Atualmente, Erineide diz sentir a necessidade de continuar estudando e se prepara para um ingresso no mestrado.

4.4 DA INTERRUPÇÃO AO RETORNO DO PERCURSO: UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR CONSTRUÍDA NO TEMPO DO POSSÍVEL

Durante sua vida escolar, Erineide encontrou dificuldades significativas, mas diferente do que fez os demais filhos da família Aquino, ela superou tais dificuldades e conseguiu prolongar essa trajetória até concluir um curso de Pedagogia e uma especialização na área da educação.

As dificuldades foram constantes em sua vida escolar. Quando estudava na escola da comunidade rural de Boi Selado, Erineide teve que aprender a conciliar seu tempo entre

o trabalho do roçado e as atividades da escola. Como o roçado de seu pai era distante da comunidade em que morava, muitas vezes precisava correr para não chegar atrasada na escola: *“eu vi a hora morrer nesse dia: vinha eu e meu irmão, a gente passava a manhã trabalhando, papai liberava a gente do roçado às 10 h. Eu, com sete anos de idade, colocava os chinelos nas mãos e saía de carreira. A gente não tinha bicicleta. A gente corria tanto para poder chegar em casa, tomar um banho, almoçar e ir para a escola”*.

Quando Erineide foi aprovada na 4ª série, sua primeira dificuldade foi a certeza de que não ia prosseguir com seus estudos, pois seu pai não queria deixar que ela fosse morar na Casa do Estudante: *“meu pai não deixava eu morar na Casa do Estudante. Comecei a estudar a 4ª série como ouvinte, depois de duas semanas, eu chorava todos os dias, porque ali eu estava parada”*.

Depois, já morando na Casa do Estudante, as dificuldades econômicas passaram a ser sentidas por Erineide. Nesse período, a Prefeitura, em parceria com o Governo do Estado, era responsável pela manutenção dessa casa (alimentação, material de limpeza e pessoal de apoio, porém a alimentação muitas vezes era insuficiente para todos os alunos que ali moravam). Ela, emocionada comenta essa fase difícil de sua vida escolar: *“As maiores dificuldades eram a alimentação insuficiente. Na Casa do Estudante, a gente quase passava fome. Tinha dia que dava vontade de desistir de estudar [visivelmente emocionada]. Muitas vezes, eu dormia com fome. Quem tinha condições de levar comida, levava. Eu não tinha, passava necessidade”*.

Durante o percurso que seguimos no decorrer da vida as circunstâncias, às vezes, nos direcionam para uma “pausa” em nossos sonhos. Charlot (apud VIANA 2009, p. 202) diz que existe um “curso normal do tempo”, uma rotina da vida, uma sucessão cronológica do tempo. Sobre esse curso normal do tempo para jovens das camadas populares, Viana (2009, p. 202-203) afirma:

No entanto, essa “vida normal” não está assegurada para jovens oriundos dos meios populares. Para eles, o curso da construção da vida, no tempo, pode ser perturbado e, muitas vezes, interrompido, para melhor ou para pior; a vida pode “balançar” em função de um episódio – ligado, seja à família, ao trabalho, à escola, à religião, à droga –, a partir do qual há um “antes” e um “depois”. O tempo da vida pode ser atravessado por rupturas que desorganizam o curso normal da vida. (Grifos no original).

O curso da vida normal de Erineide foi afetado pelas dificuldades financeiras. Na Casa do Estudante, muitas vezes, faltava até o alimento. Pressionada por essas dificuldades e movida pela necessidade urgente daquele momento vivido, Erineide interrompeu sua trajetória escolar no ano de 1992 para trabalhar com um contrato provisório dando aula numa escola da zona rural no município de Jucurutu/RN, mesmo sabendo que aquele contrato era temporário e não lhe proporcionava nenhuma estabilidade financeira.

Ao retomar à sua trajetória escolar, as dificuldades enfrentadas por Erineide ganham outras origens e novas dimensões. Ela já havia se casado, tinha uma filha recém-nascida e trabalhava como professora da educação infantil e, à noite, tinha que se deslocar de Boi Selado para a cidade de Jucurutu para concluir o curso de Magistério. *“Voltei a estudar à noite enfrentando as dificuldades, porque eu já trabalhava com um contrato. Ia estudar o Magistério à noite em Jucurutu. Quando eu chegava em casa de onze e meia da noite, muitas vezes, minha menina em nascimento de dente, ela ainda estava acordada. Nisso eu ficava até uma ou duas horas da manhã acordada, dormia pouco, para no outro dia de manhã cedo acordar para fazer o café do marido que saía cedo para trabalhar na lida da roça e de manhã eu ia trabalhar no colégio. Passei muitas dificuldades, mas terminei o Magistério”*.

Para ingressar em um curso superior, Erineide precisou investir recursos financeiros. Como era uma instituição de ensino privado, ela precisava todo mês arcar com o valor para “financiar sua escolaridade” (ZAGO 2007, p. 141), uma dificuldade financeira para quem, na época, tinha como fonte de renda apenas um salário que recebia como professora do Ensino Infantil.

Todas essas dificuldades só foram superadas com perseverança. Erineide, acreditando que era possível vencer, desenvolveu estratégias próprias no sentido de, pelo menos, minimizar tais dificuldades. Ela corria do roçado até em casa para poder chegar na hora certa na escola e soube diferenciar o trabalho do roçado dos trabalhos da escola: *“No período em que a gente não estava estudando, a gente tinha que ajudar no trabalho do roçado, porque o estudo era tipo assim uma diversão. Eu acho que era assim; tipo um hobby que a pessoa tinha, uma coisa bem melhor que o trabalho do roçado”*. Compreender a vida escolar como uma diversão pode ter sido uma das mais eficientes estratégias de Erineide, algo que lhe garantiu o sucesso em sua trajetória escolar.

Os irmãos de Erineide encararam esses obstáculos como uma barreira intransponível. Esses jovens vivenciaram “esse fenômeno com algum nível de fatalismo” (VIANA, 2009, p. 203). Ela fez diferente; acreditou que era preciso “provocar” as coisas, porque nada, jamais, vem sem esforço.

Erineide aprendeu que os esforços desenvolvidos por ela em sua trajetória escolar fortaleceram mais sua vontade de estudar: *“falar desse tempo de escolaridade relembra muita coisa. Os esforços que tive que fazer para superar tudo isso e chegar até aqui. Isso me dá força para tentar seguir adiante. A gente vê as dificuldades que passou. Hoje em dia, não existem as mesmas dificuldades, mas tudo que a gente consegue com dificuldade é gratificante”*.

4.5 A POSIÇÃO INTERMEDIÁRIA OCUPADA NA FRÁTRIA E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Superar todos esses obstáculos depende, muitas vezes, do apoio daqueles que estão mais próximos da gente, vivendo essas dificuldades com a gente. Erineide sempre teve esse apoio de seus pais quer seja o apoio moral das orientações precisas no momento exigido, quer seja o apoio nos momentos difíceis de sua trajetória escolar.

Sobre o apoio dos pais, Erineide afirma que seu pai permitia que ela e seus irmãos saíssem do roçado mais cedo para irem para a escola e que ele mudou a decisão que havia tomado em relação a não permitir que ela fosse morar na Casa do Estudante. Sua mãe foi a que mais lhe deu apoio em sua trajetória escolar. Acompanhando diretamente as ações dos filhos dentro da escola e observando o desempenho de cada um. Ela teve um papel importante para a formação escolar de Erineide.

Quanto ao acompanhamento feito por seus pais de suas atividades dentro do ambiente escolar, Erineide afirma: *“era feito por minha mãe. A professora mandava chamar e imediatamente a mãe ia. Meu pai sempre trabalhando no roçado e minha mãe sempre em casa para cuidar das obrigações. Então, sempre quem ia era ela”*. Na trajetória escolar de Erineide, também é possível ver a “relação de gênero, considerando que as mães são, conforme as mais diversas pesquisas, as grandes responsáveis pelo acompanhamento dos deveres de casa na vida do aluno” (CARVALHO apud RESENDE 2013, p.215).

Percebe-se, nesse caso, a divisão sexual das tarefas familiares. O pai de Erineide era responsável pelo sustento da família, enquanto sua mãe era responsável pelo cuidar da casa e dos filhos, inclusive, da vida escolar deles.

Além do acompanhamento feito por seus pais em sua trajetória escolar, Erineide contou com outro fator que pode ter favorecido o alongamento de sua trajetória escolar: a posição na ordem de nascimento dos filhos da família Aquino. Ela é a 5ª filha desse casal de agricultores, sendo a mais nova das filhas mulheres. *“Eu tinha cinco irmãos homens dentro de casa. Então, eu tive esse privilégio, eu tive mais essa oportunidade de estudar, mais do que minhas outras duas irmãs, porque elas foram criadas como homem no trabalho. Papai me deixou de lado, minhas irmãs diziam que eu era a “queridinha” porque papai me deixou mais em casa e os filhos homens tomaram conta da casa, do trabalho braçal”*. Sobre a posição ocupada pelos filhos na ordem de nascimento e a influência que ela exerce sobre a escolarização das crianças, Glória (2010, p.03) afirma:

O lugar ocupado pela criança na frátria exerce, portanto, influência sobre sua escolarização. Ser o primogênito, caçula ou mesmo ocupar um lugar intermediário parece implicar em processos de socialização e de educação diferenciados, que se constituem no espaço da família, e que têm, possivelmente, algum impacto no percurso e destino escolares dos filhos.

Erineide ocupa um lugar intermediário na frátria familiar. Esse fator teve sua contribuição no processo de escolarização dela, mas é preciso que analisemos esse fator associado à questão da divisão sexual do trabalho. O fato de Erineide ter sido, de certa forma, “poupada” do trabalho no roçado durante sua adolescência pode estar associado a dois fatores: primeiro, o roçado de seus pais não necessitava mais tanto assim dos trabalhos braçais de uma filha mulher e, segundo, sua mãe necessitava da ajuda de Erineide nos afazeres domésticos. Aquilo que na visão de Erineide parece privilégio e para suas irmãs como “proteção” de seu pai para com ela, foi, na verdade, um arranjo na divisão do trabalho feito por seus pais.

Erineide aprendeu o significado e a importância que uma trajetória escolar de sucesso pode ter na vida dos que buscam um futuro melhor: *“eu sempre quis estudar e eu quero estudar. Porque assim, o estudo é tudo. Se você tiver uma boa formação educacional, você vai saber sobressair em diversas situações. É o que eu digo para os meus filhos*. Para Erineide, não bastou apenas compreender o valor de uma boa “formação

educacional”, era preciso repassar isso para seus filhos. Ela acompanha de perto a vida escolar deles, e esse acompanhamento, segundo Erineide, começou desde que eles começaram a estudar: *“Eu sempre procurei incentivá-los durante a vida escolar de cada um deles. Eles foram alfabetizados por mim, fui professora deles na turma de alfabetização. Sempre estabeleci horários para que eles estudassem em casa. Não dá para esperar que eles aprendam apenas na escola, também é preciso estudar em casa”*.

Hoje, a situação escolar dos filhos de Erineide pode ser um exemplo do seu constante acompanhamento. A filha mais velha, com 19 anos de idade, está concluindo um curso de graduação em Física pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia-IFRN, campus de Caicó/RN e seu filho mais novo, com 15 anos, estuda o 1º ano do ensino médio na Escola Estadual Newman Queiroz na cidade de Jucurutu/RN.

5 A FAMÍLIA VASCONCELOS: A CONSTITUIÇÃO DA LONGEVIDADE ESCOLAR REAPROVEITANDO AS FOLHAS DO CADERNO.

“Muitas vezes, os cadernos acabavam as folhas antes de terminar as aulas. As meninas davam um jeito: apagavam os deveres que a professora passava no início e, assim, elas escreviam naquelas folhas já usadas”.

Entre tantas outras famílias de agricultores, que viveram no início da década de 1980 no Sítio Jangada, está a família Vasconcelos que tem como genitores o senhor Manoel Francisco de Vasconcelos e a senhora Raimunda Afonso de Vasconcelos. Eles tiveram oito filhos criados vivendo da agricultura. As terras em que seu Manoel desenvolvia o trabalho agrícola pertenciam a terceiros. Ele apenas explorava essa terra, enquanto também era explorado pelo proprietário das terras, como os demais agricultores daquela época. Uso aqui o termo “explorado” para caracterizar o sistema de “parceria” estabelecido entre os proprietários de terras e os agricultores que necessitavam dessas terras para sustentar suas famílias. A exploração se dava, em razão de que os proprietários apenas “cediam”, temporariamente, um pequeno pedaço de terra, para que o agricultor plantasse e custeasse todo o processo de cultivo e produção. Depois da colheita, os produtos eram divididos ao “meio” (meeiros), metade da produção era destinada para os proprietários das terras e a outra metade ficava com a família do agricultor.

A família Vasconcelos possui um laço de familiaridade com a família Souza. Seu Manoel é irmão de meu pai. Dos oito filhos dessa família, apenas Helena conseguiu permanecer no sistema de ensino até concluir um curso de graduação e outro de especialização. Os demais filhos dessa família, uma concluiu o 2º grau e os outros abandonaram a escola ainda no ensino fundamental.

A entrevista com os pais de Helena aconteceu em dias e locais diferentes. Seu Manoel, hoje, é separado de dona Raimunda. A entrevista com ele ocorreu no mês de outubro de 2016, em sua residência no sítio Barros onde ele mora sozinho. A conversa com dona Raimunda aconteceu no mês de novembro, em sua residência na comunidade Boi Selado, onde ela mora na companhia de um de seus filhos.

5.1 MANOEL VASCONCELOS: O LAMENTO POR NÃO TER TIDO O PRIVILÉGIO DE ESTUDAR QUANDO ERA CRIANÇA

“Quando eu era criança eu não tive o privilégio de frequentar a escola. Não tinha escola onde eu morava naquela época”.

Manoel Francisco de Vasconcelos nasceu no dia 22 de novembro de 1946 no sítio Poço Branco em São Paulo do Potengi/RN. Ele é filho do casal de agricultores José Francisco de Souza e Maria da Conceição de Vasconcelos (in memoriam). Meu tio Manoel disse ter frequentado turmas de EJA, mas por um curto período: *“A única experiência que eu tive com escola foi pouco tempo numa turma de EJA, já depois de meus filhos estarem todos criados”*. Ele lembra que no seu tempo de infância não tinha escola perto da localidade onde morava. Segundo Goldemberg (1993, p. 68), no Brasil, em 1950, apenas 36,2% das crianças de 7 a 14 anos tinha acesso à escola. Foi nesse contexto que meu tio Manoel viveu sua infância, num Brasil em que mais da metade das crianças em idade escolar não tinha acesso à escola.

Tio Manoel fala desse período com certa tristeza: *“Quando eu era criança, eu não tive o privilégio de frequentar a escola. Não tinha escola onde eu morava naquela época. Eu e seu pai fomos criados sem frequentar a escola”*. Quando ele fala em “privilégio”, nos transmite a ideia da importância que ele dá ao conhecimento escolar. Hoje, ele vê a realidade diferente de como via no passado.

Tio Manoel lembra o período em que uma prima sua vinha até a residência de meus avós paternos para ensinar a “carta do ABC”: *“Teve uma época que uma prima nossa vinha ensinar a carta de ABC a Raimundo, mas eu não tive interesse de aprender a ler naquela época”*. Ele lembra de que, naquela época, se dedicava muito ao trabalho no roçado e mesmo que seus pais quisessem que ele e meu pai estudassem, não tinha escola por perto da residência em que eles moravam.

Quanto à experiência que teve como aluno numa turma de EJA, tio Manoel afirma: *“Quando frequentei a turma do EJA, passei poucos dias estudando, vi que minha cabeça não dava mais para o estudo. Não adiantava eu insistir, papagaio velho não aprende a falar. Eu também não ia mais aprender a ler nem a escrever”*.

Tio Manoel lembra as dificuldades que seus filhos enfrentaram para frequentarem a escola: *“Meus filhos estudavam e trabalhavam no roçado. O estudante hoje tem o transporte escolar para levar e trazer ele para a escola. Naquela época não era assim. Os alunos iam para a escola a pé. Meus filhos percorriam uma distância de seis quilômetros para ir à escola”*.

Os filhos de tio Manoel ajudavam no trabalho do roçado. Uma peculiaridade nessa família está no que ele fala sobre seus filhos homens: *“parece que eles se dedicavam mais ao trabalho do que principalmente à sala de aula, aos estudos. É tanto que eles, muito cedo, abandonaram os estudos”*. Em seu estudo, Lahire encontrou casos de diferença entre os resultados escolares que estão relacionados à constituição da identidade sexual. Segundo o autor (LAHIRE, 1997, p. 345),

As mulheres também se encarregam da educação dos filhos e, principalmente do acompanhamento escolar deles. E tal fato não deixa de produzir efeitos na escolaridade dos filhos. Em mais de um caso, os meninos é que estão, escolarmente, com mais dificuldades, na medida em que a constituição de sua identidade sexual no seio da configuração familiar deve ajustar-se a um pai.

Os filhos homens de tio Manoel abandonaram a escola quando concluíram o ensino primário, como disse meu tio: *“Quando eles terminavam a 4ª série aqui na comunidade Boi Selado, tinham que ir estudar na cidade de Jucurutu, morar na Casa do Estudante. Eles não quiseram ir, acharam difícil”*. Meus primos seguiram o exemplo de meu tio, dedicaram-se ao trabalho do roçado. Essa identificação com o trabalho levou meus primos a abandonarem a vida escolar contribuindo, assim, para o engrossamento dos dados estatísticos sobre a evasão escolar da década de 1980. Segundo dados do IBGE, dos mais de 2,8 milhões de alunos no Nordeste do Brasil, matriculados na 1ª série do ensino primário no ano de 1981, apenas 379.427 mil chegaram à 8ª série do ensino fundamental no ano de 1988.

Segundo Tio Manoel, os filhos abandonaram os estudos porque se dedicavam mais ao trabalho do que à escola. Mas, não foi por falta de apoio ou de acompanhamento dos pais. Meu tio lembra o quanto incentivava para que eles continuassem estudando: *“Dei muitos conselhos para ver se eles continuavam estudando, porém, não adiantou muito. Por mais que eu e a mãe deles incentivássemos, mas eles não quiseram ir. Os meninos não foram estudar em Jucurutu. Só foram Helena e Da Guia morar e estudar na cidade”*.

Além dos incentivos dados aos filhos para que eles continuassem estudando, meu tio também demonstrava preocupação com o “bom comportamento” dos filhos no ambiente escolar: *“Eu dava conselhos para eles se comportarem bem dentro da sala de aula, respeitar o professor, não arengar com os colegas, prestar atenção no que o professor estava ensinando. Eu sou uma pessoa que queria que eles estudassem, mas tem gente que quer estudar mais, outros não querem. A gente não sabe o que fazer”*.

Os casos de fracasso escolar na família Vasconcelos não podem ser atribuídos à negligência dos pais. Meus tios não foram negligentes com a vida escolar de seus filhos. Aliás, os eventos de fracasso escolar não são constituídos apenas por esse fator. Lahire (1997, p. 334) fala da “injustiça interpretativa que se comete quando se evoca uma ‘omissão’ ou uma ‘negligência’ dos pais” quando os resultados escolares dos filhos tangem para o fracasso escolar. Nem sempre o fato de um pai ou uma mãe não estarem presentes no ambiente escolar, significa que esses pais sejam “negligentes” com a vida escolar dos filhos ou que os resultados indesejados, como fracasso, reprovação e evasão, traduzem a falta de apoio dos pais para com a vida escolar dos filhos.

Tio Manoel acompanhava a vida escolar dos filhos, mesmo sem poder estar presente no ambiente escolar onde eles estudavam. Ele insistiu e investiu na medida do possível para que eles continuassem estudando: *“Eu via que a situação, cada vez mais, ia ficando precária, mesmo vendo que uns se dedicavam mais ao trabalho do que aos estudos, mesmo assim, eu todo ano matriculava eles na escola mais próxima da minha residência, comprava aquele material que eu tinha condição de comprar”*.

Comprar o material que ele tinha condições de comprar naquela época é um exemplo do investimento financeiro que tio Manoel fez na vida escolar de seus filhos. Apesar desse investimento, apenas uma de suas filhas conseguiu permanecer no sistema escolar de ensino até concluir um curso de graduação e, atualmente, ela está concluindo um curso de especialização.

5.2 RAIMUNDA AFONSO: UMA MÃE VIGILANTE NO ACOMPANHAMENTO DO DEVER DE CASA

“Eu ficava vigiando se eles estavam mesmo fazendo o dever. Quando eles traziam os deveres para fazer em casa, meu marido, nesse dia, não levava eles para o roçado”.

Raimunda Afonso de Vasconcelos nasceu no dia 22 de julho de 1949 no sítio Piricô município de Santana do Matos/RN. Filha do casal de agricultores José Teixeira de Araújo e Maria Dantas de Araújo (in memoriam). Dona Raimunda não frequentou a escola quando criança, pelo mesmo motivo que muitas crianças que viveram a infância na década de 1950 no Nordeste do brasileiro: a falta de escolas nas áreas rurais nordestinas. Ela é alfabetizada graças à frequência a uma turma do EJA na comunidade Boi Selado.

Para dona Raimunda não foi fácil criar seus filhos vivendo da agricultura. Segundo ela, quando era um ano bom de inverno, melhorava um pouco, pois o que era colhido no roçado, dava para alimentar os filhos. Mas, quando era um ano de seca, as dificuldades aumentavam. Mesmo tendo as frentes de emergência, em que até as mulheres trabalhavam na construção de pequenos açudes, roçando mato, recuperando estradas, o dinheiro era pouco, muitas vezes, não dava para comprar uma alimentação melhor para os filhos.

Dona Raimunda lembra as dificuldades enfrentadas por seus filhos durante suas trajetórias escolares: *“Foram muitas as dificuldades. O dinheiro para comprar os materiais da escola era pouco. Era muitos filhos, tinha que comprar cadernos, lápis, borrachas, não tinha condições de comprar a farda para todos eles. Era difícil. Muitas vezes, os cadernos acabavam as folhas antes de terminar as aulas, e nós não tínhamos como comprar outro caderno. As meninas davam um jeito. Apagavam os deveres que a professora passava no início e, assim, elas escreviam naquelas folhas já usadas. Era muito difícil, não tinha o apoio do Governo, não tinha Bolsa Escola para os meninos estudarem. Naquela época não tinha nada disso”*.

Quanto ao acompanhamento da vida escolar dos filhos, dona Raimunda lembra as orientações que dava a eles sobre o regime disciplinar vivido dentro da escola: *“Tanto eu como meu marido, aconselhávamos eles para não desobedecerem ao professor, respeitar os colegas e não arengar; prestar atenção no que o professor ensinava e se alguém arengasse com eles, não revidasse. Eles tinham que dizer ao professor”*.

Esse tipo de orientação dada por dona Raimunda a seus filhos era sem dúvida uma forma de controle da vida escolar deles. Lahire (1997, p. 25) lembra que “uma parte das famílias das classes populares pode outorgar uma grande importância ao “bom comportamento” e ao respeito à autoridade do professor”. Para dona Raimunda, o “bom comportamento” era uma forma segura de que seus filhos estavam atentos aos ensinamentos dados pelo professor e segundo ela: *“Eu queria que eles estudassem,*

aproveitassem aquela oportunidade que eu não tive quando criança. Dentro da sala de aula, eles tinham que aprender, para não se criarem sem estudo como eu fui criada”.

Mesmo com as limitações impostas pelo fato de não ser alfabetizada, dona Raimunda fazia o acompanhamento do dever de casa de seus filhos: *“Eu não sabia ler nem escrever, não tinha como ensinar a eles nada nos deveres da escola, mas eu acompanhava, ficava vendo se eles estavam mesmo fazendo o dever de casa. Quando eles traziam os deveres para fazer em casa, meu marido nesse dia não levava eles para o roçado. Deixavam eles em casa para que eles fizessem o dever. Eu ficava vigiando se eles estavam mesmo fazendo o dever”.* Ela também era quem procurava a escola para saber os resultados escolares dos filhos. Quando um ficava em recuperação e não queria ir fazer a prova, dona Raimunda o incentivava a fazer. Ela acreditava que não era bom para uma criança passar um ano inteiro indo para a escola, muitas vezes a pé e, no final do ano, ser reprovada.

É importante lembrar que o acompanhamento da vida escolar dos filhos não se efetiva apenas no “auxílio” que se dá no dever de casa. Para Zago (2007, p 139),

O peso da presença da família não se faz unicamente pelo acompanhamento sistemático às atividades propriamente escolares, típicos das camadas médias (como exemplo, orientação nas tarefas de casa, incentivos diversos em leitura e escrita), mas abrange um conjunto de procedimentos, sobretudo de ordem moral e simbólica, como a valorização dos estudos, o lugar atribuído à escola e ao título por ela concedido, o apoio encorajador transmitido sobre o empenho e resultados escolares dos filhos.

Pelo fato de estar mais presente em casa durante o dia, Dona Raimunda era a encarregada do acompanhamento das atividades escolares dos filhos. Ela lembra que tio Manoel *“vivia muito ocupado com o trabalho, não tinha muito tempo para acompanhar a vida escolar deles”.* Ela sempre procurou incentivá-los para que eles não desistissem. Encorajava a fazerem a recuperação quando não eram aprovados por média. A atitude de dona Raimunda em “vigiar” se os filhos realmente estavam fazendo o dever de casa, pode ser entendida como um procedimento de ordem moral. Era uma maneira de controle sobre os filhos evitando que eles não usassem as atividades escolares como “desculpa” para não irem para o roçado. Pois, meu tio “dispensava” os filhos do trabalho do roçado, toda vida que traziam atividades da escola para fazer em casa e além disso, para se certificar de que estavam cumprindo com suas obrigações escolares.

Com relação às condições de vida que seus filhos vivem hoje, dona Raimunda vê certa diferença. Para ela, as condições de trabalho das duas filhas que estudaram é bem melhor do que as condições de trabalho dos que abandonaram a escola. Segundo ela, se eles tivessem estudado mais, as condições de vida eram bem melhores do que as que vivem hoje. Mesmo assim, dona Raimunda lembra que mesmo sem estudo, os filhos homens aprenderam uma profissão: *“todos trabalham. Os meninos, mesmo com pouco estudo, aprenderam uma profissão. Eles são pedreiros”*.

Aquilo que Viana (1998, p. 205) considera “como práticas familiares, favorecedoras da constituição de disposições temporais de futuro alargado” não foi percebido pela maioria dos filhos da família Vasconcelos. Pois, quase todos os filhos dessa família deram prioridade ao trabalho em detrimento dos estudos. Uma forma de viver o momento presente para eles, sem uma preocupação com o futuro. Tudo isso é visto hoje, tanto por dona Raimunda quanto por seu Manoel, nas condições de vida de seus filhos. . Para os pais dessa família, se os filhos tivessem “estudado mais”, teriam uma vida bem mais tranquila do que a que tem hoje.

5.3 FRANCISCA HELENA: O SONHO DE INFÂNCIA REALIZADO SOB OS VENTOS DAS ADVERSIDADES.

“Apesar das dificuldades, eu sentia muita vontade de estudar, e fui enfrentando essas dificuldades, pois eu tinha um sonho: de um dia ser uma profissional na área da educação, ser professora”.

Francisca Helena de Vasconcelos nasceu no dia 11 de agosto de 1972 no sítio Jangada município de Jucurutu/RN. Helena é a 2ª filha de uma família de composta por oito filhos. Apenas ela concluiu um curso de graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN em Assú e está concluindo um curso de especialização em Psicopedagogia pela Faculdade Vale do Jaguaribe – FVJ polo de Caicó/RN. Helena é professora na rede municipal de ensino no município de Jucurutu/RN desenvolvendo suas funções em turmas do ensino infantil na escola Estadual Professora Maria das Graças Silva Germano em Boi Selado. Ela é casada, mãe de uma filha e reside na comunidade onde trabalha.

Helena iniciou sua trajetória escolar aos sete anos de idade. Ela morava no sítio Jangada onde a escola ficava distante de sua residência razão pela qual seu pai pagou a uma professora particular para alfabetizá-la e também a sua minha irmã mais velha. Depois que estava alfabetizada pela professora Dôra, o pai de Helena fez a matrícula dela na Escola Municipal Manoel Pereira no sítio Jangada.

Nessa escola, Helena estudou até a 2ª série do ensino primário. Devido ao fato de seus pais terem se mudado do sítio Jangada para a comunidade rural de Boi Selado, no ano de 1984, Helena estudou a 3ª série na Escola Isolada Boi Selado. Após concluir o ensino primário na escola da comunidade rural de Boi Selado, Helena foi estudar em Jucurutu. Ela morou na Casa do Estudante até concluir o 2º grau.

Quando iniciou o 2º grau, Helena optou pelo curso do Magistério. Segundo ela, ser professora era um sonho que ela conduzia desde sua infância. Logo após concluir o Magistério, no ano de 1996, ela foi aprovada num concurso público para professora da rede municipal de ensino da Prefeitura Municipal de Jucurutu. No ano de 2011, surgiu a oportunidade para Helena ingressar num curso de graduação. Essa oportunidade se deu graças ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) oferecido pela UERN em Assú/RN, curso esse, concluído no ano de 2014.

Helena não parou sua trajetória escolar com a conclusão do curso de Pedagogia. Segundo ela, a vontade de estudar e a necessidade de buscar novos conhecimentos a fizeram buscar um curso de especialização: *“Quando eu concluí a graduação, eu senti a vontade de fazer um curso de especialização”*. Helena buscou um curso de Psicopedagogia no polo da Faculdade Vale do Jaguaribe-FVJ, em Caicó/RN. Helena diz ter a certeza de que sempre vai existir a necessidade de continuar estudando, buscando novos cursos de aperfeiçoamento, pois, o professor precisa dessa constante formação. *“O meu interesse é estar sempre me aperfeiçoando cada vez mais, para atender às necessidades que surgem dentro de sala de aula”*.

5.4 DO REAPROVEITAMENTO DO CADERNO AOS PONTOS DO CROCHÊ: ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS PARA SUPERAR AS DIFICULDADES.

A trajetória escolar de Helena também foi marcada por momentos difíceis. Enfrentar longas distâncias, andando a pé de sua residência até a escola no período em que estudava na Escola Municipal Manoel Pereira no sítio Jangada, o trabalho no roçado, quando ela ajudava a seu pai no plantio e na colheita e a escassez de recursos financeiros de sua família foram as principais dificuldades enfrentadas por Helena durante sua trajetória escolar. Para que tais dificuldades não prejudicassem o curso de sua trajetória escolar, ela precisou mobilizar-se no sentido de buscar alternativas capazes de minimizar ou superar tais dificuldades. Sobre a mobilização do estudante e os resultados escolares, Zago (2007, p 141) afirma:

Nas situações em que os jovens não dependem e mesmo não podem depender de um projeto e da mobilização dos pais para romper com a história escolar familiar, *sobressaem a forte mobilização e autodeterminação do estudante*, entre outras dimensões da atividade por ele desempenhada em seu processo de escolarização. (Grifo nosso)

Os pais de Helena faziam aquilo que podia ser feito com as condições financeiras que dispunham naquela época para que seus filhos estudassem, mas, só as ações dos pais de Helena não eram suficientes para que ela superasse as dificuldades de sua trajetória escolar. Era preciso que Helena também criasse condições favoráveis à sua permanência no sistema de ensino. Helena sempre foi autodeterminada quando o assunto era estudar: *“Mesmo com todas as dificuldades, eu não deixei de estudar”*. As dificuldades na trajetória escolar de Helena, quase sempre, decorriam da condição financeira de seus pais. Falando dessas dificuldades, ela se emociona: *“As condições financeiras naquela época eram precárias. Meu pai vivia da agricultura, [emocionada] passávamos muitas dificuldades para adquirir o material da escola. Lápis, caderno, muitas vezes, a gente não tinha. Nossos pais, muitas vezes não podiam comprar. Comprava um caderno no início do ano, e a gente tinha que “zelar” por esse material até o final do ano. Pois, se o caderno acabasse, eles não podiam comprar outro. Muitas vezes, a gente apagava aquelas atividades do início do ano e reaproveitava aquelas folhas para continuar estudando até o final do ano”*.

O zelo desenvolvido por Helena pelo material escolar que era comprado com muito “sacrifício” por seus pais era uma espécie de “antecipação quase perfeita do porvir” (BOURDIEU, 2009, p 108). Uma “previsão” de que aquele material não seria suficiente para a realização das tarefas escolares durante todo o ano letivo e que seria necessário “reaproveitar” as folhas do caderno, para isso era preciso zelar esse caderno durante todo o ano letivo. Apagar as atividades realizadas para que esse caderno fosse novamente

utilizado, foi sem dúvida, uma das estratégias desenvolvidas por Helena para superar as dificuldades de ordem econômica.

Quando Helena foi morar na Casa do Estudante em Jucurutu, as dificuldades de ordem financeira lhe acompanharam: *“muitas vezes, não tinha sequer um creme dental ou um sabonete para levar para a Casa do Estudante”*. Para superar essa necessidade, Helena aprendeu a fazer crochê e o dinheiro da venda desse artesanato era utilizado por Helena para suprir a necessidade acima descrita. Helena aprendeu desde cedo a mobilizar-se em busca de seus sonhos: *“Apesar das dificuldades, eu sentia muita vontade de estudar, e fui enfrentando essas dificuldades, pois eu tinha um sonho: de um dia ser uma profissional na área da educação, ser professora”*. Podemos perceber que ela tinha “motivos para a ação”: a busca de um sonho. Mesmo quando não há “projeto consciente elaborado pelas famílias direcionados para o ensino superior” (VIANA,1998, p. 279), pode ser que esse projeto passe a ser construído pelo estudante, na medida em que a crença na possibilidade de mudar de vida ou a realização de um sonho estejam atreladas à conclusão de um curso superior.

5.5 A VIGILÂNCIA NA EXECUÇÃO DO DEVER DE CASA: UMA FORMA DE ACOMPANHAMENTO DA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS FEITO POR QUEM NÃO SABIA LER.

No desenvolver de sua trajetória escolar é importante que o aluno tenha garantido a participação da família no acompanhamento dessa trajetória. Helena e seus outros irmãos tiveram esse apoio de seus pais. Vale lembrar que a ação da família em participar da vida escolar dos filhos, analisada de forma isolada dos outros fatores que contribuíram para a permanência do estudante no sistema de ensino, não justifica o sucesso escolar, porém sua ausência na vida escolar dos filhos da família Vasconcelos, teria dificultado ainda mais a vida escolar de Helena.

Os pais de Helena tinham cuidado em manter um controle moral do comportamento dos filhos dentro da escola. Ela lembra as orientações que recebia de seus pais antes de sair para a escola: *“Quando eu saía de casa, já era uma lição de moral. Meus pais já diziam como eu e meus irmãos deveríamos nos comportar dentro de sala de aula. Muitas vezes, ele dizia: ‘olhe meus filhos, não vão arengar com ninguém. Se alguém arengar com você, diga à professora. Não vá bater em ninguém. Se comporte. Preste atenção nas atividades e não responda mal à professora’. Isso eles nos orientavam e não era só uma vez, não. Eram constantes essas orientações”*. Para os pais de Helena não bastava orientar sobre o

comportamento de seus filhos dentro do ambiente escolar, o mais importante era a constância em que essas orientações ocorriam. Para Lahire (1997, p. 26), a “moral do bom comportamento, da conformidade às regras” são meios que podem “preparar uma boa escolaridade”.

Uma característica marcante na trajetória escolar dos filhos da família Vasconcelos foi o acompanhamento sistemático às atividades escolares feito por dona Raimunda. Além de procurar a escola para saber dos resultados escolares dos filhos, ela desempenhava o papel de vigilante quando os filhos estavam executando as tarefas escolares em casa: *“Meu pai vivia muito ocupado no trabalho do roçado. Ele dizia assim: ‘tem dever de casa hoje? Vá fazer o dever!’ Nesse dia, a gente não ia para o roçado. Minha mãe não sabia ler, não tinha como ensinar os deveres da escola à gente, mas ela ficava em casa vigiando se nós realmente estávamos fazendo o dever de casa”*.

Essa atitude da mãe de Helena assemelha-se ao que Zago (2007, p. 139) chama de “participação materializada pela vigilância na realização das tarefas, assim como uma atenção na ocupação do tempo”. Ora, meu tio concedia aos filhos o direito de não ir para o roçado no dia em que traziam tarefas da escola para fazerem em casa e o cuidado da mãe de Helena era para que os filhos não desperdiçassem esse tempo.

Não há como analisar os motivos que levaram os outros filhos da família Vasconcelos a abandonarem suas trajetórias escolares, mas o mais importante aqui é mostrar que dentro dessa configuração familiar, existiram condições que favoreceram à constituição da longevidade escolar. Helena, com certeza, percebeu essas condições e fez delas os nutrientes que germinaram a semente de seu sonho: *“ser uma profissional da educação. Ser professora”*.

6 A FAMÍLIA RODRIGUES: A MIGRAÇÃO DOS FILHOS MAIS VELHOS PARA A CIDADE GRANDE E AS IMPOSSIBILIDADES DE SUCESSO ESCOLAR

“Muitos deles tinham muita vontade de estudar, mas as condições eram poucas. Depois que o meu filho mais velho arrumou emprego em São Paulo, começou a levar os outros para morar lá com ele”.

A família Rodrigues é mais um exemplo de família que viveu em tempos e condições homólogas às demais que viveram no sítio Jangada município de Jucurutu/RN. Francisco Rodrigues Sobrinho e Maria das Dores Brito Rodrigues são os genitores desse núcleo familiar. Esse casal de agricultores teve onze filhos, cinco mulheres e seis homens. Vivendo da agricultura, esse casal criou os filhos com muita dificuldade, como lembra seu Francisco: *“Era muito difícil criar tanta gente vivendo do roçado. Eu trabalhei muito”*. Dos filhos da família Rodrigues, apenas a filha mais nova conseguiu permanecer no sistema escolar de ensino até a conclusão de um curso de graduação e outro de especialização. Os demais filhos, sete abandonaram a escola ainda no ensino fundamental, um concluiu a 8ª série e três o ensino médio.

A entrevista com esse casal de agricultores aconteceu no mês de dezembro de 2016, na residência de dona Maria das Dores na cidade de Jucurutu/RN, onde ela mora com sua filha Valdenúzia, seu genro e sua netinha de um ano. Como seu Francisco Rodrigues, hoje, vive separado de sua esposa e mora sozinho, mas mantém uma boa relação com ela e com seus filhos, acertamos com ele o local e a data da entrevista e o mesmo concordou e compareceu no horário e local marcados.

6.1 FRANCISCO RODRIGUES SOBRINHO: A INFÂNCIA VIVIDA NO ROÇADO DEVIDO À FALTA DE ESCOLA NO CAMPO.

“Me criei sem saber ler e escrever. Fui criado trabalhando no roçado, também não tinha escola perto de onde a gente morava. Era muito difícil uma escola naquele tempo”.

Francisco Rodrigues Sobrinho nasceu no dia 04 de outubro de 1940 no sítio Santo Antônio município de Santana do Matos/RN. Filho do casal de agricultores Francisco Silvério da Silva e Alzira Francisca da Silva (in memoriam). Seu Francisco diz que nunca frequentou a escola e não é alfabetizado. Ele lembra que não havia escola no sítio onde morava quando criança: *“me criei sem saber ler e escrever. Fui criado trabalhando no roçado. Também não tinha escola perto de onde agente morava, era muito difícil uma escola naquele tempo”.*

Seu Francisco, hoje aposentado, lembra as dificuldades que teve para criar seus filhos vivendo da agricultura: *“Era muito difícil criar um monte de filho com o que a gente conseguia no roçado. Hoje, é mais fácil. Eu trabalhei muito. Uns meninos queriam ir para a escola, outros iam com preguiça, aqueles que não queriam estudar, iam trabalhar no roçado”.* Para Lahire (1997, p. 25) a “estabilidade financeira do chefe de família oferece condições para uma regularidade doméstica”. Podemos imaginar que essa regularidade, pelo menos em termos financeiros, dificilmente se constituía numa família de agricultores no início da década de 1980. A instabilidade financeira era uma constante na vida dessas famílias. Viver da agricultura, naquela época, não era fácil, criar onze filhos em meio essa instabilidade tornava-se mais difícil nos anos de seca prolongada.

Dentre as dificuldades mencionadas por seu Francisco está a redução da mão de obra no roçado quando os filhos saíam para estudar: *“Eu achava difícil era ficar sozinho no roçado para eles estudarem. Mas, não podia deixar de mandar eles para a escola, senão*

eles se criavam sem saber ler como eu fui criado”. Vale salientar que ele fez essa colocação, referindo-se ao momento em que seu filho mais velho, na época com 16 anos, foi morar na cidade de Caicó/RN para estudar a 5ª série. Para Zago (2013, p. 185) “para essa questão, pode-se levantar a hipótese de que essa saída dos filhos, além de reduzir a mão de obra na agricultura familiar, pode estar entre os principais geradores de impasse familiar”.

Seu Francisco alega que não tinha como ele acompanhar as tarefas escolares de seus filhos: *“Eu não tinha nem como acompanhar esses deveres que eles traziam da escola. Eu não sabia ler. Quem fazia esse acompanhamento era a mãe deles”*. Ele reconhece que a falta de capital escolar, não o credenciava para acompanhar os deveres de casa dos filhos. Esse papel ele atribuía a sua esposa, pois ela detinha certo capital escolar. Berger (1986, p. 108) quando fala sobre os papéis que assumimos na sociedade, diz que esse “papel pode ser definido como uma resposta tipificada a uma expectativa tipificada”. Seu Francisco esperava de sua esposa essa “resposta”. Ele tinha a expectativa de que ela assumisse o acompanhamento da escolarização de seus filhos e, assim, ela o fez.

6.2 MARIA DAS DORES: A PROFESSORA PARTICULAR QUE OS PAIS AGRICULTORES PAGAVAM PARA ELA ALFABETIZAR OS FILHOS

“Eu acompanhava sim. Ensinava a eles a fazerem o dever de casa. Logo, eu tinha sido professora, havia ensinado como professora particular a muitos meninos lá no sítio”.

Maria das Dores Brito Rodrigues nasceu no dia 28 de fevereiro de 1946 na cidade de Caicó/RN. Filha do agricultor Sebastião Brito e da dona de casa Generina Pereira de Medeiros (in memoriam). Ela concluiu o ensino fundamental, pois nasceu e passou a sua infância e adolescência numa cidade que dava possibilidade para as crianças estudarem. Sobre o período em que estudava, Maria das Dores fala com certa gratidão: *“Eu cheguei a concluir o ensino fundamental. Como eu nasci e me criei na cidade, eu frequentei a escola. Naquela época, era chamado ginásial. Eu concluí o curso equivalente ao ensino fundamental. Tive esse privilégio de morar numa cidade que tinha escola para as crianças”*. A história da vida escolar de Maria das Dores, mesmo ela tendo concluído

apenas o ensino fundamental, nos mostra uma diferença significativa em relação à escolaridade dos outros pais das famílias que compõem a base de dados dessa pesquisa. Maria das Dores, diferente desses outros pais, nasceu e se criou em uma cidade. Um ambiente onde existia a oferta de escolas para as crianças. O fato de seu Francisco e os outros pais agricultores não terem frequentado a escola e os que frequentaram não terem concluído o ensino fundamental está diretamente ligado à falta de escolas nas comunidades rurais no período em que esses pais eram crianças. Vale lembrar que todos esses pais viveram sua infância entre a década de 1950 e 1960. Todos eles nasceram e se criaram na zona rural, apenas Maria das Dores nasceu e se criou num ambiente urbano.

A escolaridade de Maria das Dores também teve uma utilidade significativa na vida escolar de alguns agentes dessa pesquisa. Ela foi a professora alfabetizadora de alguns desses agentes. Quando ela se casou e foi morar no sítio Jangada, município de Jucurutu, na falta de uma escola onde as crianças daquele sítio pudessem estudar, os agricultores, que ali moravam, pagavam à Maria das Dores, para que ela alfabetizasse seus filhos.

Com a escolaridade que tinha e exercendo a função de professora particular, era natural que seu Francisco atribuísse à Maria das Dores o papel de “acompanhante” da vida escolar dos filhos. Dona Maria das Dores assumiu o papel de acompanhar a vida escolar de seus filhos: *“Eu acompanhava sim, ensinava a eles a fazerem o dever de casa. Logo, eu tinha sido professora, havia ensinado como professora particular a muitos meninos lá no sítio, inclusive a suas irmãs mais velhas: Aparecida, Francisca, Isabel e Lúcia. Eu ensinava a eles os deveres de casa, para eles não chegarem na escola sem ter feito o dever e a professora colocar eles de castigo. Eu queria que eles aprendessem o que a professora ensinava, passasse de ano e concluísse os estudos”*.

Mesmo com o acompanhamento da vida escolar feito por Dona Maria das Dores, apenas uma de suas filhas conseguiu a longevidade escolar. Esse fato reforça a ideia de que o sucesso escolar não está relacionado a um fator singular. No contexto familiar, vários fatores podem estar na gênese do sucesso ou do fracasso escolar. Talvez as formas como os filhos de Dona Maria das Dores percebiam as dificuldades, tenham contribuído negativamente na trajetória escolar dos que interromperam seus estudos. Dona Maria das Dores fala da vontade que alguns de seus filhos tinha de estudar e das dificuldades que, talvez, tenham contribuído para a interrupção da trajetória escolar deles: *“muitos deles tinham muita vontade de estudar, mas as condições eram poucas. Depois que o meu filho mais velho arrumou emprego em São Paulo, começou a levar os outros para morar lá com*

ele. As dificuldades aqui eram muito grandes. Os filhos homens ficando rapaz e precisavam arrumar um emprego para conseguir comprar o que eles precisavam. Nós não tínhamos condições de dar tudo que eles precisavam”.

Diante dessas dificuldades vividas, esses jovens tiveram como alternativa a migração do campo para a cidade. Para Zago (2013, p. 172), “a migração, geralmente em direção à cidade, apresentava-se como condição mais provável e não se configurava necessariamente em uma escolha deliberada de atração pela vida urbana”. Na verdade, as dificuldades descritas por Dona Maria das Dores foram para seus filhos motivos geradores da necessidade dessa migração. Era comum naquela época o êxodo rural, sobretudo, da população jovem masculina: Viajar para os estados das regiões Sul e Sudeste em busca de trabalho. Geralmente, os filhos mais velhos migravam primeiro e, na medida em que conseguiam trabalho, os demais iam depois. Foi assim com a família Rodrigues. As dificuldades financeiras vividas no campo pesaram mais do que a vontade de estudar que Dona Maria das Dores percebia em seus filhos.

6.3 VALDENUZIA RODRIGUES: A CAÇULA QUE FOI BENEFICIADA POR NÃO TER MIGRADO PARA A CIDADE GRANDE.

“Era um pouco difícil. Às vezes, as questões financeiras aparecem como dificuldade, meus irmãos mais velhos migraram para a cidade grande e eu fiquei na companhia de meus pais”.

Valdenuzia de Brito Rodrigues nasceu no dia 07 de setembro de 1986 numa maternidade na cidade de Jucurutu/RN. Ela é a filha mais nova de uma família composta por onze filhos. Desses filhos, apenas Valdenuzia conseguiu prolongar sua trajetória escolar até o ensino superior. Ela é casada, mãe de uma filha de apenas dois anos e mora com seu esposo na casa de sua mãe na cidade de Jucurutu. Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus de Assú/RN e especialista em Fundamentos Epistemológicos da Educação Infantil e Ensino Fundamental pela Faculdade

Vale do Jaguaribe, polo de Caicó/RN, Valdenuzia é professora na rede municipal de ensino em Jucurutu-RN. Atualmente, vem desenvolvendo suas atividades como orientadora pedagógica no Centro de Ensino Rural de Jucurutu.

Valdenuzia iniciou sua trajetória escolar aos sete anos de idade quando ainda morava na zona rural. Ela começou estudando na escola Municipal Manoel Pereira no sítio Jangada. Nessa escola, ela estudou por um período de dois anos, 1ª e 2ª séries. Depois que seus pais se mudaram para a cidade de Jucurutu, a partir da 3ª série, Valdenuzia estudou em escolas da zona urbana. Ela concluiu o Ensino Fundamental na Escola Estadual Antônio Batista e o Ensino Médio na Escola Estadual Newman Queiroz.

Valdenuzia lembra que durante o ensino fundamental, ainda quando estudava a 7ª série, interrompeu sua trajetória escolar, devido a um problema de saúde que sua mãe desenvolveu. Ela teve que acompanhar sua mãe durante um procedimento cirúrgico em Natal. Como ela havia atrasado um ano em sua vida escolar, no ano seguinte, fez o supletivo: *“retornei à escola Antônio Batista no turno noturno, para compensar o ano que eu havia perdido. Daí eu não parei mais de estudar”*.

Logo que concluiu o Ensino Médio, fez o vestibular para o curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus de Assú/RN, e foi aprovada. Após concluir o curso de Pedagogia, Valdenuzia ingressou num curso de especialização num polo da Faculdade Vale do Jaguaribe em Caicó. Hoje, é especialista em Fundamentos Epistemológicos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

6.4. UMA TRAJETÓRIA ESCOLAR DE SUCESSO, CONSTITUÍDA MEDIANTE A INTERIORIZAÇÃO DA NECESSIDADE DE ESTUDAR.

A trajetória escolar de Valdenuzia se desenvolveu de forma regular, sem muitas dificuldades, apenas uma interrupção motivada pela necessidade de acompanhar sua mãe durante um tratamento de saúde. Ela lembra que ajudava aos pais no trabalho do roçado, mas diferentemente dos outros irmãos que trabalhavam nos serviços mais penosos da agricultura. *“Não era na questão de limpar o mato do roçado ou capinar. Eu ajudava na questão de plantar, apanhar feijão. Meus pais também, me colocavam para pasturar os passarinhos para não comer o arroz, esse tipo de coisa. Outra função minha era ir deixar*

o lanche para eles no momento em que eles estavam trabalhando no roçado. Eu ficava mais em casa do que na lida do roçado”.

Valdenuzia foi beneficiada em seu processo de escolarização, pelo fato de ser a caçula da família. “Às vezes, são os caçulas os mais beneficiados em sua escolarização” (ROMANELLI apud GLÓRIA, 2010, p. 3). O fato de seus pais terem se mudado para a cidade quando Valdenuzia ainda era criança, de certa forma, facilitou sua permanência no sistema escolar de ensino. Durante o tempo em que viveu na roça, ela foi até certo ponto “poupada” do trabalho no roçado. Morando na cidade, as condições de acesso à escola foram ampliadas para Valdenuzia. Ela lembra que as dificuldades em sua trajetória escolar não tiveram grandes influências nos resultados alcançados: “*Eu não considero grandes dificuldades. Era um pouco difícil, às vezes, as questões financeiras aparecem como dificuldade. Meus irmãos mais velhos migraram para a cidade grande, eu fiquei na companhia de meus pais. Mas, se a gente quiser mesmo buscar alguma coisa na vida, isso não torna impossível. Eu não considero isso como dificuldade*”.

Valdenuzia interiorizou a necessidade do “querer” buscar algo para sua vida e que os obstáculos surgidos não tornariam impossível essa busca. Outro fator essencial para o sucesso de um aluno é o seu próprio interesse em aprender, sua força de vontade (CARVALHO, 2010, p. 6). É preciso que consideremos essa força de vontade que o aluno desenvolve durante sua trajetória escolar. “É importante que o aluno interiorize a necessidade do estudo, da leitura, da regularidade” (LAHIRE apud CARVALHO, 2010, p. 6). Valdenuzia interiorizou a necessidade de estudar: “*eu botei na minha cabeça que os outros jovens da minha cidade, alguns com mais dificuldades que eu, que se eles conseguiram, por que eu não poderia conseguir? Não é porque eu fosse pobre ou viesse de família humilde que eu não pudesse chegar a uma graduação a um curso superior*”. Essa percepção que era necessário estudar é evidenciada no que Viana (2009, p. 205) chama de existência de um horizonte temporal de futuro distendido entre os membros da família, isto é, pela crença de que “melhorar de/a vida” era possível.

Essa força de vontade de estudar que Valdenuzia nutriu durante sua trajetória escolar teve o acompanhamento especial de sua mãe: “*minha mãe sempre acompanhou minha vida escolar. Meu pai era mais a parte do trabalho no roçado. Quem mais incentivava a gente para ir à escola era minha mãe. Ela sempre falava da questão de ter que respeitar o professor, que na sala de aula tinha que se comportar bem. Sempre que*

podia, ela me auxiliava nas tarefas de casa, tarefas complementares. Fazia no caderno para ajudar a gente. Uma espécie de reforço, para a gente aprender a ler e escrever”.

As mães são, em muitos casos, as responsáveis pelo “acompanhamento aos deveres de casa e à vida escolar do filho” (HALLAM apud RESENDE, 2013, p. 215) e essa forma de acompanhamento na vida escolar aos filhos torna-se essencial para o sucesso escolar. Segundo Lahire (1997, p. 29), alguns pais, muitas vezes, “aumentam o número de exercícios da lição de casa”. Com essa forma de acompanhamento sistemático, os pais tentam reforçar aquilo que é ensinado na escola pelo professor, uma forma de valorizar o saber escolar. Essa forma torna-se eficaz na medida em que o aluno consegue interiorizar esse valor.

6.5 A PRATICIDADE NA ESCOLHA DO CURSO DE GRADUAÇÃO, UMA AÇÃO NAS POSSIBILIDADES DISPONÍVEIS

Durante a trajetória escolar de Valdenuzia alguns fatores contribuíram para o seu prolongamento para além do Ensino Médio. Dentre esses fatores, o reconhecer das oportunidades disponíveis foi fundamental para o seu ingresso no Ensino Superior. Quando questionada sobre a escolha do curso de graduação, Valdenuzia explica as razões que a levaram a fazer o curso de Pedagogia: *“Fiz Pedagogia porque a faculdade era numa cidade próxima a Jucurutu, no campus da UERN em Assú, e por ter um transporte que o município oferecia para transportar os estudantes universitários no turno noturno. Que já era um horário em que, se eu arranjasse um trabalho durante o dia, não era empecilho para eu estudar durante a noite. Mas, de início eu visava Medicina, Nutrição, mas descartei por serem cursos de mais difícil acesso”.* Valdenuzia, ciente das possibilidades que tinha de entrar num curso de graduação, não se prendeu aos devaneios dos sonhos, foi prática e objetiva em segurar a oportunidade disponível. Segundo Bourdieu (2009, p. 108), o senso prático orienta as “escolhas” que mesmo não sendo deliberadas não são menos sistemáticas.

A escolha feita por Valdenuzia foi uma escolha deliberada. Ela deixa claro o sonho que tinha, mas as circunstâncias da vida lhe encaminharam para o curso de Pedagogia. Para a maioria, não existe verdadeiramente uma escolha pelo curso, mas uma adaptação, um

ajuste às condições que o candidato julga condizente com a sua realidade objetiva (ZAGO, 2011, p. 146). Valdenúzia ajustou-se às condições existentes e foi capaz de fazer previsões de futuro quando optou por um curso em horário noturno. Caso viesse a “arranjar” um emprego durante o dia, não seria prejudicada em seu horário de estudo.

A história de sucesso escolar de Valdenúzia, como as demais histórias dos filhos de agricultores analisadas nessa pesquisa, pode contrariar a lógica do improvável, mas ainda está longe de ser a história da maioria dos jovens oriundos dos meios populares. O acesso de jovens das camadas populares ao Ensino Superior no Brasil ainda passa pelo gargalo da seletividade. Zago (2011, p. 147-148) diz que o prolongamento da escolarização nesses meios sociais vem revelando formas precárias de inclusão no sistema de ensino e estas não se limitam aos níveis mais elevados de escolarização. Não é fácil para um filho de agricultor permanecer no sistema escolar de ensino até a conclusão de um curso de graduação. Quando esse evento ocorre, ele é motivado por um conjunto de fatores que se relacionam articuladamente no sentido de criar condições favoráveis ao sucesso.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse trabalho de pesquisa e fundamentado em estudos que abordam a permanência de estudantes das camadas populares no sistema de ensino até a conclusão de

um curso de graduação, busquei neste texto mostrar alguns fatores que contribuíram para a constituição da longevidade escolar de filhos de agricultores na comunidade rural de Boi Selado em Jucurutu/RN. Ciente das minhas limitações e da impossibilidade de dar conta de todos esses fatores, finalizo esse trabalho destacando algumas ideias que considero relevantes pela ocorrência dentro das trajetórias escolares aqui estudadas.

No contexto familiar, vários fatores favoráveis ao sucesso escolar se associam ou se inter-relacionam de maneira aleatória (LAURENS apud ZAGO, 2011, p. 138). Dentre os fatores presentes na constituição da longevidade escolar dos agentes colaboradores dessa pesquisa estão: os investimentos econômicos e simbólicos e o capital social dos pais, o acompanhamento da vida escolar dos filhos feito pelos pais, as disposições mobilizadoras dos filhos agricultores e as disposições temporais em relação ao futuro (VIANA, 2009, p. 208). Vale lembrar, que mesmo que esses fatores se relacionem, eles podem agir em maior ou em menor grau na trajetória escolar de filhos do mesmo núcleo familiar.

Segundo Bourdieu (2015, p. 75), “o capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações*”. A rede de relações sociais que meu pai detinha foi com certeza o diferencial que favoreceu a ocorrência de nove eventos de trajetórias escolares prolongadas na família. Ele desde cedo estabeleceu relações de filiação ao movimento sindical e foi graças a essa militância que incorporou a ideia da necessidade de investir na escolaridade dos filhos. Para justificar essa afirmação, transcrevo na íntegra um trecho da sua fala sobre a influência que o movimento sindical teve para a formação de sua consciência política: *“Eu comecei no movimento sindical devido à necessidade que o trabalhador rural tinha nos anos 60 antes do golpe militar porque o trabalhador rural era o ‘escravo branco’. Tinha acabado a escravidão negra no Brasil, mas o trabalhador rural continuava trabalhando em condições escravas. Com as experiências vividas no movimento sindical, eu comecei a ver que a vida na agricultura não convinha para minha família. Então, a saída era incentivar para que eles estudassem para, mais no futuro, não serem agricultores como eu era”*.

Para Lahire (1997, p. 29), quando levamos em consideração a leitura sociológica sobre os casos de “sucesso” escolar em indivíduos oriundos das camadas populares encontramos um leque de hipóteses. Dentre essas hipóteses está, em algumas famílias, o envolvimento religioso, sindical ou político. Vale lembrar que dentre as famílias que constituem a base de dados dessa pesquisa apenas meu pai era sindicalista.

Não tenho aqui a pretensão de supervalorizar o capital social adquirido por meu pai dentro do movimento sindical como o único fator constituinte da longevidade escolar em

filhos de agricultores. Apenas quero pôr em relevo a importância desse fator quando analisamos o volume de ocorrência de trajetórias escolares prolongadas dentro do seu núcleo familiar.

Outro fator recorrente em todas as famílias pesquisadas é o acompanhamento da vida escolar dos filhos feito pelos pais. Nas três outras famílias, esse acompanhamento, sobretudo, das atividades escolares, era feito apenas pela mãe. Nessas famílias, ocorreu uma divisão sexual dos afazeres familiares. Os pais desprovidos ou com reduzido capital escolar ficavam encarregados apenas do trabalho no roçado e do provimento das necessidades alimentares da família. Na família Souza, esse acompanhamento era feito tanto por meu pai como pela minha mãe. Acompanhamento esse, que não se fez unicamente de modo sistemático às atividades propriamente escolares, mas abrangeu também um conjunto de procedimentos, sobretudo, de ordem moral e simbólica. (ZAGO, 2007, p. 139). Muitas vezes, o professor comete um equívoco quando faz uma análise superficial desse acompanhamento, apenas pela “janela do dever de casa” (RESENDE, 2013, p. 199). Há outras formas de acompanhamento, é preciso que se leve em consideração as lógicas das configurações familiares. O acompanhamento de ordem moral e simbólica esteve presente nas práticas socializadoras de todas as famílias investigadas nessa pesquisa.

As disposições mobilizadoras dos filhos/alunos também foi um dos fatores constituintes da longevidade escolar dos filhos desses agricultores. Foi o que eles fizeram durante o prolongamento de suas trajetórias escolares, mobilizar-se no sentido de superar os obstáculos que, às vezes, insistiam em atravessar seu percurso. Uma das dimensões mais marcantes da trajetória escolar desses jovens, é sua “disposição de conquista” diante do futuro. “Ser possível” e “num tempo possível” foram atitudes fortemente mobilizadoras de energias subjetivas e materiais para seu empreendimento escolar, (VIANA, 2009, p. 205-206).

Acreditar que era possível “fugir” da condição agricultora em que viviam ou acreditar que era possível romper com a história de fracasso escolar são exemplos presentes dentro dessas famílias estudadas. Outra vez recorro ao exemplo dos meus irmãos. Para nosso pai, as disposições temporais em relação ao futuro via escolarização, era um meio de evitar que os filhos homens reproduzissem a condição de vida dos agricultores daquela época e para as filhas mulheres, um meio de emancipação. Ele nos alertava sobre a necessidade de estudar. Para os filhos homens, ele sempre dizia: *“Vocês têm dois caminhos para seguir: Ou você fica na agricultura, nesse trabalho árduo como você está vivendo*

hoje, ou então você vai procurar uma vida melhor através dos estudos”. Para as filhas mulheres, a orientação era outra: *“estude para arrumar um emprego e não depender de homem*”. Era de todas as formas uma fuga da condição em que vivíamos naquela época; os homens tinham que buscar via escolarização uma condição de vida diferente da que nosso pai vivia, e as mulheres tinham que buscar uma condição de vida diferente da vivida por nossa mãe.

Contudo, os casos das trajetórias escolares não prolongadas dentre as famílias pesquisadas não podem ser entendidos apenas como ausências de disposição mobilizadora desses filhos agricultores ou como falta de “foça de vontade” destes. É preciso que consideremos os fatores sociais que constituíram a interrupção de muitas dessas trajetórias ainda no ensino fundamental. Na maioria dos casos, este abandono ocorreu devido à necessidade de trabalhar para ajudar em casa ou devido a sucessivas reprovações. Um resultado indesejado como a não aprovação cria uma atmosfera propícia ao abandono e a sucessão constante desses resultados leva o aluno a se perceber excluído do jogo escolar. Nestes casos, a baixa autoestima destes alunos é um fator agravante que pode favorecer a evasão escolar. Os casos das trajetórias escolares interrompidas ainda no ensino fundamental nas famílias Aquino, Vasconcelos e Rodrigues podem ter como agravante essa baixa autoestima.

O conjunto dos fatores até aqui mencionados que favoreceu o “sucesso” escolar dos agentes colaboradores desta pesquisa, tem uma influência que varia em maior ou em menor grau e essa variação depende muito da subjetividade de cada trajetória analisada. Se alguém vier questionar a influência de tais fatores na vida dos filhos dessas famílias que não conseguiram a longevidade escolar, arrisco a dizer que na mesma proporção que existem fatores favorecedores do sucesso, existem fatores que dificultam o êxito escolar.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. **Pespectivas Sociológicas: uma visao humanística**; tradução de Donaldson M. Garschagem. Petrópolis, Vozes, 1986

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**/ Maria Alice Nogueira e Afrânio Cantani (organizadores). 16 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.- (Coleção Ciências Sociais da Educação).

_____. **O senso prático**. Petrópolis, RJ. Ed: Vozes, 2009.

BRANDAO, Z. **Direito à Educação e Cidadania Escolar**. Boletim CEDES, v. 1, p. 1-7, 2014.

CARVALHO, Arlena Maria Cruz de. **Alcançando o sucesso escolar: fatores que auxiliam nesta conquista**. Revista Vertentes, São João del Rei, MG, n.35, 2010. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/vertentes/Vertentes_35/arlena_carvalho.pdf. Acesso em: 08 nov.2016.

FERRARO, Alceu R. **Analfabetismo no Brasil: tendência secular e avanços recentes. Resultados preliminares**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 52, p. 35-49,1995

FERRARO, Alceu Ravanello; MACHADO, Nádie Christina Ferreira. **Da universalização do acesso à escola no Brasil**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 79, p. 213-233, ago. 2002.

FERRARO, Alceu Ravanello. **Diagnóstico da escolarização no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, ANPED, n.12, set. /out. /nov./dez., 1999. p.22-49.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Revista Educação & Sociedade, Campinas, n. 79, p. 257-272, Ago, 2002

GODOY, Arilda S., **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, In Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, Mar./Abr. 1995a, p. 57-63

GLÓRIA, D. M. **O Lugar ocupado na frátria e sua influência na escolarização: 33ª Reunião da ANPED**, p. 15. (14 de abril de 2010).

IBGE. Censo demográfico 1980. Rio de Janeiro: IBGE.

_____. Censo demográfico 1991. Rio de Janeiro: IBGE.

_____. Censo Demográfico 1990 & Indicadores da variação da população período 1980-1990. Rio de Janeiro, IBGE, 1995.

LAHIRE, Bernard. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefeder. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997..

NOGUEIRA, Maria Alice. **Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão**. Revista Brasileira de Educação, n. 26, maio/ago. 2004.

PAIXÃO, Lea Pinheiro, Nadir Zago, **Sociologia da Educação**; Pesquisa e realidade brasileira (orgs.) .2. ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011 – (Coleção Ciências Sociais da Educação).

PIOTTO, D. **As exceções e suas regras: estudantes das camadas populares em uma universidade pública**. IP-USP, Tese de Doutorado, 2007.

RESENDE, Tânia de Freitas. **Pela ‘janela’ do dever de casa, o que se vê das relações entre escolas e famílias?** In: Geraldo Romanelli; Maria Alice Nogueira; Nadir Zago (Org.). *Família & escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 199-219

ZAGO, Nadir. **Agricultura familiar e o destino social dos jovens – Entre a permanência na agricultura e a busca de novos horizontes via escolarização.?** In: Geraldo Romanelli; Maria Alice Nogueira; Nadir Zago (Org.). *Família & escola: novas perspectivas de análise*. 1ed.Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 165-195.

_____ **Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais**. In: Paixão, Lea P.; ZAGO, Nadir. (Org.). *Sociologia da Educação. Pesquisa e realidade brasileira*. 01ed.Petrópolis: Vozes, 2007, v. 01, p. 128-153.

SOUZA, Iasminni de Souza. **Expectativa e estratégias que favorecem a longevidade escolar para as famílias de baixa renda: um estudo em Santo Amaro da Purificação-BA**. Biblioteca Digital/UFRB. 2014. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br>. Acesso em: 05 set.2016.

THIN, Daniel. **Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, p. 211-225, 2006.

VIANA, Maria José Braga. **Disposições temporais de futuro e longevidade escolar em famílias populares**. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 27, n. 1, 195-2015. Jan/jun. 2009.

_____ **Longevidade escolar em famílias de camadas populares: Algumas condições de possibilidade**, 267p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte,1998.

|